



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LINGUAGEM E ENSINO**



**DIÁSPORA, TRAUMA E DEPRESSÃO NOS ROMANCES *O CAMINHO DE CASA*  
E *REINO TRANSCENDENTE*, DE YAA GYASI**

PAULA DE SOUSA COSTA

CAMPINA GRANDE

2024

PAULA DE SOUSA COSTA

**DIÁSPORA, TRAUMA E DEPRESSÃO NOS ROMANCES *O CAMINHO DE CASA*  
E *REINO TRANSCENDENTE*, DE YAA GYASI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG), em cumprimento aos requisitos para defesa e obtenção do Título de Doutor em Linguagem e Ensino, na área de Estudos Literários.

**Orientadora: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz**

CAMPINA GRANDE

2024

C837d

Costa, Paula de Sousa.

Diáspora, trauma e depressão nos romances *O Caminho de Casa e Reino Transcendente*, de Yaa Gyasi / Paula de Sousa Costa. – Campina Grande, 2024.

148 f. : il. color.

Tese (Doutorado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz".

Referências.

1. Crítica e Interpretação Literária. 2. Análise Literária. 3. Estudos Literários. 4. Literatura Afro-americana. 5. Diáspora – Trauma – Depressão – Romance Afro-americano. 5. Gyasi, Yaa, 1989-. I. Pinheiro-Mariz, Josilene. II. Título.

CDU 82.091(043)

PAULA DE SOUSA COSTA

**DIÁSPORA, TRAUMA E DEPRESSÃO NOS ROMANCES *O CAMINHO DE CASA*  
E *REINO TRANSCENDENTE*, DE YAA GYASI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG), em cumprimento aos requisitos para defesa e obtenção do Título de Doutor em Linguagem e Ensino, na área de Estudos Literários.

**Orientadora: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz**

Aprovado em: 09 de maio de 2024

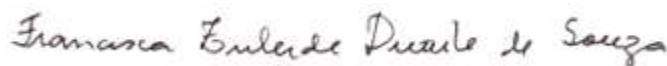


---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG-Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Isis Milreu (UFCG- Examinadora interna)



---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Francisca Zuleide Duarte de Souza (UEPB - Examinadora externa)



---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Maria da Glória Magalhães dos Reis (UnB - Examinadora externa)



---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Naiara Sales Araujo Santos (UFMA - Examinadora externa)

Levanta-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a  
glória do SENHOR vai nascendo sobre ti.

Isaías 60:1

Ao Deus que até aqui me ajudou  
Aos meus pais que são meu alicerce  
A Eliel e Alice, minha motivação e força  
À professora Josilene por compartilhar comigo essa jornada

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua benevolência, cuidado e oportunidade de crescer e aprender ao lado de grandes pessoas que me ajudaram a desenvolver e concluir esta pesquisa.

Agradeço a meus pais, Pedro e Luciene, que sonharam junto comigo e me ensinaram a lutar pelos meus sonhos.

Agradeço aos meus irmãos, Luis Paulo, Patrícia e Pedro Júnior, pela torcida e apoio.

Agradeço a meu marido Danielton Gomes pelo companheirismo, apoio e palavras de incentivo.

Agradeço à minha orientadora Josilene Pinheiro-Mariz pelo acompanhamento, conselhos e ensinamentos que levarei para a vida. A ela minha admiração pelo exemplo de profissional e ser humano.

Agradeço às professoras Isis Milreu, Marta Nóbrega, Shirley Porto e Naelza de Araújo pelo acompanhamento e ensinamentos durante as disciplinas e desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço às professoras Glória Magalhães, Zuleide Duarte e Isis Milreu pela disponibilidade e por suas contribuições no exame de qualificação.

Agradeço aos colegas do curso pelas conversas, trocas e companheirismo durante esta jornada.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação e a Universidade Federal de Campina Grande pela oportunidade de construir aprendizado por meio do incentivo à pesquisa.

## RESUMO

Na literatura, as temáticas da diáspora, trauma e depressão tem espaço ao longo da tradição literária. Assim, esta pesquisa tem como *corpus* dois romances *O Caminho de casa* (2017) e *Reino transcendente* (2021), da escritora Yaa Gyasi, os quais apresentam a problemática do movimento diaspórico africano para o Ocidente. O primeiro narra uma história épica de migração do povo africano para a América, desde o início do tráfico negreiro até os dias atuais. O segundo é contextualizado na vivência dos que buscaram o ‘sonho americano’, mas encontraram uma realidade conturbada pelo preconceito e violência. Com esse olhar, nesta pesquisa, temos como objetivo geral analisar a relação entre diáspora e depressão pelo prisma da decolonialidade nas obras *O Caminho de casa* (2017) e *Reino transcendente* (2021) de Yaa Gyasi, levando em consideração a conjuntura sociocultural diaspórica em um mundo pós-moderno, mediante colonização e escravização presentes na narrativa. Nossos objetivos específicos são: a) investigar a relação entre o comportamento de depressão e o movimento diáspora, bem como experiências traumáticas vividas e manifestadas pelas personagens da obra em estudo; b) averiguar nos dois romances os processos de desumanização dentro dos contextos de opressão característicos da colonialidade, como o racismo, sexismo e violência; c) analisar como as relações de gênero se revelam diante do pensamento colonial e a subalternidade da mulher; d) examinar a importância do resgate da memória para as personagens negras afro-americanas como sentimento de pertencimento e também como caminho para conhecer a própria história. Para fundamentar nossas discussões abordamos os estudos de Peres (2010) e Freud (2006) sobre psicanálise e psicologia para fundamentar e compreender os aspectos que configuram a história e concepção da melancolia e depressão; Cathy Caruth (2016), Ron Eyerman (2004) e Jeffrey Alexander (2004) para elucidar a respeito da noção de trauma e trauma cultural. Ainda, Santos (2008) traz relevantes contribuições acerca das diásporas históricas, fundamentando essa temática e possibilitando a configuração de uma relação entre a diáspora, trauma que gera depressão e o retorno à memória como um caminho para reconstrução do ‘eu’. Segundo os objetivos, classifica-se como descritiva, uma vez que discute e descreve a problemática do contexto diaspórico como possível fonte para desenvolvimento do quadro depressivo e cunho bibliográfico, pois descreve e analisa o acervo literário crítico e teórico sobre as temáticas analisadas. As análises realizadas demonstram que os romances apresentam em seus enredos essa relação entre diáspora e trauma, na qual a experiência traumática causada pelo racismo pode levar o imigrante a desenvolver doenças mentais, entre elas a depressão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura afro-americana. Gyasi. Diáspora. Trauma. Depressão.



## ABSTRACT

In literature, the diaspora, trauma and depression have space throughout the literary tradition. Thus, this research has as its *corpus* two novels *Homegoing* (2017) and *Transcendent Kingdom* (2021), by the writer Yaa Gyasi, which present the problem of the African diasporic movement to the West. The first tells an epic story of the migration of African people to America, from the beginning of the slave trade to the present day. The second is contextualized in the experience of those who sought the 'American dream', but found a reality troubled by prejudice and violence. Thus, our general objective is to analyze the relationship between diaspora and depression through the prism of decoloniality in the works *Homegoing* (2017) and *Transcendent Kingdom* (2021) by Yaa Gyasi, taking into account the diasporic sociocultural situation in a postmodern world, through colonization and enslavement present in the narrative. Our specific objectives are: a) to investigate the relationship between depression behavior and the diaspora movement, as well as traumatic experiences lived and expressed by the characters in the work under study; b) investigate in the two novels the processes of dehumanization within the contexts of oppression characteristic of coloniality, such as racism, sexism and violence; c) analyze how gender relations reveal themselves in the face of colonial thinking and the subalternity of women; d) examine the importance of recovering memory for black African-American characters as a feeling of belonging and also as a way to know their own history. To support our discussions, we approach the studies of Peres (2010) and Freud (2006) on psychoanalysis and psychology to substantiate and understand the aspects that shape the history and conception of melancholy and depression; Cathy Caruth (2016), Ron Eyerman (2004) and Jeffrey Alexander (2004) to clarify the notion of trauma and cultural trauma. Furthermore, Santos (2008) brings relevant contributions about historical diasporas, substantiating this theme and enabling the configuration of a relationship between the diaspora, trauma that generates depression and the return to memory as a path to reconstructing the 'self'. According to the objectives, it is classified as descriptive, as it discusses and describes the problem of the diasporic context as a possible source for the development of the depressive condition and bibliographical nature, as it describes and analyzes the critical and theoretical literary collection on the themes analyzed. The analyzes carried out demonstrate that the novels present in their plots this relationship between diaspora and trauma, in which the traumatic experience caused by racism can lead immigrants to develop mental illnesses, including depression.

**KEYWORDS:** African-American literature. Gyasi. Diaspora. Trauma. Depression.

## RÉSUMÉ

En littérature, les thèmes de la diaspora, du traumatisme et de la dépression ont leur place dans toute la tradition littéraire. Ainsi, cette recherche a pour *corpus* deux romans *No Home* (2017) et *Sublime Royaume* (2021), de l'écrivain Yaa Gyasi, qui présentent la problématique du mouvement diasporique africain vers l'Occident. Le premier raconte l'histoire épique de la migration des Africains vers l'Amérique, depuis le début de la traite négrière jusqu'à nos jours. La seconde est contextualisée dans l'expérience de ceux qui ont cherché le « rêve américain », mais ont trouvé une réalité troublée par les préjugés et la violence. Ainsi, notre objectif général est d'analyser la relation entre diaspora et dépression à travers le prisme de la décolonialité dans les œuvres *No Home* (2017) et *Sublime Royaume* (2021) de Yaa Gyasi, en tenant compte de la situation socioculturelle diasporique dans un monde postmoderne, à travers la colonisation et l'esclavage présents dans le récit. Nos objectifs spécifiques sont : a) étudier la relation entre le comportement dépressif et le mouvement de la diaspora, ainsi que les expériences traumatisantes vécues et exprimées par les personnages de l'œuvre étudiée ; b) enquêter dans les deux romans sur les processus de déshumanisation dans les contextes d'oppression caractéristiques de la colonialité, tels que le racisme, le sexisme et la violence ; c) analyser comment les relations de genre se révèlent face à la pensée coloniale et à la subalternité des femmes ; d) examiner l'importance de retrouver la mémoire des personnages noirs afro-américains comme sentiment d'appartenance et aussi comme moyen de connaître leur propre histoire. Pour étayer nos discussions, nous abordons les études de Peres (2010) et Freud (2006) sur la psychanalyse et la psychologie pour étayer et comprendre les aspects qui façonnent l'histoire et la conception de la mélancolie et de la dépression ; Cathy Caruth (2016), Ron Eyerman (2004) et Jeffrey Alexander (2004) pour clarifier la notion de traumatisme et de traumatisme culturel. De plus, Santos (2008) apporte des contributions pertinentes sur les diasporas historiques, étayant ce thème et permettant de configurer une relation entre la diaspora, le traumatisme qui génère la dépression et le retour à la mémoire comme chemin de reconstruction du soi. Selon les objectifs, il est classé comme descriptif, car il discute et décrit le problème du contexte diasporique comme source possible de développement de l'état dépressif et de nature bibliographique, car il décrit et analyse la collection littéraire critique et théorique sur les thèmes analysés. Les analyses réalisées démontrent que les romans présentent dans leurs intrigues cette relation entre diaspora et traumatisme, dans laquelle l'expérience traumatisante provoquée par le racisme peut conduire les immigrants à développer des maladies mentales, dont la dépression.

**MOTS CLÉS:** Littérature afro-américaine. Gyasi. Diaspora. Traumatisme. Dépression.

## Lista de Figuras

Figura 1 - Anastácia.....	12
Figura 2 - Martelo das bruxas.....	58
Figura 3 - Extração da pedra da loucura, de Hieronymus Bosch (1475-1480) .....	61
Figura 4 - Melancolia, de Louis Jean-François Lagrenée (1724-1808) .....	66
Figura 5 - Velho na tristeza, 1890, de Van Gogh.....	70
Figura 6 - Árvore genealógica .....	92

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	13
1 DIÁSPORA E TRAUMA: TRAÇOS DA MEMÓRIA AFRICANA NA OBRA DE GYASI .....	22
1.1 Diáspora africana: identidade e lugar epistêmico.....	23
1.2 Trauma, memória e teor testemunhal da literatura .....	31
1.3 Violência e desigualdades sociais: traços que incitam o trauma racial.....	39
1.4 Literatura <i>Neo-slave</i> e <i>Postmodern slave narrative</i> afro-americana de escrita feminina.....	46
1.5 Representantes da escrita feminina de Gana.....	50
2 DEPRESSÃO E LITERATURA: PERCURSO, CONCEITOS E CONFLUÊNCIA .....	53
2. 1 Um conciso percurso histórico: da melancolia à depressão .....	55
2.2 Uma breve contextualização psicanalítica .....	73
2.3. Depressão nas literaturas africanas.....	85
3 O TRANSCENDER DA MULHER NEGRA EM CONTEXTO DIASPÓRICO EM O CAMINHO DE CASA .....	90
3.1 Memória e legado do trauma cultural em <i>O caminho de casa</i> .....	91
3.2 Transgressão e resiliência na narrativa pós-moderna de escravidão.....	100
3.3 Um olhar para dentro da sombra da escravização .....	103
3.4 Willie: um canto de liberdade .....	106
4 A TRAVESSIA DA DEPRESSÃO EM REINO TRANSCENDENTE .....	113
4.1 Do sonho americano ao paraíso perdido: reminiscências de um trauma coletivo .....	115
4. 2 Diáspora, luto e depressão: limiares de uma conjuntura traumática .....	122
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS .....	138

Figura 1 - Anastácia



Fonte: Diário de Pernambuco<sup>1</sup>

Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante minha infância. Os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas. Hoje quero recontá-las. Quero falar sobre a máscara do silenciamento. A Máscara Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) ‘Outros(as)’: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? [...] Neste cenário específico, a boca também é uma metáfora para a posse. (KILOMBA, 2008, p. 33-34)

<sup>1</sup> A primeira imagem é a emblemática imagem da escravizada Anastácia (1817) de Etienne Arago, usando uma máscara a qual Grada Kilomba se refere em suas palavras ser símbolo do silenciamento dos povos negros. A segunda imagem foi uma recriação do artista Yhuri Cruz (2022) com o intuito de dar rosto, voz e liberdade a história dessa mulher negra.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A literatura enquanto experiência dos sons com formas e cheiros aquarelados incorporados em grafemas, transcendente no que concerne ao viés artístico da palavra fluindo, que se transforma na comoção da experiência humana. Por um lado, aquele retentor da habilidade verbal, que diz, conta, verbaliza, vivificando as aspirações, torna-se um ourives, ou um malabarista que usa as palavras em sua completude, som, grafema e significado, transforma-a em arte. Por outro lado, aquele que vivencia a leitura literária torna-se um viajante colecionador de pérolas e experiências, em um composto diálogo motriz aperfeiçoado na renovação da leitura.

A vivência e contato com a arte, focando aqui especificamente a literatura, é uma necessidade inerente ao ser humano. Antonio Candido (2011) discorre a respeito do direito à literatura como necessário à existência humana. Esta experiência é fundamental, pois além de se tornar um instrumento de educação e cidadania, ela toca em nossa sensibilidade, ela nos humaniza.

Assim, a literatura de escrita feminina vem ganhando espaço, nos últimos anos, de sensibilização e humanização de temáticas em torno da vivência da mulher e seu lugar no mundo. Contudo, tal crescimento ainda não faz jus à florescente produção feminina, a qual permanece invisibilizada. Por isso, compreendemos a importância de pesquisas que estudem o lugar e o espaço de voz desta literatura no meio acadêmico. Lúcia Osana Zolin (2009), professora e pesquisadora brasileira, realiza estudos sobre a escrita feminina, contextualizando essa problemática e discorrendo sobre a supressão da escrita feminina da historiografia literária. Todavia, ela esclarece a existência, atualmente, da intenção de uma afirmação dessa escrita feminina.

Partindo dessa ideia da mulher como produtora de um discurso literário que se refaz e constrói a sua própria identidade e afirmação na sociedade, realizamos neste estudo a análise de duas obras da escritora ganesa Yaa Gyasi: *O caminho de casa* (2017), seu romance de estreia, e *Reino Transcendente* (2021), sua obra mais recente. Dessa forma, este trabalho perpassa pelo viés dos estudos literários, uma vez que busca realizar uma leitura analítica e interpretativa das narrativas, explorando as temáticas elencadas posteriormente, com o intuito de alcançar os nossos objetivos.

Estas obras são contextualizadas na diáspora, apresentando a violência e discriminação construída ao longo dos séculos pelo imperialismo. Nessa experiência diaspórica, acontece o trauma, o que nos permite relacioná-lo ao comportamento depressivo que algumas personagens apresentam. Nossa tese nesta pesquisa, portanto, é a possível

relação entre diáspora, trauma e depressão, uma vez que em contexto diaspórico o imigrante está sujeito a situações de racismo e agressão à sua dignidade emocional e humana gerando um trauma que por sua vez pode causar doenças mentais e emocionais, entre elas a depressão.

Dessa maneira, buscamos realizar uma leitura crítica para refletir sobre a literatura e a quebra epistêmica. Para tanto, temos como perguntas de pesquisa: como a mulher negra é representada nos romances *O Caminho de casa* (2017) e *Reino Transcendente* (2021) no contexto diaspórico? Quais aspectos mostram essa relação entre diáspora e depressão? Como os personagens que sofrem a depressão são representados nas obras? Quais aspectos dos romances apresentam um retorno à memória?

Para essa análise, identificamos no pensamento decolonial como reflete as reverberações do imperialismo europeu, que marginaliza os saberes, o ser e o poder que não fazem parte de sua perspectiva abstrata universal. Assim, os povos de outras nações e culturas tiveram seus conhecimentos rotulados de primitivos, necessitando se apropriar do padrão eurocentrista para se tornarem civilizados. Todavia, as ideias decoloniais objetivam refletir sobre essa condição de colonizado e vivência na colonialidade, para que, a partir dessa identificação e processo de conhecimento dos entraves coloniais, ainda persistentes, possa ser possível alcançar uma descolonização dos ideais iluministas.

Crises e conflitos de ordem social, política e econômica têm desestruturado nações, trazendo grandes problemas, como deslocamentos, traumas coletivos e transtornos socioemocionais. Dessa forma, é necessário discutir a relação entre diáspora, trauma e depressão no contexto mundial, uma vez que a Organização Mundial da Saúde (OMS),<sup>2</sup> estima que cerca de 300 milhões de pessoas no mundo apresentam o quadro depressivo.

Contudo, a depressão é uma patologia que existe desde o início da humanidade. Desde a Antiguidade encontramos referências dessa enfermidade mental, quando o próprio Aristóteles faz essa relação entre a melancolia e a genialidade. O conceito de depressão, portanto, passou por várias mudanças até chegar à concepção que se conhece hoje. Na Antiguidade, pessoas que apresentavam esse sentimento de profundidade e melancolia eram associadas à genialidade, como os homens que se destacavam nas artes, filosofia etc. Na

---

<sup>2</sup>Organização Pan-Americana da Saúde. *Depressão*, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em: 24 fev 2022.



Idade Média, ela passa a ser sinônimo de loucura e surge o preconceito quanto à manifestação dessa doença. Na Renascença a melancolia passa a ser vista sob o ponto de vista biológico, filosófico e psicológico. Somente depois do século XVIII, com as transformações da revolução francesa e industrial e o advento da psiquiatria como um ramo da medicina, chega-se ao termo e definição da depressão.

A obra de Yaa Gyasi traz esse contexto atual, quando evoca em suas entrelinhas a conjuntura de diáspora, guerras e conflitos sociais. Ela aborda a depressão na concepção atual de uma doença mental pelo viés biológico e emocional, mas também como produto dos males sociais.

Desse modo, o objetivo geral deste estudo é analisar a relação entre diáspora e depressão pelo prisma da decolonialidade nos romances *O Caminho de casa* (2017) e *Reino transcendente* (2021), de Yaa Gyasi, levando em consideração a conjuntura sociocultural diaspórica em um mundo pós-moderno, mediante colonização e escravização presentes na narrativa. Temos como objetivos específicos: a) investigar a relação entre o comportamento de depressão e o movimento diáspora, bem como experiências traumáticas vividas e manifestadas pelas personagens da obra em estudo; b) averiguar nos dois romances os processos de desumanização dentro dos contextos de opressão característicos da colonialidade, como o racismo, sexismo e violência; c) analisar como as relações de gênero se revelam diante do pensamento colonial e a subalternidade da mulher; d) examinar a importância do resgate da memória para as personagens afro-americanas como sentimento de pertencimento e também como caminho para conhecer a própria história.

A motivação para esta pesquisa surgiu durante o desenvolvimento da dissertação de mestrado intitulada como *Americanah: a literatura africana no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira*, realizada na Universidade Federal de Campina Grande, quando tivemos a oportunidade de ler alguns romances que traziam a temática da diáspora, alteridade, identidade da mulher negra, discriminação social e racial. Nosso trabalho também desenvolveu discussões acerca da importância da inserção/associação da literatura africana dentro da sala de aula de inglês no Ensino Médio, visto que diante de nossa pesquisa em livros didáticos identificamos que a literatura é pouco abordada no ensino de língua estrangeira, encontrando raros textos da literatura cânone, em sua maioria de origem anglo-americana. Na ocasião da realização da pesquisa de mestrado, buscando pensar o ensino de língua estrangeira de modo plural, realizamos uma pesquisa-ação com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio do Liceu Dr. José Gondim, uma escola pública da cidade de Iguatu,

no estado do Ceará, o que nos proporcionou sondar a respeito da experiência e crenças dos discentes sobre a literatura de língua inglesa além de observar a influência europeia e estadunidense na educação daqueles aprendizes, comprovando que os discentes possuíam quase nenhum conhecimento sobre as literaturas africanas de língua inglesa. Isso motivou a realização de nossa pesquisa-ação, na qual lemos a obra *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie com os estudantes, instigando a reflexão acerca das questões raciais e sociais presentes na obra.

Essa pesquisa nos trouxera resultados/contribuições relevantes, pois pudemos perceber os benefícios que o texto literário pode trazer para o ensino de língua inglesa por ser um texto que carrega a essência da experiência humana; isto é, toca e envolve o aprendiz de maneira que a leitura flui e torna-se mais prazerosa. Foi possível, ainda, trabalhar a literatura de forma plural, ampliando a visão dos discentes e rompendo paradigmas acerca da cultura africana, em especial a nigeriana. Os aprendizes também se depararam com a realidade dos imigrantes e exilados que enfrentam os conflitos raciais no contexto diaspórico norte-americano, demonstrando empatia, por exemplo, com o personagem Dick, sobrinho de Ifemelu, que passa por diversas situações de preconceito racial, causando problemas emocionais como depressão e a tentativa de suicídio. Assim, observamos que alguns personagens nesse contexto apresentavam um comportamento depressivo. Neste envolvimento com a pesquisa e com as leituras, nos inquietava ainda perceber a contínua presença da colonialidade dentro do contexto de representações literária; destarte, esta pesquisa foi fomentada a partir da nossa experiência como leitora e pesquisadora, ao sentir a necessidade de buscar aprofundar e discutir a presença dessas temáticas na literatura.

Partindo dessa experiência, entendemos que este trabalho se justifica também por contemplar os estudos de literatura de autoria feminina, dando um lugar de relevância às autoras que por muito tempo tiveram suas obras estigmatizadas como sendo de valor intelectual e de produção artística menor que a masculina. Portanto, a escritora Yaa Gyasi, uma jovem mulher negra, nascida em Gana, mas vivendo na América, representa a palavra feminina que narra a história de mulheres e suas gerações.

Yaa Gyasi estreia na literatura com a obra *Homegoing* (2016), traduzida no Brasil com o título *O caminho de casa*, em 2017. Esse romance já ganha a aclamação da crítica internacional e nacional, vencendo o prêmio *PEN/Hemingway Award*. Além desse romance, ela publica, em 2020, *Transcedent Kingdom*, tendo a sua tradução publicada no Brasil em julho de 2021, com o título *Reino transcendente*.

O valor literário e histórico dessas obras, a pertinente e inovadora voz da autora, constituem-se uma importante contribuição para os estudos literários, -de literaturas africanas produzida por mulheres-, no Brasil, haja vista ainda serem raras as pesquisas em nível de mestrado e doutorado nesse domínio, segundo pesquisa que realizamos ao longo da construção desta tese. Poucos trabalhos como artigos científicos e capítulos de livros foram identificados acerca de *O caminho de Casa* (2017) no Brasil. Apenas alguns textos relacionando à escravização e às diásporas são encontrados em bancos de dados e em plataformas especializadas.

Em relação ao romance *Reino Transcendente* (2021), publicado recentemente aqui, não encontramos em território nacional publicações que tratem de discuti-lo, o que por sua vez traz significativa relevância e ineditismo para esta tese. No entanto, vale salientar que, embora estejamos contribuindo para os estudos iniciais, em nosso país, sobre esta autora, o romance *Reino transcendente* (2021), assim como o anterior, teve importante aceitação pela crítica internacional. Além disso, nossa pesquisa pretende discutir uma temática pouco trabalhada: a relação entre diáspora e depressão, averiguando como ambas podem estar relacionadas na obra diante da representação feminina no romance.

Ressalte-se que se entende por pesquisa uma prática teórica de constante busca, que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente (Lima; Mioto, 2007). Dessa forma, quanto à abordagem do problema, esta pesquisa se classifica como qualitativa, pois busca compreender e explicar determinado fenômeno social, neste caso, entender como se dá a relação entre diáspora e depressão nas obras citadas de Gyasi (Portela, 2004).

Quanto aos objetivos, esta se classifica como descritiva, uma vez que realiza o registro através da coleta de dados e pretende conhecer e compreender como se apresenta nos enredos o arcabouço sócio-histórico colonial e diaspórico que causa problemas de saúde mental, como a depressão, além dos estereótipos e preconceitos que maculam a vivência do povo afro-americano em contextos desfavoráveis.

Como discorre Gressler (2004), a pesquisa descritiva é usada para descrever fenômenos existentes, situações presentes e eventos, identificar problemas e justificar condições, visando aclarar situações para futuros planos e decisões. Esta pesquisa também se delinea, como bibliográfica, conforme Gil (2008); pois visa interpretar e analisar dados a partir de uma leitura crítica de uma obra já publicada, permitindo explorar diversas fontes bibliográficas para alcançar nossos objetivos.

Para além desse aspecto metodológico, compreendemos que o texto literário, como salienta Pinheiro-Mariz (2007), é carregado de aspirações humanas perpétuas, que nos possibilitam vislumbrar sentimentos e a sensibilidade da humanidade transferida para escrita, frisamos aqui a escrita feminina. Dessa forma, abordamos este viés transformador da literatura, que, ao tocar e formar leitores, possibilita o rompimento com paradigmas limitadores da participação da mulher como sujeito na sociedade.

Com estas considerações, introduzimos a nossa tese e seguimos para as questões ligadas ao centro de nossas discussões, conforme se pode ler no primeiro capítulo: *Díaspóra e trauma: traços da memória africana na obra de Gyasi*. Nesse capítulo, discorreremos acerca da(s) diáspora(s), ressaltando que ainda é um movimento recorrente na contemporaneidade. O historiador brasileiro José Antônio dos Santos (2008) nos dá suporte nessa discussão, pois traz relevantes contribuições acerca das diásporas africanas, fundamentando essa importante temática e possibilitando a configuração de uma relação entre a diáspora como trauma que gera depressão. Assim, ancoramo-nos nas reflexões do sociólogo Sousa Santos (2009), do filósofo Maldonado-Torres e dos sociólogos Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel (2018), que nos dão suporte para desenvolvermos os nossos argumentos e embasarmos as reflexões pelo viés do pensamento decolonial e afrodiaspórico, o qual possibilitará refletir sobre as questões sociais, econômicas e políticas que influenciaram a marginalização do povo afro-americano. Ademais, discutirmos acerca dos conceitos de trauma e teor testemunhal da literatura, conforme os estudos de Cathy Caruth (1995, 2016), uma das pioneiras nos estudos sobre trauma e literatura e ainda temos em Seligmann-Silva (2002, 2008), considerações que ancoram as nossas reflexões. Além disso, tomamos como base as ponderações de Timothy Spaulding (2005) para desenvolver discussões acerca da literatura afro-americana, que traz em suas entrelinhas o contexto colonial e da escravização, classificada como *postmodern slave narrative*. Osana Zolin (2009) e Euridice Figueiredo (2020) que trazem significativas contribuições sobre a escrita literária feminina emergente, como forma de dar espaço e voz às mulheres.

No segundo capítulo, *Depressão e literatura: percurso, conceitos e confluência*, desenvolvemos um breve panorama histórico a respeito da melancolia e da depressão, buscando enquadrar dentro da história secular e literária a construção das concepções que passaram pelos séculos em um viés histórico e científico, discutindo como a depressão passou a ser entendida como uma enfermidade mental. Além disso, será ilustrada dentro do contexto artístico literário a representação dessas transformações de pensamento e

conceituação, revelando as ideias distintas entre os séculos. Para fundamentar nossas ideias, encontramos argumentos em Fanon (2005), Kilomba (2008) sobre os malefícios do racismo para a saúde mental das pessoas negras. Peres (2010), Mendes, Viana e Bara (2014) e Freud (2006) sobre psicanálise e psicologia, a fim de compreender os aspectos que configuram a história e concepção da melancolia e depressão. Para tratar da relação entre trauma, racismo e doenças mentais, levando-se em conta que ainda não há estudos consistentes nesse domínio, encontramos em Lacan (2002) uma base para desenvolver argumentos a exemplo de Laurent (2014), que argumenta a partir dos estudos lacanianos sobre o aumento do racismo pós-colonial dirigidos aos imigrantes. São, portanto, tais discussões que nos ajudaram a construir esta tese.

No terceiro capítulo, *O transcender da mulher negra em contexto diaspórico em 'O caminho de casa'*, analisamos a representação feminina na obra dentro desse contexto da experiência imigratória, em que se está suscetível ao adoecimento do corpo e da mente, além de averiguar como a autora apresenta o legado da escravidão como trauma coletivo para população negra que prejudicou a memória e a identidade dos povos africanos.

No quarto capítulo, *A travessia do luto e da depressão em Reino transcendente*, verificamos como a família de Gifty, composta por imigrantes em busca do sonho americano, passam a conviver com o racismo cotidiano e como isso afeta a estrutura e saúde da família. A obra também apresenta essa relação entre diáspora, trauma e depressão, trazendo a perspectiva do racismo como uma ferida que provoca danos à saúde mental.

Os dois romances trazem personagens que, em situação diaspórica, vivem o trauma causado, na maioria das vezes, pelos conflitos nas relações, devido ao preconceito e ao racismo. Assim, averiguamos como a autora delinea essa relação entre diáspora, trauma e depressão como fenômeno social, estabelecendo pontes com a psicologia e psiquiatria, bem como a remodelamento da identidade por meio de um 'voltar para suas memórias', do encontro com sua história fundamentada em suas raízes familiares. Enfim, esta tese pretende contribuir para a compreensão da literatura como meio de humanização e construção do conhecimento, além de difundir e validar os escritos femininos.

Os romances analisados aqui contextualizam em seu enredo a relação entre diáspora e depressão, uma vez que o imigrante está mais vulnerável nessa experiência geográfica e cultural distinta de sua realidade natal. Além disso, é possível entender pela narrativa os prejuízos gerados por conflitos sociais e raciais, tanto para saúde mental como também trazendo problemas para construção da identidade do afro-americano e do africano migrante.

Essa problemática apresentada em ambos romances toca o leitor que se torna uma testemunha do trauma coletivo e cultural como herança do período de escravização dos povos africanos.

## 1 DIÁSPORA E TRAUMA: TRAÇOS DA MEMÓRIA AFRICANA NA OBRA DE GYASI

*“There are wounds that never show on the body that are deeper and more hurtful than anything that bleeds.”<sup>3</sup>*

Laurell K. Hamilton

---

<sup>3</sup> “Existem feridas que nunca aparecem no corpo, que são mais profundas e mais dolorosas do que qualquer coisa que sangre”. Laurell K. Hamilton (tradução nossa)

O deslocamento dos povos acarreta o confronto com culturas diferentes que, de alguma forma, encontram-se e transformam-se. Esse trânsito também promove a interculturalidade em meio a um panorama atual, pluricultural e globalizado. Dessa forma, intentamos compreender como esse sentimento de pertencimento ou não a uma nova cultura, apresentado no texto literário, ocorre e influencia uma construção de identidade híbrida, configurada na imersão intercultural.

O povo africano se espalhou por todo o globo. Isso implica que a cultura africana também acaba influenciando a construção das identidades e culturas ao redor do mundo. Constatamos isso, quando observamos as reverberações dessa influência africana na formação de muitas nações, incluindo a nossa nação brasileira e a estadunidense, onde os romances são ambientados.

As dispersões geram movimentos e mudanças geopolíticas que podem produzir impactos negativos e positivos. As narrativas aqui analisadas apresentam o trauma duplamente qualificado pela escravização e pela diáspora. Destarte, este capítulo visa a discutir as ideias que fundamentam a diáspora africana, bem como os conceitos que caracterizam o trauma cultural e coletivo diante de um contexto opressivo. Essa relação entre os fluxos migratórios e a construção de uma identidade coletiva possibilita-nos discutir sobre a maneira como esses conflitos influenciam a vida do imigrante e sua saúde mental e compreender os aspectos elementares que podem tornar essa conjuntura traumática.

## **1.1 Diáspora africana: identidade e lugar epistêmico**

Diáspora vem do grego *diaspeirein* e significa ‘dispersão’ ou ‘espalhar’. É um termo comumente relacionado à literatura africana ou à diáspora do povo hebreu, na narrativa bíblica na qual é descrito o primeiro fluxo migratório. Muitas obras literárias retratam essa experiência que povos do mundo inteiro viveram. Para entender a importância desse movimento para a literatura africana, precisamos iniciar adentrando nos aspectos históricos, traçando alguns fatos que remontam essas trajetórias diaspóricas. A origem desse termo está na Bíblia, no Velho Testamento, usado para se referir à migração dos judeus pelo mundo.

A partir dessa realidade, a palavra diáspora começou a ser usada para designar um fluxo imigratório de povos que deixam sua pátria e buscam abrigo ou um recomeço de vida.



Recentemente, podemos nos lembrar da crise que gerou no mundo o grande fluxo de refugiados que formavam filas de espera para entrar em vários países da Europa, além de guetos e alojamentos improvisados. Muitos morrem tentando chegar a esse lugar almejado ou depois de alcançá-lo, devido às condições desumanas a que são submetidos. Essas notícias nos jornais chocaram o mundo; no entanto, nos mostraram que esse fluxo transitório ainda é uma questão recorrente na nossa contemporaneidade.

Santos (2008) assegura que esse termo [diáspora] passa a ser usado para designar o trânsito do povo africano pelo mundo. Ele descreve sobre as possíveis razões que provocaram esse movimento, destacando que elas poderiam ser, de maneira forçosa, como a escravização, ou espontânea, como a busca por uma melhor qualidade de vida. Sinalizamos a presença dessas causas contextualizadas nas narrativas literárias quando, por exemplo, em *O caminho de casa* (2017), os parentes de Effia, a protagonista do romance, se aliam aos ingleses para capturar e vender os rivais da tribo vizinha, levando-os de maneira forçosa como mão de obra escrava em outro país. Já em *Reino transcendente* (2021), a família de Gifty deixa Gana para buscar uma vida melhor nos Estados Unidos.

Nessa perspectiva, a diáspora africana, a qual contabiliza um grande número de deslocamentos de pessoas, teve seu retrato revelado no mercado de escravizados, em que milhões de negros foram capturados e levados para trabalhar e servir nas colônias europeias. Santos (2008) salienta ainda que durante o período da Idade Média o comércio em várias localidades da África era próspero e chegavam a superar em produção artesanal do Ocidente que vivia ainda no sistema Feudal.

Os africanos foram soldados no Império Romano e entraram, através do Deserto do Saara, no Oriente Médio, na Ásia e na China, trabalharam em plantações ou como estivadores, comerciantes e tripulantes de barcos no Oceano Índico, serviram de domésticos, ourives e cortesãos no mundo islâmico. Durante a Idade Média, entre os anos de 700 a 1.400 d. C., os europeus foram superados pelos africanos no comércio e na produção de mercadorias manuseadas. (Santos, 2008, p. 182).

Essas reflexões estão para além do infortúnio e injustiça individual de quem foi capturado de seu lar; mas, sobretudo, nos levam a refletir sobre a problemática que isso causou ao coletivo, tanto no âmbito econômico como para o desenvolvimento social. As famílias ficaram sem pais, mães, filhos e filhas. Os muitos países do continente ficaram sem seus cidadãos, seus trabalhadores, professores, artistas, políticos, monarcas, líderes que faziam e construíam diariamente as riquezas dessas nações. Com isso, a Europa causava uma

desdita coletiva, que deixou lacunas e desestruturação, em contrapartida, beneficiava-se e enriquecia com a mão de obra escravizada.

O tráfico internacional criou um mercado de pessoas que desestruturou reinos e nações, arrasou regiões, incrementou guerras e revoluções no continente africano. Por outro lado, envolveu um número expressivo de pessoas no *comércio infame*, a partir do interior, intermediários africanos vendiam prisioneiros de guerras e desafetos para os comerciantes europeus estabelecidos em fortalezas no litoral. O comércio transatlântico de pessoas e mercadorias incrementou o acúmulo de riquezas na Europa e ajudou a detonar o processo de industrialização na Inglaterra. Ao mesmo tempo, era interrompido o processo de desenvolvimento peculiar à África e rompidas as redes comerciais. A mão-de-obra mais preciosa e habilitada, homens e mulheres, jovens e saudáveis, foi sequestrada e obrigada ao trabalho em terras distantes (Santos, 2008, p. 182).

Consoante Santos (2008), percebemos que o progresso da África chamou a atenção do Ocidente Europeu, indicando uma possível rivalidade e até mesmo uma concorrência pelo que havia de riquezas naquele continente. Assim, começam as investidas e viagens comerciais pela África; o europeu vai atrás do ouro, minérios, madeiras, alimentos, especiarias, enfim, vários materiais do território africano foram importados até chegar à mão de obra humana. Muitas parcerias foram formadas para traficar homens, mulheres, jovens e crianças. Chefes de nações africanas vendiam os seus desafetos e inimigos pelo dinheiro que o europeu trazia, todavia, não tinham a dimensão do problema estrutural político e econômico que causavam aos seus países. Compreendemos que junto à escravização começa o declínio da economia do continente africano, além do desenrolar de diversos problemas sociais.

Ora, é bem verdade que a escravização é uma prática milenar, entretanto, a mácula deixada pela escravização dos negros africanos torna-se pungente, pois por meio dela foi desumanizado um povo e suas características: o corpo, as feições, o cabelo, a cor, além dos comportamentos. Essa forma de pensar se estabeleceu de uma maneira tão contundente que é possível perceber os reflexos desses estereótipos construídos pela institucionalização do padrão branco-europeu que se tornou massiva, ao se classificar como ‘donos dos saberes’. Todavia, vale ressaltar que é esse ser em deslocamento que se posiciona e questiona o seu lugar no mundo, tentando romper com os matizes opressores da sua história. Hoje, esses considerados ‘deslocados territorialmente’, como exemplo na narrativa de Gyasi, são vozes que lutam pelo espaço e direitos do negro em seus territórios. A seguir, Santos (2008) apresenta essa perspectiva da construção de uma visão crítica a partir da experiência epistêmica:

O deslocamento e a reterritorialização da população negra redefiniram as noções de pertencimento e de identidades étnicas, o que nos leva a concluir que o mundo construído no processo da diáspora africana favoreceu o desenvolvimento e o fortalecimento de melhores condições para criticar o eurocentrismo vigente desde o seu centro (Santos, 2008, p. 186).

Para Santos (2008), o deslocamento toma uma nova perspectiva quando ele acaba possibilitando as populações que imigraram ampliar a visão acerca do domínio europeu sob as demais culturas, não só a visão, mas essa experiência também dá condição para tomar espaço de voz, ou seja, é o ser em deslocamento que se torna capaz de questionar os padrões estabelecidos como universais. O mundo inteiro consome as ideias produzidas por aqueles que se dizem civilizados e produtores de um conhecimento universal. Maldonado-Torres, Bernadino-Costa e Grosfoguel (2018) em sua introdução à *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* afirmam que o início do pensamento abstrato e universal se propagou com a máxima de Descartes: “Penso, logo existo”. Para eles, essa é a base do pensamento que tornou universal o conhecimento eurocêntrico e situa a ideia de ‘universalismo abstrato’ como início da formulação do conhecimento que se propõe sem corpo, sem espaço geopolítico. Entretanto, essa generalização do conhecimento acaba sendo nociva às variadas formas de produção cultural e de saberes, pois desqualifica toda maneira de pensar e existir fora desses padrões universais.

Tais padrões, em princípio julgados sem corpo e sem fronteiras, acabam tomando a forma e a cor do europeu, que determinaram e dominaram por muito tempo o conhecimento científico e intelectual. Vale retomar em nossa lembrança a ideia daquele branco bondoso, que chega às aldeias para levar conhecimento, como se ali já não houvesse. Santos (2008) reitera esse pensamento, ao frisar a ideia de supremacia do saber e a filantropia do ‘bom’ europeu como álibi para buscar seus próprios interesses.

Além do domínio pela força das armas, a colonização e o imperialismo na África se justificavam também em termos ideológicos. A filantropia era usada para promover a civilização, educar e eliminar os *costumes bárbaros*. A necessidade de acesso aos novos mercados consumidores para os produtos manufaturados, a busca de matérias-primas e a abundância de mão-de-obra também serviam como razões para o genocídio e a exploração. Por último, mas não menos importante, como justificativa para a pilhagem dos africanos, a ciência provava a hierarquia entre as raças, o que tornava legítimo aos superiores a colonização e o domínio dos inferiores. (Santos, 2008, p. 188).

Assim, ocorre nesse encontro entre culturas geograficamente diferentes – a saber, a europeia ocidental *versus* africana - um estranhamento por parte do ocidentalismo,

enquadrando o outro como ‘bárbaro’. A partir dessa conjectura, percebemos que a troca de saberes e experiências não é proposta, porquanto acontece o confronto da dominação, monopolização e a proposição de costumes hegemônicos. Ademais, surge uma tendência científica na época, propagando a desumanização do negro via avaliação e comparação entre a fisiologia corporal de diferentes povos. O médico Robert Knox (1791- 1862) é um dos que formularam a teoria do racismo científico justificando a desumanização e escravização por meio de estudos comparando na anatomia e expondo a suposta inferiorização biológica do povo negro. A respeito dessa construção de um ideário negativo sobre o povo negro, o historiador e filósofo político camaronês Achile Mbembe (2014) discute essa ideia fomentada por médicos/estudiosos como Knox, considerando que o europeu preferiu compreender a identidade do negro como não co-pertencente da raça humana, sobretudo quando ele é posto em categorias inferiores devido a sua aparência física, a esse respeito ele assevera: “Designações primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas, símbolos de intensidade crua e de repulsa, a sua aparição no saber e no discurso moderno sobre o homem (...)” (Mbembe, 2014, p.10). O autor reitera que a intenção de governação foi criada por meio desse tipo de discurso que gerou crimes e catástrofes físicas e culturais para a população negra. A partir disso, compreendemos a relevância de desconfigurar com esse discurso subalternizante e reconstruir a identidade cidadã dos povos africanos como um legado de justiça epistêmica.

Surge a partir desse discurso, o paradoxo de inferior/África *versus* superior/Europa disseminando esse dualismo entre os povos, a ponto de tornar vulnerável o sentimento de identidade de povos das nações africanas, que se achavam dependentes de seus colonizadores. Dessa forma, um dos objetivos do pensamento Decolonial é confrontar esse conhecimento universal abstrato, dando existência, demarcando espaço, corpo, cor, pluralizando os saberes. Assim, a literatura africana, destacando aqui as obras estudadas, insere-se como lugar de enunciação da experiência de ser negra e afro-americana em diáspora, diante de uma sociedade marcada pelos paradigmas e conflitos raciais.

Pensando nessa invisibilização, enfocamos a escrita feminina pelo cânone historiográfico e percebemos que a literatura se perpetuava como espaço para homens. Embora algumas mulheres quisessem escrever, havia a negação de sua inserção no mundo literário. Esse fato mostra que por muito tempo a escrita das mulheres foi sufocada e considerada de valor intelectual menor. Zolin (2009) enfatiza que a inserção da mulher e

minorias nesse panorama sobreveio por meio de uma ruptura com o padrão demarcado e estigmatizado:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para mulher inserir-se nesse universo, foi preciso uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo (Zolin, 2009, p. 327).

Dessa forma, a exclusão da escrita feminina do cânone se estabelece pela crença de que a qualidade de escrita da mulher é inferior, pois ter a habilidade com a leitura, escrita e o manejo das palavras demandava um nível de inteligência subestimado na mulher. Entender que essa era e/ou ainda é a forma como as mulheres são vistas, ajuda-nos a perceber a necessidade de refletir a respeito do lugar da mulher como ser dotado de habilidades, entre tais, a escrita. Em suas reflexões teóricas, Eurídice Figueiredo (2020, p. 88) desenvolve seu trabalho sobre a literatura de autoria feminina, discutindo acerca do preconceito com a escrita feminina e ressalta que “só nos últimos anos se pôde constatar um florescimento da produção de mulheres, inclusive cada vez mais intensa de mulheres negras, embora a grande maioria ainda seja constituída de mulheres brancas, de classe média, altamente escolarizada”.

Voltando um pouco o olhar para a literatura brasileira - e realizar esse paralelo com a estadunidense mais à frente -, como exemplo dessa escrita fluorescente, nós temos no Brasil nomes como Conceição Evaristo (1946), uma autora com uma vasta obra composta por romances, contos, poesia, ensaios. Sua escrita é objeto de diversos estudos e pesquisas atualmente. Outro nome que vem marcando presença é Ana Maria Gonçalves (1970), que escreveu seu primeiro romance *Ao Lado e à Margem do que Sentes por Mim*, em 2002; anos depois, publica *Um Defeito de Cor* (2006), que conquistou o Prêmio *Casa de las Américas* na categoria literatura brasileira e também já encontramos pesquisas que abordam esse segundo romance. Além dessas, estão Eliana Alves Cruz, Cristiane Sobral, Cidinha da Silva, Jarid Arraes, Livia Natália, dentre muitas outras que se inserem no contexto literário atual como escritoras que trazem em suas obras a denúncia do racismo, das injustiças sociais e a luta pelos direitos das mulheres.

Zolin (2009) enfatiza a importância desses estudos que se debruçam sobre a escrita feminina: “A intenção é promover a visibilidade da mulher como produtora de um discurso que se quer novo, um discurso dissonante em relação àquele arraigado milenarmente na consciência e no inconsciente coletivos, inserindo-a na historiografia literária” (Zolin, 2009, p. 328). Diante dessa compreensão, a estudiosa delinea um panorama de escritoras brasileiras discutindo a respeito de suas obras e características. Frisamos aqui que os estudos feministas se tornam relevantes por comprovar a existência de uma tradição literária feminina, bem como seus aspectos mais importantes, inscrevendo-a e fazendo conhecer, de fato, o lugar dessas escritoras em âmbito nacional e contestando a indiferença legada a essas mulheres pelo cânone literário, ao construir um panorama da escrita feminina. Vale destacar que essa é uma realidade próxima da estadunidense e africana, na qual a literatura de escrita feminina constrói um momento de afirmação e inserção no âmbito literário mundial.

Ainda Zolin (2009) reflete também sobre esse aumento não só da escrita, mas da participação feminina em vários aspectos sociais, científicos, artísticos, políticos, enfim, que vem fazendo a diferença e trazendo mudanças para a sociedade: “Mais importante do que as polêmicas geradas a partir do movimento feminista são os efeitos provocados por ele em seus diferentes momentos” (Zolin, 2009, p. 217). É possível pensar sobre esse lugar da mulher como conquistado, não dado, sobretudo quando ainda existe um preconceito com esta literatura emergente.

Esse pensamento decolonial tem contribuído para discutir e conquistar esse espaço feminino, negado, primeiro por ser negra; segundo, por ser mulher. A cientista política Françoise Vergès (2019) discorre a respeito do pensamento decolonial e reivindica esse lugar de voz, de ser e de saber contestado aos povos colonizados, que tiveram seus conhecimentos desqualificados, suas vozes silenciadas, e seu ‘ser’ marginalizado pela sociedade branca europeia:

Trata-se de uma luta por justiça epistêmica, isto é, uma justiça que reivindica a igualdade entre os saberes e contesta a ordem do saber imposto pelo Ocidente. Os feminismos de política decolonial se inscrevem no amplo movimento de reapropriação científica e filosófica que revisa a narrativa europeia do mundo. Eles contestam a economia-ideologia da falta, essa ideologia ocidental-patriarcal que transformou mulheres, negros/as, povos indígenas, povos da Ásia e da África em seres inferiores marcados pela ausência de razão, de beleza ou de um espírito naturalmente apto à descoberta científica e técnica (Vergès, 2019, p. 31).

De acordo com o excerto acima, o ponto de vista decolonial trata de um movimento que busca a reapropriação da cultura, dos saberes, tornando possível pensar a diáspora

africana a partir do lugar epistêmico. Assim, podemos posicionar geopoliticamente Yaa Gyasi como autora ganesa, que escreve a partir do seu lugar de experiência – a saber, Estados Unidos -, realizando diálogos nos romances que nos permitem discutir sobre esses povos que vivem o deslocamento. Para isso, é importante analisar como as personagens lidam com as dificuldades encontradas pelo estranhamento de viver 'no lugar/nação do outro', mediante conflitos gerados pela colonialidade:

A noção afrodiáspora de mundo é pensada aqui tanto como a tematização dos fluxos, viagens e comunicações quanto como o registro da experiência vivida do negro no mundo afrodiaspórico e as suas respostas ao racismo e à colonialidade do poder, do ser e do saber. Esse mundo afrodiaspórico, portanto, emerge quando alguns autores e autoras dialogam com pensadores que constroem o transnacionalismo negro e quando teorizam e registram suas experiências vividas a partir do lugar político epistêmico em que vivem e observam o mundo. (Maldonado-Tores, Bernadino-Costa e Grosfoguel, 2018, p. 27).

Partindo da ideia de que o lugar político epistêmico possibilita o desenvolvimento desse olhar analítico para a construção de uma concepção sobre a experiência diaspórica, compreendemos que essa noção de colonialidade, persistente em nossos dias, nos remete à necessidade de discutir como a figura feminina é construída em meio ao contexto diaspórico, bem como esse devir é representado na literatura. De acordo com Sousa Santos (2009), a crítica decolonial vem realizar reflexões a partir dos discursos das minorias que sucumbiram à marginalidade, devido às forças desiguais da colonização, salientando que para o pensamento eurocêntrico universal se afirmar, ele precisou negar o conhecimento e a cultura dos povos fora da sua linha geopolítica de padrões: “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal” (Santos, 2009, p.31).

As representações das personagens emergem como discurso das minorias, a busca da decolonização do pensamento e o rompimento do discurso colonialista ainda recorrente no mundo contemporâneo. A literatura, portanto, possibilita um encontro não apenas com as manifestações culturais diferentes, mas também com pensamentos e ideias que possam confrontar a história única<sup>4</sup> recontada pelo Ocidente, a fim de singularizar a história de povos e etnias diferentes do branco. Conforme a estudiosa e escritora Jurema Oliveira (2014), a literatura flui e recria a essência da vida:

---

<sup>4</sup> Referência à palestra *O perigo da história única*, de Chimamanda Adichie, termo o qual ela usa para se referir aos estereótipos propagados sobre o povo negro e afrodescendente.

Na qualidade de grande metáfora da vida, a literatura constitui-se num caminho para o escritor fundar sua dicção ficcional e buscar recuperar a ternura da condição humana, nos seus múltiplos e variados contornos, por meio da palavra literária que busca estabelecer uma cumplicidade com o “local da cultura” (Oliveira, 2014, p. 63).

No excerto acima, a autora ressalta a importância da literatura por colocar em xeque a visão da história e memória. Entretanto, queremos ampliar aqui que a literatura questiona toda a visão desse arcabouço histórico social singular, que marginaliza o negro, visto que ao dar voz às minorias para contar as suas histórias, ela pluraliza toda forma de pensamento, tornando possível a real manifestação de culturas.

## **1.2 Trauma, memória e teor testemunhal da literatura**

A noção de trauma tem sido discutida em vários ramos das ciências, não apenas na medicina e psicologia; pois se expandiram os estudos que se debruçam sobre essa categoria em campos como história, sociologia e literatura. Isso demonstra que o trauma é um campo de estudo que pode abranger várias áreas de pesquisas e desenvolvimento de sua existência, conceituação e representação. Apesar de existirem várias concepções acerca da sua definição, existe um entendimento geral de que ele significa ‘ferida’. Embora não haja marcas aparentes dessa ‘ferida’, ela pode trazer danos incomensuráveis para a vida do indivíduo.

Atualmente, trabalhos discorrem sobre as configurações que implicam os eventos traumáticos e seus efeitos negativos no ser humano, discutindo as implicações dos eventos traumáticos sob várias perspectivas de acordo com o escopo da pesquisa. Esses eventos traumáticos podem acontecer nas esferas sociais, familiares e culturais e deixam marcas na memória coletiva ou individual, como uma imagem construída e frequentemente revisitada, que causa problemas emocionais. Diante dessa realidade, torna-se pertinente discutir acerca dos impactos que o trauma pode causar à saúde mental, de acordo com essa ótica, a literatura propicia esse espaço de entrada e análise.

Segundo Winnicott (1989, p. 113): "A ideia de trauma envolve uma consideração de fatores externos; em outras palavras é pertinente à dependência. O trauma é um fracasso relativo à dependência". Essa dependência pode ser entendida dentro das relações sociais e interpessoais, nas quais os sujeitos vivenciam conflitos ou falhas durante sua vida e os quais podem desenvolver feridas e entraves na construção do ser.



Quando o sujeito vivencia o acontecimento traumático e esse não consegue gerir um sentido que o faça atravessar os sentimentos negativos, ele permanece marcado na memória, isso é, frequentemente gatilhos podem fazer o sujeito retornar às imagens e lembranças geradas pelo trauma. Para Moreno e Coelho Júnior (2012):

[...] o trauma tem como efeito uma fratura no processo de simbolização, introduzindo uma lacuna no psiquismo e desencadeando como defesa a incorporação fantasiosa do objeto. Essa lacuna é preenchida pela inclusão de dados brutos da realidade traumática, pelo objeto inteiro ou por parte dele” (Moreno; Coelho Júnior, 2012, p. 57).

Essas fraturas na construção do significado prejudicam a reflexão e a formulação de um sentido para o evento traumático, ocorrendo a impossibilidade do luto. Corroborando tal afirmativa, Cathy Caruth (1995) destaca que o sujeito não percebe que foi traumatizado logo quando ocorrido o fato, apontando que como o evento não foi assimilado no momento factual, ele é retardado e somente depois se percebem os efeitos que ela chama de ‘tardios’: “O impacto do evento traumático reside precisamente em seu atraso, em sua recusa em ser simplesmente localizado, em sua aparição insistente fora dos limites de qualquer lugar ou tempo”<sup>5</sup> (Caruth, 1995, p. 9). Essa lacuna permanece ‘adormecida’ por um tempo, mas em algum momento ela é revisitada e aparece, causando sofrimento.

Com esse efeito negativo na mente das pessoas, o trauma pode trazer prejuízos para mente e corpo. Sob essa perspectiva, esta pesquisa discorre sobre a configuração do racismo como trauma representado na obra da escritora Gyasi. Seus romances apresentam personagens africanos e afro-americanos que vivem em diáspora e, por sua vez, estão propensos a experimentarem mais corriqueiramente esse preconceito. Com o surgimento da epigenética como novo ramo da genética que estuda a relação entre DNA e epigenomas, as neurocientistas Lehrner and Yehuda (2018) sugerem que o trauma pode ser passado de geração em geração pelo DNA, pois “evidências de que traumas culturais em gerações passadas podem deixar traços no epigenomas que podem servir para validar experiências em descendentes ou para implicar um legado de danos”.<sup>6</sup>

Os romances que se constituem em objeto de nosso estudo apresentam essa percepção do trauma da escravização e do racismo dentro do contexto contemporâneo do

---

<sup>5</sup> “*The impact of the traumatic event lies precisely in its belatedness, in its refusal to be simply located, in its insistent appearance outside the boundaries of any single place or time*” (Tradução nossa) (Caruth, 1995, p. 9).

<sup>6</sup> “*Evidence that cultural trauma in past generations may leave traces in the epigenome may serve to validate offspring experiences or to imply a legacy of damage*”. (tradução nossa)

homem e mulher negra. Esse trauma está marcado na memória e história desses povos, porém, conforme esses novos estudos da epigenética, pode-se supor que ele também está gravado dentro do DNA humano passado pelas gerações até um dia atual, já que a realidade ainda apresenta contextos racistas e discriminatórios, que reforçam essa fratura nas emoções e os problemas de saúde entre as populações.

A própria Yaa Gyasi, em uma entrevista ao *The Guardian* declara: “Eu acho que o trauma é herdável... O sofrimento muda e permanece o mesmo. Na América, o pior nunca acabou, apenas fez-se novo. Isto era algo que eu estava tentando traçar no romance – o rastro do trauma reinventado”<sup>7</sup>. O corpo recebe as influências traumáticas representadas pelas marcas químicas deixadas nos epigenomas. A pesquisadora e professora do departamento de estudos literários da universidade *Klagenfurt*, Marijana Mikić (2022) reforça, em seu trabalho sobre a obra *O caminho de casa* (2017), que Gyasi mostra seu possível conhecimento disso e deixa claro sua intenção em revelar esse caráter existencial do trauma racial que persiste ao tempo e permanece ligando gerações às mesmas marcas profundas na mente e DNA humanos.

Ela tenta mostrar, por meio de seus romances, como se reconstrói e como é passada essa renovação contínua da segregação. Dentro desse contexto, ela narra o trauma racial do passado que se reverbera no presente, quando historicamente o homem e mulher negros vivem os conflitos raciais desencadeados entre as gerações. Gyasi apresenta fortemente essa continuidade do trauma em *O caminho de casa* (2017), no qual ela evidencia que, embora o contexto histórico tenha mudado, - assim como a política, a medicina, a ciência e as artes-, seus personagens continuam vivendo a problemática do trauma do racismo, de maneira que ela não acontece da mesma forma, pois em cada geração ganha um contexto e dimensões novos. Esse novo contexto configura o que ela chama de trauma reinventado. Em *Reino Transcendente* (2021) uma família é destruída e adoecida pelo trauma: a) o pai de Gifty sente-se hostilizado e rejeitado nos Estados Unidos, a ponto que decide abandonar a família e voltar para Gana; b) Nana, seu irmão, não supera o abandono do pai, encontra no esporte uma válvula de escape, mas acaba morrendo de overdose no auge da sua carreira como jogador; c) a mãe adoece de uma depressão profunda, perde o emprego, as relações sociais, os cuidados pessoais e fica em profunda letargia; d) Gifty cresce tendo que lidar sozinha com

---

<sup>7</sup> “I think trauma is inheritable ... Suffering changes and stays the same. In America, the worst was never over, just made new. That was something I was trying to trace in the novel –the trail of trauma reinvented”. (tradução nossa)

toda a desestrutura de sua família: o abandono da figura paterna, a morte do irmão e a doença da mãe. Torna-se uma pessoa retraída, não consegue confiar e tampouco se relacionar com as pessoas à sua volta.

Para Caruth (1996), o trauma é mais que uma ferida psíquica, ele é a história de uma ferida que clama para ser contada e que não está mais disponível, a não ser na memória fraturada, no qual seu aspecto tardio está relacionado não só ao que é conhecido e gravado na mente, mas também ao que é desconhecido. Uma das faces desse desconhecido pode ser o que a epigenética discorre sobre as marcas químicas no DNA humano, que podem configurar as experiências traumáticas que ficam gravadas e repassadas para outras gerações. Uma vez que esse desconhecido se configura como uma faceta que o sujeito carrega em si e não foi revelado, mas ao passo que ele é ativado por um gatilho ou pelo trauma renovado dentro da experiência contemporânea, ele aparece e revela-se.

O ser humano acumula vivências ao longo de sua existência que influenciam sua forma de perceber e ver o mundo ao seu redor e até a própria percepção que tem de si mesmo. Algumas experiências causadas de maneira repentina pelo choque, podem ser difíceis de assimilar ou atribuir-lhes significado. Isso dificulta a introjeção do fato, ficando gravado na memória. Dentro dessa projeção/percepção interna, a negação do fato acontecido provoca problemas emocionais e até interpessoais. Nesse contexto, narrar sobre o fato pode contribuir para uma melhora dos sentimentos provocativos e intuitivos sobre o evento traumático, o que possibilita uma nova compreensão e construção simbólica.

Seligmann-Silva (2002; 2008) destaca a premissa da essência humana de contar para os outros sobre os acontecimentos como forma de revisitar o ‘ambiente’ ou ‘cena’ traumática, tornando o ‘outro’ participante. Ele caracteriza o testemunho como uma atividade elementar gerada pela necessidade de narrar humana: “Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (Seligmann-Silva, 2008, p .66). Esse desejo de renascer aparece como intenção de que ao falar haja a possibilidade de dividir o ‘fardo pesado’ do trauma, ao passo que o outro agora também sabe e visitou, ainda que pelas palavras, a experiência. Assim, por meio desse testemunho narrativo, esse peso pode ser diminuído e aliviado. Esse processo narrativo com teor testemunhal possibilita um religamento com o outro e o mundo, bem como a reconstrução simbólica do trauma:

A narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do *Lager*<sup>8</sup>. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro (Seligmann-Silva, 2008, p. 66).

O pesquisador cita a outridade como uma imagem, na maioria das vezes, deturpada e negativa criada sobre um ‘corpo social’, ou seja, um contingente populacional, a qual revela de algum modo a supremacia de um povo, ou um pensamento criado sob um estigma que precisa ser rompido. Fazendo alusão ao antissemitismo, que sitiou e antagonizou os judeus, principalmente durante o nazismo, ele entende a narrativa como uma ferramenta capaz de quebrar os muros dos campos de concentração de qualquer discriminação e atitudes desumanas que circundam um povo e sua cultura. Não apenas desintegrar muros, mas reconstruir pontes e reestabelecer relações, ao passo que a narrativa devolve ao outro a visão fraturada de eventos que desconfiguraram esses povos. Entre esses que sofreram, assim como os judeus por esse epistemicídio cultural e genocídio, estão as nações africanas dizimadas, desestruturadas pela escravização e colonização.

Conforme Seligmann-Silva (2002; 2008), a literatura se posiciona à frente, isto é, na vanguarda da linguagem, pois além de possibilitar a exploração do campo simbólico, ela também é marcada pelo ‘real’. Estabelece, desse modo, relações e um entrelaçamento formado pelos eixos da imaginação e realidade, realçando a amplitude do seu alcance, uma vez que a linguagem literária permite percorrer tanto a memória do trauma individual como a memória construída pela sociedade. Ela fala de vida e de morte, das catástrofes externas e internas. Ele salienta que o teor de testemunho ao narrar o trauma é revelado na literatura por meio das características da sua linguagem:

Na qualidade de produto do intelecto, seu testemunho está “inscrito” na própria linguagem, no produto que faz dela, no modo como através de uma intrincada tecedura, ela amarra o “real”, a imaginação, os conceitos e o simbólico. Podemos, portanto, falar de um teor testemunhal da obra literária que permanece mesmo em plena era da reprodutibilidade técnica e, depois dela, na era da síntese de imagens (Seligmann-Silva, 2002, p. 148).

Conforme esse pensamento, mesmo depois do advento tecnológico do cinema, das mídias e das redes sociais que também produzem o testemunho do trauma, da produção visual de imagens que chamam a atenção de massas, a relevância da literatura permanece, porque a sua forma de contar por meio da linguagem escrita a estabelece como indelével,

---

<sup>8</sup> Referência ao Campo de concentração narrado pelas testemunhas do Holocausto.

tornando-a atemporal, ainda que carregando um contexto cronológico. É justamente a fluência do simbólico imagético sobre o que está estranho, em oculto ou em esquecimento que permite a literatura adentrar nas lacunas testemunhais das experiências traumáticas.

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. *Et pour cause*, se dermos uma pequena olhada sobre a história da literatura e das artes veremos que os serviços que elas têm prestado à humanidade e seus complexos traumáticos não é desprezível. Da *Iliada* a *Os sertões*, de *Édipo Rei* (Sófocles, [500 BC.] 1982) à *Guernica* (Picasso, 1937), de *Hamlet* (Shakespeare, [1602] 1936) ao teatro pós Shoah de um Beckett, podemos ver que o trabalho de (tentativa) introjeção da cena traumática praticamente se confunde com a história da arte e da literatura (Seligmann-Silva, 2008, p. 70).

O testemunho emerge e se manifesta na linguagem literária, dessa forma, a memória possui relação implícita com a capacidade narrativa e de testemunho. O pesquisador ressalta a presença do teor testemunhal do trauma em várias obras do cânone literário, refletindo em uma visão não dissociativa, mas, sobretudo, de suporte e de registro da memória coletiva, demonstrando sua abrangência em todas as manifestações literárias e em todos períodos históricos. De forma que a possibilidade criativa e simbólica da literatura é capaz de preencher e reconstruir lacunas, conquistando uma nova dimensão para o fato do ‘irreal’ e do ‘estranho’ ao que sobrevive ou recebe a herança do choque traumático.

Apesar de uma considerável parte dos estudos sobre trauma se debruçarem sobre os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto dos judeus, aqui se intenta focar no trauma gerado pela escravização e racismo dirigido à população negra. Ao observar os entraves históricos, percebe-se que esse trauma se repercute entre gerações e territórios diferentes, uma vez que a escravização extravasou séculos e foi disseminada em muitos países. Dessa forma, as consequências desse trauma permanecem e refletem-se ainda hoje nas atmosferas política, econômica, social e cultural. Esse passado permanece inacabado e parcialmente desconhecido.

Os romances em estudo apresentam este teor testemunhal de um trauma cultural que reconta, compartilha as fraturas causadas pela violência e epistemicídio da escravização, marcando um estigma cultural. Ao jogar com o real e o imaginário, proporciona-se um adentramento da memória coletiva. Assim, revisitar esse trauma não é uma tarefa indolor, no entanto, compartilhar a memória simbólica empreende a assimilação e rompimento de

paradigmas, uma sobrevivência epistêmica. A literatura empreende um espaço propício a esse exercício e encontro.

A reconstrução histórica na narrativa *neo-slave* possibilita ao leitor explorar e descobrir traços de um trauma racial e cultural que foram ou são base para fragilizar a identidade individual e também coletiva, de um povo que foi sujeito a eventos danosos que distorceram sua originalidade e legitimidade. Sobre o trauma cultural, o sociólogo Jeffrey C. Alexander (2004) define como:

O trauma cultural ocorre quando os membros de uma coletividade sentem que foram submetidos a um evento horrendo que deixa marcas indeléveis em sua consciência de grupo, marcando suas memórias para sempre e mudando sua identidade futura de maneiras fundamentais e irrevogáveis. (Alexander, 2004, p. 3)<sup>9</sup>

A escravização como um evento danoso e traumático à população negra afetou a memória coletiva e a formação de uma identidade emergente. Nos Estados Unidos, após a Guerra Civil (*Civil War*) e a abolição da escravização, surge o termo ‘afro-americano’ para distinguir e diferenciar esses povos que eram excedentes, já que não eram mais escravizados e não eram vistos como a categoria de “americanos nativos”. Esse termo emerge com o intuito de forjar uma identidade coletiva de um povo que tenha sido escravizado ou não, mas que tem descendência africana. Se por um lado essa identidade é continentalizada, uma vez que na África cada nação é reconhecida pela sua origem e distinção, na América passa-se a ter uma concepção mais uniformizada, baseada nas ideias raciais vigentes na época. Por outro lado, o surgimento do termo denota um reconhecimento da existência desse povo, em uma tentativa de se construir uma identidade coletiva, mesmo que essa nomenclatura demonstre o contexto de uma identidade segregada.

O sociólogo Ron Eyeran (2004) discorre sobre como a escravização se caracterizou como um trauma e como esse evidencia suas raízes na formação da identidade do afro-americano: “O trauma em questão é a escravidão, não como instituição ou experiência, mas como memória coletiva, uma forma de lembrança que fundamentou a formação da identidade de um povo<sup>10</sup>” (Eyeran, 2004, p. 60). Apesar da obviedade desse fato, a escravização assume um quadro traumático inscrito na memória coletiva, bem como cultural,

---

<sup>9</sup> “Cultural trauma occurs when members of a collectivity feel they have been subjected to a horrendous event that leaves indelible marks upon their group consciousness, marking their memories forever and changing their future identity in fundamental and irrevocable ways”. (tradução nossa).

<sup>10</sup> The trauma in question is slavery, not as institution or even experience, but as collective memory, a form of remembrance that grounded the identity-formation of a people. (tradução nossa)

uma vez que suas reminiscências agravaram as injustiças sociais e a clivagem desses povos em contexto diaspórico. Um memorial negativo por vezes revisitado pela memória coletiva como um grupo que: a) foi desumanizado; b) rejeitado pela sociedade em que vive; c) visto como não civilizado; d) considerado resistente e ameaçador.

Para Eyerman (2004), o que difere o trauma individual do cultural é principalmente o fato de que enquanto o individual possui seus malefícios no psicológico, afetando a saúde emocional e psíquica, o trauma cultural acarreta em uma perda de identidade e significação de um coletivo, no qual nem todos de determinada comunidade irão sentir ou viver diretamente. Essa vulnerabilidade pode ser sentida, no entanto, pelo simples fato desse indivíduo ser definido como “membro da raça”, o que pode caracterizar a construção de uma identidade distorcida pela memória do trauma, já que a sociedade contemporânea possui apenas o testemunho contado pela literatura e outros meios artísticos, além de meios de comunicação que resgatam a história. Esses que escrevem “testemunham”, desempenhando um papel fundamental para construção histórica e de retorno à memória, buscando reconstruir um espaço de pertencimento e significação perdida.

Ressalte-se que memória aqui aparece como um elemento relevante na formação identitária tanto individual como coletiva, além de compreender a sua relação intrínseca com a perpetração do evento traumático. O psiquiatra Allan Young (1995, p. 4) pondera acerca do tripé que formula sua conceituação:

A memória tem três significados: a capacidade mental de recuperar informações armazenadas e realizar operações mentais aprendidas, como divisão longa; a semântica, conteúdo imagético ou sensorial das lembranças; e o local onde essas lembranças são armazenadas. (Young 1995, p. 4)<sup>11</sup>

A partir desta compreensão tricotômica, entendemos que a memória atua em sua complexidade no armazenamento de informações ou lembranças, na interpretação desses dados que gerem o simbólico e as emoções causadas pelo acesso a essas recordações. Dessa forma, a memória não guarda apenas as lembranças dos fatos, mas também os sentimentos que eles causaram nas suas emoções, assim, quando reaparece a cena traumática, emergem também as emoções gravadas.

---

<sup>11</sup> “Memory has three meanings: the mental capacity to retrieve stored information and to perform learned mental operations, such as long division; the semantic, imagistic, or sensory content of recollections; and the location where these recollections are stored”. (tradução nossa)

Se por um lado a ausência de memória causa profundos problemas de identidade no indivíduo, devido à necessidade de saber sua origem e qual a sua história, evidenciando que as raízes identitárias estão imbricadas em uma consciência coletiva, por outro lado, o retorno à memória pode empreender passos relevantes na construção social, reconstruindo e compartilhando um novo olhar para um passado coletivo.

### **1.3 Violência e desigualdades sociais: traços que incitam o trauma racial**

O termo raça não alcançou uma concordância em seu sentido mais amplo. Alguns acreditam na existência de apenas uma raça: a humana. Entretanto, com o advento das ideias iluministas, que proclamavam uma revolução intelectual, à medida que defendiam a igualdade entre todos os homens, a empreitada colonialista acarretou em uma divisão ou subdivisão de raças. Percebemos que na realidade o movimento se expandiu de maneira controversa, ao passo que essas ideias eram levadas e imputadas aos povos do novo mundo, ou aos povos colonizados, aquele que apregoava o sentimento de liberdade e igualdade no mundo europeu, distinguiam os povos africanos, asiáticos, indígenas como outros tipos de raça humana.

A partir de então, surge o conceito de raças baseado na visão iluminista, que embora traga à luz a ideia de equivalência/igualdade entre as pessoas (do continente europeu), acaba se contradizendo, pois ao se confrontar com os outros povos, irão distingui-los e classificá-los como raças inferiores. Com um sentimento de supremacia existencial civilizatória, dotado de argumentos e mecanismos impositivos ou negociadores, o imperialismo consegue dominar os povos colonizados.

Partindo desta perspectiva, o filósofo e atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil Sílvio Luiz de Almeida (2018) traz a definição de raça em dois aspectos: “1) como característica biológica, em que a identidade será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele; 2) como característica étnico-cultural, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir”.” (Almeida, 2018, p. 24). Todavia, o conceito de raça não é estático e acompanha as mudanças sociais, além de depender das relações sociais estabelecidas.

De acordo com essas considerações, o colonialismo propagou-se em nome dessa razão iluminista para levar aos povos ditos selvagens ou primitivos à civilização. Isso sustentou por muito tempo a tentativa de universalização como impulso ou justificativa para



as empreitadas desumanas, que, ao contrário, só mostravam quanto desalumiada e sombria era a sua barbárie. Aparece, na verdade, o real desejo de dominar e fazer o bem a si mesmo, quando o bom europeu intensifica com a formulação de ‘raças inferiores’ os processos de discriminação e racismo.

No entanto, em um dos ensaios mais importantes sobre o tema, o psiquiatra martiniquense Frantz Fanon (2005) adverte que o colonizado refuta não apenas o discurso universalista, mas, sobretudo, a noção que formula e fortalece a ideia de uma ‘originalidade absoluta’. Afirma ainda que esses ideais se desmoronam quando está no solo colonizado, fazendo menção à violência cometida em todas as esferas, seja ela física ou psíquica, desvalorização cultural, a animalização e desumanização desses povos:

Os valores, com efeito, são irreversivelmente envenenados e infectados quando se põem em contacto com o povo colonizado. Os costumes do colonizado, as suas tradições, os seus mitos, principalmente os seus mitos, são mesmo a marca dessa indigência, dessa depravação constitucional (Fanon, 2005, p. 37).

Esse pensamento suscita o início da discriminação, em que o negro foi empurrado para a margem, por isso a relevância de vozes que questionam esse lugar subjugado, revendo a necessidade de se refletir e realizar esse deslocamento de volta à sua origem. Para isso, é preciso discutir e revisitar o passado e escrever um presente consciente de sua história. Nesse movimento de pensadores e interlocutores, como Fanon, destacamos o movimento cultural, político e artístico da década de 1960 nos Estados Unidos, que lutou pela garantia dos direitos civis dos negros e afro-americanos.

Achille Mbembe (2018) baseado no conceito de biopolítica de Frantz Fanon cunha o termo necropolítica. Esse termo, todavia, se distingue de biopolítica que discute acerca dos mecanismos de controle de vida do sistema social, uma vez que a necropolítica desenvolve a ideia de que o Estado cria mecanismos de controle sobre a vida e a morte, em outras palavras, ele escolhe quem vive e quem morre, além da maneira de como se vive na sociedade. Esse controle está relacionado ao racismo, visto que as relações sociais são alimentadas por ideologias e pelo preconceito racial enraizado nos laços sociais.

Almeida (2018) traz à discussão que estudos antropológicos realizados no século XX comprovam que não existem diferenças biológicas ou naturais que justifiquem nenhuma hierarquia racial. Ressalta que o genocídio cometido na Segunda Guerra Mundial mostrou a noção de raça como elemento político, ou seja, que todo e qualquer puritanismo racial na verdade esconde interesses individuais ou de uma classe social, bem como conflitos

socioeconômicos. Por essa razão, ratificamos o pensamento de Sousa Santos (2009), o qual considera o epistemicídio um tipo ou uma faceta do genocídio. Ele define o epistemicídio como “a destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas” (Sousa Santos, 2009, p. 183). Essa estratégia de aniquilar a cultura, os saberes, é uma forma também de manipulação e dominação para afirmação e prevalência de uma única cultura e saber a serem copiados pelos povos colonizados.

Muitas empreitadas foram realizadas com o intuito de dizimar um povo e seus saberes. Entre as razões econômicas, também é possível constatar que o racismo, a intolerância e a noção de raças inferiores foram base para exterminar essas minorias. Elencamos aqui alguns genocídios com vieses de epistemicídio, que dizimaram povos por serem considerados raças inferiores, como, por exemplo, a deportação e o extermínio em massa da população armênia (minorias religiosas na Turquia) pelo império Otomano turco, entre 1915-1918, quando milhares de pessoas foram presas, levadas a campos de concentração e executadas pelo forte sentimento de nacionalismo turco, nesse mesmo período da primeira Guerra Mundial. Apesar de não ser reconhecido como genocídio pelo governo turco, mais de trinta países já reconhecem que foi o genocídio planejado de uma etnia, cerca de 1 milhão e meio de mortes.

Um dos mais conhecidos episódios de genocídio aconteceu na Segunda Guerra Mundial (1933-1945), com a chegada do nazismo no governo da Alemanha, começam as perseguições e extermínio de seis milhões de judeus pela Europa. O Holocausto foi fomentado pelo sentimento de antissemitismo, ou seja, o ódio e preconceito ao povo judeu. O radicalismo nazista se espalhou de maneira cruel: fuzilavam, levavam a campos de concentração para trabalho forçado até morrerem de frio, fome ou em câmaras de gás.

Mais um caso, acontece em 1975 a 1979 ocorrem mortes em massa no Camboja, onde o ditador Pol Pot (1925-1998), ou conhecido como Khmer Vermelho, esvaziou as cidades, obrigando a população a voltar para o campo e trabalhar em fazendas coletivas de trabalho forçado. Além disso, perseguiu várias etnias e minorias religiosas, empreendendo até uma perseguição interna aos membros do seu partido. Qualquer pessoa que demonstrasse algum tipo de instrução ou até mesmo usasse óculos era perseguido e morto. Cerca de 1,5 a 2,5 milhões de pessoas morreram durante a sua ditadura.

Dentre outros genocídios que marcaram a história mundial, não poderíamos deixar de mencionar um dos maiores massacres do continente africano que aconteceu na Ruanda em 1994. O conflito gerado entre as etnias tutsis e hutu, com a intenção de exterminar o povo tutsis do país, uma disputa pelo poder e dominação do país que causou uma guerra civil entre esses povos e que durou 100 dias de crimes, estupros e mais de 800 mil mortos. Uma tragédia que trouxe prejuízos para esse país em todos os âmbitos sociais e culturais.

Destaca-se que a situação de estarem em diásporas como os armênios na Turquia, os judeus na Alemanha e Europa ou a perseguição das minorias religiosas e étnicas no Camboja são exemplos de barbáries que se desenrolam justificadas pelo racismo. A história mundial tem sido marcada pelo sangue de milhões de povos que morreram pela intolerância de lideranças políticas e exércitos. O epistemicídio é um fator de controle, que desqualifica e inibe a produção do conhecimento em todas as esferas. Escravizado, mantido em cárcere e trabalho pesado, o negro não teria condições de manifestar ou produzir o conhecimento que trouxe consigo da sua terra, ademais, era impelido a aprender o idioma e a religião como forma de sobrevivência. O fato é que diante da situação do negro em diáspora na contemporaneidade, percebemos a continuação desse epistemicídio em dias atuais, quando o aniquilamento está para além do físico, atingindo a sua memória e seu conhecimento materno, lacerando sua autoestima, o pensamento intelectual e racional.

Partindo deste entendimento, Almeida (2018, p. 24) explica que “a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários”. De acordo com essa definição e os exemplos já discutidos de fatos históricos de opressão racial, assimilamos que a ideia de raça está impregnada nas sociedades e usadas a seu favor quando necessária para dominar e emancipar poderes.

Baseado nessa ideia de raça ‘inferior’, surge o racismo e as ações antagônicas dirigidas a um grupo específico, como aconteceu com os judeus e com os povos das nações africanas. Almeida (2018) então, define o racismo como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam”. (Almeida, 2018, p. 25). Por isso, o racismo é sempre dirigido a um grupo, ao coletivo, prejudicando a memória coletiva e enfraquecendo laços sociais e, conseqüentemente, a saúde mental do indivíduo.

Entendemos que esses epistemicídios e genocídios históricos partiram do desejo de controle de vida e de morte fundamentado no preconceito racial como afirma Mbembe (2018) na necropolítica. Ele ainda descreve essa percepção de que o outro (no caso o diferente racialmente) torna-se um perigo e, portanto, surge a necessidade de ser excluído ou eliminado, uma percepção bem radical e desumana que parte dessa discriminação racial:

A percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança, é este, penso eu, um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade (Mbembe, 2018, p. 19-20).

Além de ações violentas como as apresentadas acima, esse domínio também é estabelecido pelos mecanismos sociais como negação ou acesso precário às políticas públicas como natalidade, saúde, educação, moradia, emprego e segurança. Assim, esse controle político deixa a população negra em uma realidade violenta e vulnerável em que sua condição oscila entre a vida e a morte.

Por esse prisma, entendemos a relevância de compreender o contexto no qual está inserida a população negra nos Estados Unidos, país onde estão ambientadas as histórias. Para melhor compreensão, é necessário vislumbrar alguns dados a respeito da história de traslado desse povo, bem como da continuação de seus descendentes. No período de comércio e da captura de escravizados, cerca de 388 mil africanos desembarcaram na América do Norte segundo dados do *Trans-Atlantic Database*. Hoje, a população negra estadunidense gira em torno de 13,6%. Isso significa que cerca de 45 milhões de habitantes se autodeclaram negros ou afro-americanos, segundo o último censo americano. Desse número de negros e afro-americanos, uma porcentagem de 16% declara ter algum problema de saúde mental, segundo informações do *Substance Abuse and Mental Health Services Administration* (SAMHSA), indicando que mais de 7 milhões de pessoas afro-americanas sofrem com algum tipo de distúrbio ou patologia mental. Esses dados evidenciam a problemática da discriminação e dos traumas de se viver em diáspora.

A violência e a discriminação contra o negro nos Estados Unidos se revelam de maneira mais palpável, sendo notória e indiscreta a forma de segregação e de preconceito diante de tantas lutas enfrentadas em sua história e tantos casos divulgados pela mídia, como o de George Floyd, supondo que um número muito maior de mortes e violência acontece diariamente e é silenciado. A violência policial contra os negros nesse país assume grandes proporções quando comparados à população branca. De acordo com pesquisa realizada pelo

instituto *Global Burden Disease* (GBD) (2019), o número de mortes pela violência policial entre negros chega a ser duas vezes maior que entre brancos. Esse estudo também mostra que por volta de 55% das mortes por policiais foram subnotificadas, havendo uma perda de dados e uma classificação errônea das estatísticas. Isso mostra que negros sofrem mais violência nesse contexto do que as outras etnias, mesmo sendo uma minoria, considerando o contingente populacional branco.

A segregação nos Estados Unidos pode ser constatada a partir de dados do último censo em que a maioria desse contingente populacional vive no sul e sudeste do país, em estados como Texas, Flórida e, por exemplo, Alabama, onde a autora Gyasi viveu quando chegou com sua família. Também ambientou sua obra *Reino Transcendente* (2021) nesse lugar, em que a família de Gifty se estabeleceu ao chegar em solo americano e na obra *O caminho de casa* (2017), quando a matriarca Esi chega para trabalhar como escrava nas plantações. Nova York, um dos estados que possui maior número de pessoas negras e imigrantes, também aparece em *O Caminho de casa* (2017) como lugar de escolha de Willie e Robert ao sair do Sul para buscar melhores oportunidades de vida.

O que essa obra (dita) ficcional mostra está em dados do Censo Bureau (2021), que afirma que 55% da população afro-americana vive no Sul, 18% no Centro-oeste, 17% no Nordeste e 10% no Oeste. Fato é que existem estados em que a população negra é mínima. Esses estados podem ser considerados brancos, como o estado de Wyoming, onde apenas 2% de sua população se identifica como afro-americana e Montana com apenas 1% de pessoas negras.

A população de imigrantes negros nos Estados Unidos tem aumentado a cada ano. Em 1986, foram notificados cerca de 816 mil, enquanto em 2016, esse número aumentou para 4,2 milhões, segundo o instituto de análise do censo *Pew Research Center* (2018). Esses imigrantes que têm origens de nações africanas são 39% e 49% vieram do Caribe. Entre os países africanos que mais têm representatividade são a Nigéria, com 8%, Etiópia, com 6%, Gana, 4%, e demais nações do continente africano juntas contabilizam cerca de 48%. Assim, Gana, como o país de origem das matriarcas dos dois romances, representa esse dado de uma das nações africanas com mais imigrantes na América do Norte.

Quanto à educação, o número de evasão entre pessoas negras no Ensino Fundamental e Médio historicamente foi baixo, porém, segundo o Censo Bureau (2021) pela primeira vez a taxa de conclusão do Ensino Médio entre negros e afro-americanos sobe para 90% de jovens negros que concluem e recebem o diploma. Esse número se aproxima do percentual

de 94% de pessoas brancas. No ensino superior, também há o aumento de pessoas negras de 25 anos ou mais que terminam os quatro anos de faculdade, número que duplicou de 12% em 1993 para 24% em 2017.

A situação econômica ainda é precária entre essa população, uma vez que os melhores salários e empregos continuam contingenciados entre a população branca. Pessoas negras e principalmente imigrantes, pela conjuntura social a que estão inseridos, permanecem em desvantagem, precisando aceitar empregos com baixos salários, sem estabilidade e nem benefícios. Isso se reflete diretamente em uma qualidade de vida precária, estresse, tensão. Segundo o Censo Bureau, a taxa de pobreza para os negros era de 20,8 por cento em 2018, representando 8,9 milhões de pessoas, o que significa que em cada 5 pessoas afro-americanas, 1 vive em condição de pobreza. Enfatiza-se que pessoas com pouco poder aquisitivo são mais vulneráveis a apresentar o quadro depressivo, isso porque vivem constantes situações de tensão e estresse.

Se pensarmos no contexto sociopolítico no qual o negro está inserido - na classe com menor poder aquisitivo, com trabalhos mal remunerados, vivendo em diáspora -, logo, além de passar por tensão devido à condição financeira, também sofre com situações de injustiça social, o preconceito e discriminação racial. Slomen e Araújo (2017, p. 40) realizam um levantamento que constata a maior probabilidade da população negra ter mais riscos de desenvolver transtornos psicológicos, principalmente depressão. Em relação especificamente às mulheres, elas concluíram que: “Sintomas de depressão foram vistos mais em mulheres negras (52,8%) do que mulheres brancas (42,3%)”. Vale enfatizar que essa associação entre raça e saúde não é biológica. O que é levado em conta para realizar essa relação são fatores de risco sociais e ambientais que envolvem os negros. Nessa investigação no texto literário, observamos que o trauma na diáspora pode ser uma dessas causas da depressão apresentada nos romances.

Além disso, observamos a constante busca do homem moderno pelo sucesso e para ressignificar ou provar seu valor diante da sociedade. É o que constata Ehrenberg (2010, p. 172) em sua obra *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*: “hoje, cada um, independentemente de onde venha, deve realizar a façanha de tornar-se alguém por meio de sua própria singularização”. Essa é uma premissa da exigência deste século, mostrar que ‘é’ alguém para a sociedade global por meio de alguma realização ou conquista que proporcione um ‘destaque’ ou afirmação pessoal. Essa necessidade de alcançar tal singularização individual torna-se mais complexa quando se vive em uma

condição de subjugação e opressão social. A partir desse pensamento, verificamos nos romances personagens que apresentam esse quadro depressivo depois de experiências traumáticas, como guerra, escravização e/ou diáspora.

#### **1.4 Literatura *Neo-slave* e *Postmodern slave narrative* afro-americana de escrita feminina**

A literatura contemporânea ancorada na história e na memória da escravização, ou que reflita sobre aspectos da herança desse episódio histórico no sujeito pós-moderno, é considerada uma literatura *neo-slave*, configurando um gênero da narrativa afro-americana. As primeiras obras escritas sobre esse contexto aparecem durante o período escravagista, são chamadas *slave narratives*. Esses textos foram escritos pelas pessoas que passavam pela experiência da escravização ou ex-escravizados. Nesse período da escravização, as *slave narratives* foram utilizadas como manifesto para conscientização contra essa prática. Assim, são tomados como fonte para os abolicionistas mostrarem à população em geral as injustiças e as atrocidades cometidas nas plantações. São textos escritos em primeira pessoa, autobiografias de escravizados.

A importância dessa escrita se apresentava não só pelo teor testemunhal da narrativa que evocava o trauma da escravização, mas também pela demonstração da capacidade de escrita do negro, que comprovava sua humanidade, já que escrever é uma habilidade característica humana. A exemplo disso, Solomon Northup (1808 – 1863) nascido livre no estado de Nova York é sequestrado como escravizado para trabalhar no sul do país e a partir dessa experiência ele escreve o livro *Doze anos de escravidão* (1853).

Depois da abolição acontece um esfriamento dessa escrita, um período de silenciamento. Essa abordagem literária reaparece no século XX, quando emerge o movimento intelectual e artístico negro nos Estados Unidos, principalmente nas décadas de 1950, 1960, 1970 durante o movimento de luta pelos Direitos Civis das pessoas negras contra a segregação racial. Nesse contexto, acontece um afloramento literário, no qual surgem autores que usam a sua voz para trazer à tona a problemática racial estadunidense, narrando sobre seu povo e sua história. Logo, a temática da escravização volta a preencher as entrelinhas da escrita afro-americana. O romance que marca o início dessas *neonarrativas* de escravidão é *Jubilee* (1966) de Margaret Walker (1915-1998). Entre outros autores estão, por exemplo, James Baldwin (1924-1987), Maya Angelou (1928-2014) e Toni Morrison (1931-2019).

Essa categorização da narrativa afro-americana como *neo-slave* é recente nos estudos acadêmicos da literatura. Bernard W. Bell (1987, p. 286) realiza uma leitura sociocultural e crítica da história da narrativa afro-americana, ele é o pioneiro a cunhar essa nomenclatura (a princípio sem hífen) para designar “(...) narrativas modernas de fuga da servidão para liberdade”<sup>12</sup> e que são construídas a partir da cultura popular, enfatizando a premissa do folclore em seu contexto. Essa ‘cultura popular’ remete às referências históricas e culturais dos povos afro-americanos durante a escravização e pós-abolição, evidenciando a existência de uma tradição literária afro-americana. Asharaf Rushdy (1997; 1999) redefine o termo passando a usá-lo com hífen e popularizando entre os estudos acadêmicos, conceituando esse como uma “narratividade contemporânea da escravidão” que são contextualizados como uma narrativa escrava *antebellum*. Sua definição tem uma abrangência mais detalhada que Bell (1987), pois para ele o romance neo-slave é produzido em várias categorias como romance histórico, realista social, realista mágico, genealógico etc.

A partir dos estudos de Asharaf Rushdy (1999) sobre a narrativa *neo-slave*, muitos críticos desenvolveram suas ideias partindo de sua compreensão, e até ampliando essa noção como é o caso de Timothy Spaulding (2005), que realiza um estudo sobre essa literatura cunhando um conceito diferente para as narrativas afro-americanas, classificando-as de *postmodern slave narrative*. Para ele, essas narrativas abarcam um composto diverso de propostas estéticas sobre a história da escravização estadunidense, alegando a sua continuidade, ou seja, a presença de seu legado na sociedade contemporânea. Ressalta a fluidez desse gênero por englobar a complexidade das facetas de enfrentamento, além de partir de um lugar comum a outras narrativas. Isso quer dizer que sua escrita nem sempre parte do novo: “Em última análise, o pós-modernismo afro-americano em geral, e a narrativa pós-moderna mais especificamente, é um discurso complexo unido por um compromisso de reformar o passado por meio da narrativa”<sup>13</sup> (Spaulding, 2005, p. 123). Essa compreensão confirma a proposta deste trabalho, uma vez que acreditamos que as narrativas pós-modernistas propiciam a reconstrução de um passado e da memória de um povo. Dessa forma, analisar esses romances nos possibilita vislumbrar um retorno à história africana e afro-americana, podendo devolver a sua legitimidade.

---

<sup>12</sup>“(…) *modern narratives of escape from bondage to freedom*” (tradução nossa).

<sup>13</sup>“*Ultimately, African American postmodernism in general, and the postmodern narrative more specifically, is a complex discourse united by a commitment to re-forming the past through narrative*” (Spaulding, 2005, p. 123) (tradução nossa).



Conforme Spaulding (2005), a *postmodern slave narrative* possui um caráter transgressor, pois detém um discurso que desconstrói estereótipos, salientando que é indispensável repensar identidades que vão além de categorias raciais pré-estabelecidas com o intuito de alcançar uma “libertação no contexto pós-moderno”<sup>14</sup>. Além disso, ele observa que essas narrativas rompem com os limiares da existência de um gênero predominantemente realista, quando evidenciam a fantasia em suas obras:

A narrativa pós-moderna sobre escravidão (de escravos) é transgressora. Ela borra as fronteiras entre os gêneros, cruzando incansavelmente e reinvestindo formas populares muitas vezes consideradas escapistas ou a-históricas com uma dimensão política aberta. Ele desconstrói o realismo como o modo dominante de narrativa histórica, mesmo quando (em muitos casos) ele implica que a história passada da escravidão é um objeto cognoscível, recuperável por meio da forma escrita". (Spaulding, 2005, p. 123).<sup>15</sup>

Spaulding (2005) confirma o que diz Rushdy (1999) quanto à percepção da existência de uma insurgência na literatura *neo-slave*, já que havia a tentativa de escritores do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos encontrarem uma forma de direcionar e absorver o sentimento da contracultura existente na época: “Para esses escritores, o ato de reformar o passado é um gesto abertamente político – um meio de criticar o legado da escravidão no presente, radicalizando nossa visão do passado” (Spaulding, 2005, p. 124).<sup>16</sup>

A existência de uma tradição literária afro-americana se evidencia por meio dessa literatura, que aborda não só o período da escravização, como também o pós-abolição e a contemporaneidade. Sua relevância para história está implícita nesse poder testemunhar e reformar esse passado e, conseqüentemente, deixar viva a memória e cultura desse povo, afirmando e reconstruindo suas experiências por meio dessas vozes.

Ancorados nesse pensamento, compreendemos a obra *O caminho de casa* (2017), de Yaa Gyasi como uma *postmodern slave narrative*. Um romance sobre a genealogia de duas irmãs que acabam levadas por destinos diferentes: Esi e Effia. A obra apresenta a descendência de Esi desde o trabalho forçado nas plantações, a luta pela liberdade, até o momento contemporâneo, destacando em todas as fases: a luta pela sobrevivência.

---

<sup>14</sup> "liberation in a postmodern context" (Spaulding, 2005, p. 124) (tradução nossa).

<sup>15</sup> "The postmodern slave narrative is transgressive. It blurs the boundaries between genres, crossing them relentlessly and reinvesting popular forms often regarded as escapist or ahistorical with an overtly political dimension. It deconstructs realism as the dominant mode of historical narrative even as (in many instances) it implies that the past history of slavery is a knowable object, retrievable through written form" (Spaulding, 2005, p. 123) (tradução nossa).

<sup>16</sup> "For these writers, the act of re-forming the past is an overtly political gesture—a means of critiquing the legacy of slavery in the present by radicalizing our view of the past".(Spaulding, 2005, p. 124) (tradução nossa).

Se por um lado a descendência de Esi foi martirizada pela escravização, por outro lado, Effia e sua descendência conviveram com a decadência de seu país após a escravização: acordos com os brancos; a luta entre tribos inimigas para captura de pessoas; a deterioração do crescimento econômico do país a partir da dependência do colonizador; o trauma deixado pela destruição nas aldeias e o trauma cruzando o Atlântico nos navios negreiros. Effia e seus conterrâneos tinham ideia do que acontecia com quem era capturado. Ela só não sabia que tinha uma meia-irmã, a qual estava entre aqueles que agonizavam pelos maus tratos e fome encerrados na fortaleza de *Cape Cost*.

Essa obra se torna mais relevante, porque ela não mostra somente os que vieram buscar e os que foram, mas a obra mostra a continuação daqueles que também ficaram depois de venderem seus irmãos e o caos instaurado em meio a tantos conflitos e o infortúnio coletivo, como discorreu Santos (2008). Essa narrativa possui uma amplitude histórica diferenciada, uma vez que engloba as duas faces da história, realizando uma reformulação do memorial do povo ganense.

Embora o enredo de *Reino transcendente* (2021) não seja desenvolvido nesse cenário da escravização, ele apresenta fortemente a ideia de continuação existencial da herança da escravização na vida do povo africano. Nele, as pessoas ainda precisam ou desejam se deslocar de suas terras natais em busca de melhores condições de vida. Esse buscar uma ‘vida melhor’ está relacionado também ao ‘infortúnio coletivo’ citado por Santos (2008), legado de dependência e desestruturação deixada pela colonização. A narrativa também esboça os entraves que a população negra e imigrante enfrenta em um país onde o racismo está impregnado nas raízes sociais.

O fato de ainda hoje serem narradas histórias ambientadas na escravização revela que esse trauma ainda não foi superado, de forma que se torna uma questão relevante para essa e para as próximas gerações reescrever essa história. Segundo Eyerman (2004), a escravização é vista como ‘cena primal de um trauma cultural’, que se reverbera com mais força para aqueles que estão em deslocamento, questionando a dualidade de sua identidade, de sua cidadania. Dessa forma, esses romances possibilitam uma leitura e um retorno à memória onde é possível submergir na textualidade e reconstruir identidades.

A literatura escrita pelos afro-americanos faz parte do processo de questionamento e luta a favor do seu lugar nas artes, na política e na sociedade, significando um espaço de voz para esse movimento, já que a literatura possui o poder da palavra. Logo, a escrita desempenha esse papel transgressor, cuja arma mais poderosa é a palavra, o verbo que

constrói e desconstrói todo o viés segregacionista, revestindo de humanidade a quem lhe foi negada.

### 1.5 Representantes da escrita feminina de Gana

Gana é um país africano com aproximadamente 31 milhões de habitantes. Foi alvo de grandes empreitadas de comércio de tráfico de escravizados. Seu território foi dominado por portugueses, suecos, holandeses, alemães e, por fim, os ingleses. É também um dos primeiros países africanos a se “libertar” do poderio imperialista. A sua língua oficial é o inglês, mas cada habitante fala pelo menos uma língua local. Esse país conta com escritoras conceituadas na literatura, as quais, intentamos citá-las aqui para contextualizar e conhecermos uma parcela dessas autoras.

Vale ressaltar que a literatura de autoria feminina ganesa tem se afirmado na história do país como uma forma de resistência e ressignificação da identidade feminina e cultural. Essa literatura aborda a escravização, a diáspora do povo devido às dificuldades econômicas e sociais do país. Percebe-se a presença desse deslocamento contínuo como uma temática recorrente. Inclusive as escritoras citadas a seguir, a exemplo Gyasi, vivem ou já tiveram a experiência da migração para estudar ou trabalhar. Além disso, também registra questões relacionadas à problemática de gênero, da luta por direitos e da representação da mulher na sociedade ganesa. Sobre essa questão, Pinheiro-Mariz (2020, p. 44) ressalta que “para se chegar ao que se tem hoje como literatura e reconhecimento do lugar da mulher nessas literaturas, faz-se necessário fazer um *retour-en-arrière* (resgate de memória)”. Por isso, é necessário pensar, discutir e estudar essas obras para que a memória continue viva; dessa maneira, pretendemos, ao delinear uma breve contextualização da escrita literária de Gana, situar e resgatar alguns nomes de escritoras que fazem parte da história do país.

Iniciamos com Abenaa Busia nascida na cidade de Acra em 1953, poeta, feminista, palestrante, escritora e diplomata. Ela é filha do ex-primeiro-ministro, professora de literatura de língua inglesa e estudos sobre mulher e gênero, é embaixadora de Gana para o Brasil. Sua obra conta com dois livros de poesia *Testimonies of Exile* (1990) e *Traces of a Life: A Collection of Elegies and Praise Poems* (2008).

Ama Ata Aidoo nasceu em 1942, poetisa, dramaturga e professora. Foi também Ministra da Educação de Gana, é uma escritora muito conhecida no Brasil, que possui uma ampla produção. Entre suas principais obras, estão as peças de teatro *The Dilemma of a*

*Ghost* (1965), o livro de contos: *No Sweetness Here: A Collection of Short Stories* (1970), o romance *Our Sister Killjoy: or Reflections from a Black-eyed Squint* (1977), *Changes: a Love Story* (1991), poema *An Angry Letter in January* (1992), entre outros.

Amma Darko nasceu em 1956 em Koforidua, mas cresceu em Acra, morou na Alemanha nos anos 80, algum tempo depois volta para Acra. Sua estadia na Alemanha influenciou seu primeiro romance *Beyond the Horizon* (1995), que retrata a relação entre alemães e imigrantes ganeses. Todavia, com o tempo seus romances vão sendo construídos e ambientados em Gana, ilustrando o cotidiano das pessoas: *Stray heart* (2000), *Faceless* (2003), *Not Without Flowers* (2007) e *The Necklace of Tales* (2015).

Efua Dorkenoo (1949-2014) também conhecida como Stella Efua Graham, nasceu em *Cape Coast*, foi uma das ativistas contra a mutilação genital de meninas em Gana. Atuou como pioneira na campanha internacional para o fim dessa prática. Entre os seus textos destaca-se *Tradition! Tradition: A symbolic story on female genital mutilation* (1992).

Efua Sutherland (1924-1996) nasceu em *Cape Coast*, foi uma diretora, dramaturga, educadora, escreveu livros infantis, defensora dos direitos das crianças. Ela fundou O Estúdio de drama de Gana, foi a mais antiga diretora e dramaturga ganesa, tornando-se uma figura influente no desenvolvimento do teatro ganês moderno. Ela também foi pioneira como editora, ao fundar a empresa *Afram Publications* em Acra na década de 1970. Suas principais peças são *Foriwa* (1962), *Edufa* (1967) e *The Marriage of Anansewa* (1975).

Entre essas mulheres, está Yaa Gyasi, nascida em 1989 em Mampong, uma cidade pequena da região de Ashanti. Em 1991, sua família muda-se para os Estados Unidos e desde sua infância, foi tímida e uma leitora ávida. Aos dezessete anos, ela leu *Song of Solomon* de Toni Morrison e decidiu tornar-se uma escritora; estudou inglês na universidade de *Stanford* e recebeu seu título de mestre pelo *Iowa Writers' Workshop*. Em 2012, ela retorna a seu país pela primeira vez, em uma viagem que a inspira a escrever seu primeiro romance *O caminho de casa* (2017).

A apresentação dessas vozes femininas faz-se necessária, pois marca a presença de mulheres a escreverem a história literária de Gana e para contextualizar as principais escritoras contemporâneas, abordando seus papéis de influência na sociedade e na vida cultural ganesa. Observa-se que no caminho de consolidação dessas autoras, acontece, também, um engajamento político por questões sociais concernentes à mulher e à infância, como, por exemplo, Efua Sutherland, dramaturga que dedica a sua vida a luta pelos direitos das crianças, sendo uma das pioneiras da dramaturgia e literatura infantil do país.

Encontramos o exemplo de Efua Dorkenoo, que usou sua influência como escritora para expandir uma campanha internacionalmente na luta pela não mutilação genital das meninas, chamando a atenção do mundo e angariando apoio contra essa prática que é tida como cultural no país. Aqui um exemplo de que a cultura, muitas vezes, é usada como pretexto para fundamentar práticas danosas à criança e a mulher. Por isso, evocamos as palavras de Chimamanda Adichie (2015), quando ressalta que precisamos pensar a cultura mais fluidamente, pois está sempre em transformação: “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (Adichie, 2015, p.15).

Notamos ainda que algumas das obras citadas trazem a temática da diáspora em seus enredos, como, por exemplo, *Beyond the Horizon* (1995) e *Testimonies of Exile* (1990). Ratificamos que essa é uma temática presente na escrita ganesa devido à conjuntura histórica. Portanto, percebemos que essas autoras, assim como Gyasi, apresentam a sua visão de mundo a partir de suas experiências e desse lugar epistêmico, confrontando o racismo e a subalternização da mulher. Nesse cenário, retomamos a ideia de Adichie (2015) compreendendo o viés da literatura feminina de transformar ideias, culturas, de inserção das mulheres como seres que possuem o direito de protagonizar a própria história. Assim, para as mulheres, escrever é também um ato de posicionamento no mundo.

Ainda sobre esse aspecto, Pinheiro-Mariz (2020, p. 53) discorre em seu estudo a respeito de escritoras antilhanas, descrevendo a representatividade feminina na literatura como “vozes que revelam uma significativa resistência diante da necessidade da construção da identidade antilhana na sua complexidade e completude, podendo ser compreendidas como vozes transgressoras.” Trazemos aqui essa noção de vozes transgressoras, dessa desobediência que caracteriza a intelectualidade da mulher que escreve e se coloca diante dos embustes de uma sociedade excludente. Dessa forma, é perceptível que essa transgressão feminina também acontece nesse panorama apresentado, com as quais essas escritoras ganesas, destacando Gyasi, como representante das vozes que resistem e transgridem, estabelecem um importante diálogo entre a literatura africana e ocidental, desconstruindo paradigmas coloniais que deformam e marginalizam a história da mulher negra.

## 2 DEPRESSÃO E LITERATURA: PERCURSO, CONCEITOS E CONFLUÊNCIA

*Surely, there's strength in being dressed for a storm, even when there's no storm in sight?<sup>17</sup>*  
Yaa Gyasi

---

<sup>17</sup> Certamente, há força em estar vestido para uma tempestade, mesmo quando não há tempestade à vista?  
Reino Transcendente

A depressão é tida, atualmente, como o mal do século. Muito embora saibamos que desde o início da humanidade ela tenha feito parte da vida na terra, nos dias atuais, nota-se um grande número de pessoas que apresentam essa enfermidade. Instalou-se um “mal-estar” de caráter subjetivo na sociedade contemporânea, que reverbera as transformações advindas pelos avanços da pós-modernidade. Segundo a OMS, estima-se que cerca de mais de 300 milhões de pessoas no mundo apresentam o quadro depressivo, o que a torna uma doença presente em todo o globo, sentida em todas as línguas, culturas e, possivelmente, representada em muitas literaturas.

Esse “mal-estar” ou doença está registrado na Bíblia em vários momentos do Antigo Testamento. Nesse contexto bíblico, encontramos a história de algumas pessoas que apresentam comportamentos que podem indicar sintomas de depressão, como, por exemplo, Elias<sup>18</sup>, um profeta ousado, que diante de uma perseguição é tomado pelo medo e desânimo, chega a fugir e pedir a sua própria morte com medo da rainha Jezebel. Outro exemplo é Jeremias<sup>19</sup>, profeta que depois de testemunhar muitas desgraças em seu país, devido à dominação babilônica no território de Judá, viu seu povo ser levado a cativo e ele próprio ser perseguido pelo que exortava à nação. Nesse contexto, sentia-se sozinho e angustiado, a ponto de desejar não ter nascido. Ou ainda Jó,<sup>20</sup> um homem reto e próspero, que sofre uma tragédia, perdendo repentinamente tudo o que tinha: bens, família, amigos e saúde; acometido por uma doença que causa isolamento e distanciamento das pessoas, percebe-se em profundo abatimento. Não intentamos aqui realizar um diagnóstico, mas a leitura nos possibilita sugerir a presença de sintomas próximos à depressão.

Da mesma forma é possível encontrar exemplos na literatura universal de personagens que apresentam o estado depressivo. Em princípio esse olhar para a melancolia proporciona discutir o porquê esse termo foi usado por muito tempo para descrever o estado depressivo. Assim, aqui se realizará um paralelo entre o percurso histórico dessa patologia e as representações literárias que desembocam nos movimentos distintos de cada época.

O termo ‘depressão’ vem do latim *depressio*, de *deprimere*, que significa “apertar firmemente”, “para baixo”. Trata-se de um transtorno, que afeta a vida social pelo desânimo e abatimento. Segundo o *Dicionário de psicanálise* (1995), do psicanalista Roland

---

<sup>18</sup> A história de Elias encontra-se no livro de 1 Reis, especificamente no capítulo 19:1-4. ele pede a própria morte.

<sup>19</sup> No livro de Jeremias está toda a sua trajetória de sofrimento, angústia e fé. Pode-se encontrar no capítulo 20:8-18 a parte em que o profeta fala de toda sua dor e deseja a morte.

<sup>20</sup> No livro de Jó, exatamente no capítulo 3: 1-21. está registrado o momento em que amaldiçoa a sua vida e declara esperar pela morte.

Chemama, define-se essa enfermidade como: “Modificação profunda do humor, no sentido da tristeza e do sofrimento moral, correlativa de um desinvestimento de qualquer atividade”. (Chemama, 1995, p.42). Entendemos, portanto, a depressão como uma enfermidade que afeta diretamente o bem-estar emocional do indivíduo, causando uma inibição em relação ao desejo de viver, de produzir, realizar-se, construir, enfim, manter uma vida ativa em sociedade.

Compreendemos, nesta tese, que a depressão é um problema de saúde mental descrito como tristeza profunda, dor da alma e do espírito, tribulação, sentimentos negativos e conturbados que distorcem a visão do que somos, dos que estão à nossa volta e do que acontece no meio em que vivemos. Outros podem definir como vontade de não viver, morrer, isolar-se, perder o gosto e prazer pela vida. Sigmund Freud (1856-1939), fundador da psicanálise, discorre que a depressão pode estar presente em vários quadros clínicos. Dessa forma, entendemos como passo importante discuti-los, a fim de ampliar a compreensão a respeito das concepções construídas em cada época.

As discussões tecidas aqui, são fundamentais para abordagem dessa categoria no texto literário, especialmente os romances africanos *O caminho de casa* (2017) e *Reino transcendente* (2021) de Gyasi. Neles algumas personagens sofrem, na diáspora, o trauma do racismo que causa a depressão, uma doença mental. Além disso, podemos entender como esse trauma herança do legado colonial e da escravização que se perpetua na nossa atualidade contribui para o aumento de casos dessa enfermidade entre as pessoas negras.

## **2. 1 Um conciso percurso histórico: da melancolia à depressão**

Como destacado anteriormente, esse mal assola a humanidade desde os primórdios da vida na terra, retratada pela própria Bíblia. Todavia, em cada época da história humana, o pensamento acerca da melancolia vai se modificando até chegar ao termo depressão. Nesse percurso assume pontos de vista distintos, conforme as conjunturas se enredavam na sociedade. Inicialmente, não existia o termo depressão, como já mencionado. A designação para esse estado de abatimento do homem foi dada primeiro pelo médico Hipócrates (4 a.C.) em seu texto *Da natureza Humana*, que apresenta o termo ‘Melancolia’. A partir de então, encontramos referências em várias áreas das ciências e das artes como na literatura, filosofia, medicina, escultura, psiquiatria, que fazem alusão a essa patologia humana.



Hipócrates (4 a.C.) foi o pioneiro a sintetizar a doença da depressão e dar características que fundamentam o diagnóstico. Ele desenvolveu a teoria humoral, que é baseada na ideia de que o humor (do grego *hokótan*) estabelecia uma relação direta com os fluidos do corpo, cujo equilíbrio determinava a saúde do homem, ou, ao contrário, acarretava doenças. Assim, ele descreve os quatro fluídos que fazem parte do corpo: a bÍlis negra, bÍlis amarela, fleuma e sangue; procedentes, respectivamente, do baço, fÍgado, sistema respiratório e coração. A melancolia acontece quando há o desequilÍbrio desses líquidos, pois cada um corresponde a um estado de humor com traços de personalidade humana, no qual o excesso da bÍlis negra acarretaria a mudança de humor para tristeza excessiva. A partir dessa ideia, surge o termo melancolia, que tem origem no grego, *mêlas* = negro e *kholê* = bile, ou seja, condição de ter um excesso da bile negra.

Na era clássica greco-romana, Aristóteles foi um dos filósofos a refletir sobre a possível relação do estado melancólico a pensadores, estudiosos, filósofos, teóricos, poetas, ou seja, aos que possuíam algum marco intelectual significativo que o diferenciavam dos demais. Esses tinham o sentimento de melancolia como características inerentes à sua personalidade ou estado de espírito. A partir desse pensamento, podemos entender que nesse período a melancolia era vista como um sentir que fizesse parte do questionar humano, da tentativa de entender os porquês que inquietam a capacidade criativa.

Partindo desse pressuposto, consideramos que esse estado de ser e estar melancólico denota profundidade das ideias e do sentir, sendo a melancolia uma condição no que tange à subjetividade e à capacidade de criatividade e de produção artística humana. Esse pensamento permitiu relacionar melancolia e genialidade, como algo capaz de provocar e perturbar a sobriedade dos sentimentos humanos. A esse respeito, a psicanalista e escritora baiana Urania Tourinho Peres (2010) discorre:

Que a melancolia seja a condição da genialidade, do pensamento, da filosofia e da literatura é uma concepção que fascina, e muitos a defendem até os dias de hoje. Depressão e criação ficam indissociáveis; o homem triste é também o homem profundo, a alegria é superficial (Peres, 2010, p.15).

De acordo com essa ideia, o homem melancólico é aquele capaz de refletir de maneira intensa e profunda acerca da existência humana. Também sintetizador dos males não só sociais e externos, mas aqueles que inquietam a sua subjetividade. Esse indivíduo é capaz de mergulhar nas profundezas de seu 'eu', de questionar, buscar e criar respostas por meio da criação e do pensamento intelectual e artístico.

Entretanto, na percepção de Aristóteles, estava restrito a um grupo diferenciado, somente alguns eram privilegiados por viver nesse estado. Dessa forma, é possível perceber a ideia de *'aretè'* o qual já foi traduzido como *'virtude'*. Entretanto, esse sentimento pode configurar um *status* de *'superioridade'*, que os homens gregos que se destacaram na história sentiam em relação aos demais. As ações heroicas ou até mesmo a arte e os estudos produzidos não eram feitas pensadas no povo ou nos menos favorecidos, mas em si mesmo, para honra do homem caucasiano, distinto e de classe social alta. Um fato que já demonstra o sentimento narcísico, ao voltar para si o seu ideal de perfeição e desejo, visto que a partir dessa ideia, ele excluía as outras pessoas com profissões práticas da sociedade, que sofriam também de forma negativa e melancólica, como os trabalhadores, domésticas, agricultores. Enfim, sua percepção demonstra uma ideia ativa da sua própria classe.

Na literatura clássica, encontramos a obra *Iliada*, de Homero (928 a.C. - 898 a. C.), a qual narra a guerra de Tróia, em que no Canto VI (versus 200-203) o herói mitológico Belerofonte, um semideus, guerreiro conquistador de várias batalhas com seu cavalo alado Pégaso, foi condenado pelos deuses do Olimpo a vagar solitário pela terra. O herói percebe-se em desespero e apresenta características desse estado melancólico: “O deiforme gerou pugnaz Sarpédon. /Belerofonte já dos Céus malquisto/ Na alma comendo-se e evitando os homens/ Sozinho errava pelo campo Aleio.” (Hom., *Il.*, VI, 200-203).

Nestes versos, Homero (928 a.C. - 898 a.C.) descreve o estado de espírito do herói devido às circunstâncias de seu estado emocional, o orgulho ferido de um herói acostumado a ser exaltado por seus feitos, agora vagando sem rumo, sem seu cavalo, sem família e amigos. Percebemos claramente a descrição dessa melancolia, quando o próprio autor relata o sentimento de rejeição (*'malquisto'* e *'comendo-se'*), como se estivesse se autodestruindo em pensamentos e remoendo seu sofrimento e solidão. A palavra “errava” constitui metáfora de uma “existência” negativada pela sua tristeza e desventura. Tal descrição homologa a definição de Hipócrates (IV a.C.), segundo Scliar quando o herói passa pelo trauma externo da rejeição e enquadra-se:

Hipócrates diferenciava a melancolia endógena, em que, sem razão aparente, a pessoa torna-se taciturna e busca a solidão, da melancolia exógena, resultante de um trauma externo. A melancolia, sintetizou o “Pai da Medicina”, é a perda do amor pela vida, uma situação na qual a pessoa aspira à morte como se fosse uma bênção (Scliar, 2003, p. 57).

Na Idade Média, com a queda do Império Romano no Ocidente e a tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos em XV, foi um período em que cresceram as crenças religiosas, principalmente o cristianismo no mundo ocidental. O predomínio de uma sociedade teocentrista e feudal demonstra o domínio e influência que a igreja Católica exercia na vida das pessoas em geral, bem como também nas monarquias vigentes. A época medieval ficou conhecida também como “período das trevas”, termo designado pelos humanistas do século XVII. Esse sentimento sombrio está ligado às guerras, miséria, desigualdades sociais extremas com a economia centralizada no modelo feudalista, pestes e epidemias que assolaram multidões.

O tribunal do Santo Ofício se estendeu por toda Europa, matando milhares de pessoas, entre eles cientistas, filósofos e mulheres consideradas “bruxas”. O propósito de limpar e exterminar toda e qualquer ideia que se desvinculasse da igreja era tão firme que foram criados manuais, para orientar e ensinar aos monges e sacerdotes como executar as torturas e obter confissões, entre esses, encontra-se um chamado de *Malleus Maleficarum*. Traduzido como *Martelo das bruxas*, que foi publicado entre 1486 a 1487 pelos dominicanos Heinrich Kraemer e James Sprenger, na Alemanha.

Figura 2 - Martelo das bruxas



Fonte: Netnature<sup>21</sup>

A criação desse manual de tortura remete à violência e à perseguição contra a mulher medieval. Chamadas de bruxas, aquelas que de alguma forma transgrediram e ameaçavam as normas regentes, precisavam ter seu papel limitado, sobretudo realizar um enquadramento da sua liberdade existencial. Como justificativa, o feminicídio em massa se realizou para controle e repressão de corpos e pensamentos. Essa ideia que coloca a mulher

---

<sup>21</sup> Fonte da imagem no site: <https://netnature.wordpress.com/2016/07/11/cientistas-filosofos-e-livres-pensadores-que-a-inquisicao-matou-em-nome-de-deus/>

como ser antagônico surge pela interpretação medieval de que, sendo filha e descendente de Eva, a qual pecou e levou o homem a pecar, carrega o estigma do pecado em suas veias, por isso, para evitar o infortúnio masculino era necessário extirpar o perigo feminino.

Esse contexto de repressão feminina pulverizou a educação e atuação de mulheres na sociedade da época, visto que encontramos pouquíssimos nomes femininos nas artes e até na literatura. As poucas representantes desse período ou foram freiras ou sua escrita reflete os princípios da doutrina da igreja. Além disso, sua escrita foi suplantada e quase não conhecemos o nome dessas mulheres. Como é o caso de Hrosvitha de Gandersheim (935–973), considerada uma das primeiras escritoras desse período, que escreveu peças sobre a vida na época com um ponto de vista feminino. Sua educação foi toda realizada na abadia de Gandersheim na Alemanha, onde fez votos de castidade e obediência, ordenando-se como freira beneditina. Isso influenciou a sua obra de maneira significativa, já que ela versa sobre os valores cristãos medievais, tornando-se notória e bem-vista pela sociedade. Vale salientar que ingressar em uma vida religiosa de castidade e isolamento era uma das maneiras que a mulher medieval poderia conseguir educação e produzir arte sem ser considerada uma bruxa.

Mais precisamente no sul da Itália, existia a escola de medicina de Salerno, onde se destaca a primeira médica ginecologista Trotula de Ruggiere (1050-1097). Só foi possível para uma mulher ingressar na universidade, devido ao tabu de não ser apropriado para homens examinarem as partes íntimas da mulher, no que se refere principalmente às doenças sexuais. Por isso, Trotula e suas amigas tiveram acesso a esses estudos com o intuito de atender a classe feminina. Ela acaba se distinguindo não só por diagnosticar e tratar doenças como a sífilis, mas por ensinar outras mulheres a prática e os cuidados de prevenção. Sua contribuição escrita remete à sua experiência empírica, na qual ela deixou manuscritos descrevendo a anatomia feminina, a menstruação, gravidez, parto, puerpério, abstinência sexual, doenças do útero, cirurgia cesariana, entre outros aspectos relevantes para a saúde feminina. Além de se preocupar com o físico, ela também sugere que a saúde feminina tem outro patamar, que é cuidar da beleza. Sensivelmente, ela traz essa preocupação com a autoestima e com a saúde mental feminina.

Entre outros nomes, destacam-se de Hildegarda de Bengin (1098-1179), escritora e compositora, uma das primeiras mulheres a compor música de que se tem registro. Herrad de Landsberg (1130-1195), autora de *Hortus deliciarum*, traduzido como *Jardim das delícias*, uma espécie de enciclopédia com ilustrações sobre ciência e religião feitas por ela mesma. Marie da França (séc. XII) foi uma escritora e poetisa francesa. Pouco se sabe sobre

esta mulher que usou esse codinome para escrever. A seguir, no poema *Guigemar* descreve o cárcere vivido por essa mulher devido ao ciúme do marido e seu medo de ser traído:

Esta cidade pertence ao meu esposo, bem como todo o território em volta. É um homem rico, de alta estirpe, mas muito idoso e agoniado pelo ciúme. Pela fé que vos devo, digo-vos que me prendeu neste cercado. Para o exterior não há senão uma passagem. Um velho padre guarda a porta; queira deus que fogos malditos o queimem! Estou confinada aqui dia e noite, e nenhuma vez ousou sair, salvo quando ele avisa que meu marido me chama (Marie de France, 2001, p. 19).

Sua escrita apresenta uma espécie de denúncia da violência exercida sobre a mulher devido ao ciúme e insegurança de um marido rico. A angústia e solidão de estar em cárcere, o medo constante e a falta de liberdade do convívio com as pessoas podem representar nesses versos um trauma que pode causar uma patologia mental na vida dessa esposa. Na sua poesia, claramente denuncia a misoginia e a visão do sistema clerical segundo a qual a mulher possuía caráter duvidoso e por isso tornava-se perigosa para a ordem social da época.

Nesse contexto de perseguição e tensão, torna-se evidente a existência da melancolia, mais precisamente o termo “acédia” criado por Padre Tomás de Aquino (1227-1274), filósofo do cristianismo. Ele define esse termo como uma apatia do espírito humano, que provoca desgosto e tristeza em realizar qualquer ação. Baseada nesse entendimento, o termo “acédia” passa a ser um dos sete pecados capitais, o qual deveria ser evitado pelos homens bons. Essa concepção da época trouxe uma relação entre os aspectos mental e espiritual para essa enfermidade, pois acreditava-se na ideia de que a pessoa estaria com uma doença espiritual que afetasse a sua mente. Singelamente, podemos perceber a ideia de doença mental, mesmo que envolvido por causas espirituais. Podemos entender isso, porque pessoas assim eram frequentemente tidas como loucas.

Assim, “acédia” na Idade Média também é frequentemente relacionada à loucura. Aqueles que apresentavam esse sintoma eram considerados loucos, diferentemente da visão aristotélica. Devido aos poucos tratamentos existentes, essas pessoas eram isoladas e esquecidas da sociedade. Na pintura a seguir, o artista plástico holandês *Hieronymus Bosch* (1450-1516) retrata um tipo de cirurgia feita nesse período, com o intuito de tirar uma pedra da cabeça, pois se acreditava que aqueles que sofriam de um desinteresse pela vida e/ou tristeza profunda, ou qualquer outra doença mental, possuíam uma pedra que causava essa loucura. Diante dessa crença, é provável que a expressão “louco de pedra” tenha origem na Idade Média.

Figura 3 - Extração da pedra da loucura, de Hieronymus Bosch (1475-1480)



Fonte: Cultural Genial,<sup>22</sup>

A gravura é satírica e mostra uma espécie de médico charlatão com um funil na cabeça que era símbolo da estupidez, uma freira e um padre simbolizando também as crenças religiosas que dominavam na época. Na cena retrata-se o trabalho do médico da época que fazia cirurgias para retirada da pedra da loucura da cabeça das pessoas. Apesar disso, o autor traz sensibilidade ao mostrar que o objeto retirado pelo médico não é uma pedra, e sim, uma flor, uma tulipa, fazendo-nos refletir sobre a beleza e humanidade que há em cada ser humano, independentemente de suas fragilidades.

No Renascimento (século XIV-XVI), marcado pelo antropocentrismo, acontece um intenso movimento cultural e científico na nação Italiana, propagando-se por toda a Europa. Esse momento histórico foi de grande profusão nas artes e ciências, surgindo uma visão e sentimento humanista em que o homem e sua relação com o universo e a natureza se tornam o centro das atenções das artes e dos estudos desenvolvidos. Embora, segundo Scliar (2003, p.16), pode-se considerar uma: “Época confusa, um daqueles períodos em que, como diz Gramsci, o novo ainda não nasceu, mas o velho ainda não morreu; em que a astronomia convivia com a astrologia, a química com a alquimia e a ciência com a magia e a superstição”.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.culturagenial.com/obras-hieronymus-bosch/>. Acesso em:21/08/2022

Sob esse ponto de vista, pode-se entender como um movimento de despertar ou transição para uma crescente modernidade ainda em espera, quando ocorre uma mudança no pensamento medieval, que baseava a vida por um prisma teocentrista, segundo o qual a “acédia” passa a ser vista como um pecado. O oposto disto, o homem renascentista passa a ter uma visão humanista, de modo que a melancolia começa a ser compreendida conforme Souza e Lacerda (2018) em uma perspectiva biológica, filosófica e psicológica.

Na era moderna, testemunha-se o período de transição da percepção da melancolia baseada no modelo humoral galênico para a ciência moderna, na qual a alquimia é substituída pela química e os humores são substituídos por nervos. Dentre as principais contribuições, sobressai-se a obra do italiano Marsílio Ficino (1433-1499), intitulada *Três livros da vida*, na qual ele apresenta o seu aprendizado sobre as causas e curas das doenças e oferece aconselhamentos sobre saúde e bem-estar. (Souza; Lacerda, 2018, p.19).

Com a ascensão dos estudos científicos e filosóficos, muda-se o pensamento sobre o modelo humoral criado inicialmente por Hipócrates (IV a.C.) e passa-se a pensar tratamentos e remédios que ajudem na cura desse mal-estar. Sob esse ponto de vista medicinal, surge a química, contribuindo para o início de uma produção farmacêutica, quando remédios começam a ser experimentados e utilizados para os tratamentos. Nesse mesmo período são escritas as farmacopeias, tratados de substâncias medicamentosas. Além disso, percebe-se uma preocupação com o bem-estar, iniciando-se os estudos e a disseminação dos mesmos sobre como o homem pode prevenir, tratar e curar doenças.

Vale reforçar que no Renascimento a melancolia deixa de ser sinônimo de loucura e resgata a ideia de Aristóteles de relacioná-la à genialidade, com isso o termo “acédia” é substituído novamente por melancolia. A “acédia” continua sendo pecado para a doutrina católica, contudo, mais adiante ela é substituída pelo termo “preguiça” que também traz a relação com a falta de ânimo, marasmo e indisposição ao trabalho, confirmando a definição de Padre Tomás de Aquino (1227-1274) sobre o desgosto pela ação.

Na literatura, *Hamlet* (2015), uma das obras primas do dramaturgo inglês William Shakespeare, retrata o conflito existencial sofrido pelo príncipe da Dinamarca, o qual é o único a saber que seu pai foi envenenado pelo próprio irmão e agora usurpa seu lugar como monarca no reino. Hamlet sofre profunda angústia e tristeza pelo sentimento de impotência e perda, pela morte do pai, o tormento pela traição do tio, mas diante de tudo, finge-se de louco. Por ele fica conhecida a frase famosa “Ser ou não ser, eis a questão” como uma sentença que designa o conflito existencial, possibilitando parafrasear: “viver ou não viver”,

“existir ou deixar de existir”. Todavia, é Ofélia a personagem que apresenta um quadro depressivo, diante da rejeição de Hamlet, tendo seus sentimentos não correspondidos, além do luto da morte do pai, levando-a ao suicídio nas águas. A seguir vislumbramos como a sua morte é contada de forma poética.

Na margem da vizinha ribeira cresce um salgueiro, cuja prateada folhagem se reflete nas águas cristalinas. Tua irmã aproximou-se daquele sítio, sempre tecendo grinaldas de ranúnculos, ortigas, malmequeres, e dessas flores a que os nossos pastores dão um nome bem grosseiro, mas que as nossas castas donzelas denominam poeticamente dedo da morte. Quando procurava ornar com as suas inocentes grinaldas as argêntas frondes do salgueiro, oh! desgraça! descuidosa foi envolvida na corrente, cercada dos ornatos que lhe serviam como de coroa virginal. Algum tempo suspensa pelas vestes sobre a corrente, assemelhava-se à sereia, cantando incoerentes trechos, inconsciente do próprio risco, como se estivesse no seu nativo elemento. Mas tudo tem um fim, e em breve, soçobrando pelo peso das encharcadas vestes, cessou de cantar, e tornou-se cadáver levado pela corrente (Shakespeare, 2015, p. 171).

Salgueiro é uma árvore grande de cultivo milenar, também conhecido como chorão, muito comum em cemitérios. Faz parte desse cenário como uma metáfora que o dramaturgo poeticamente relaciona às lágrimas que possivelmente Ofélia derramou em seu frêmito de tristeza e angústia. Quando discorre sobre o ‘tecer grinalda’, a loucura acometida pela rejeição de Hamlet, bem como ‘malmequeres’, provavelmente a situação da moça que parecia perturbada a vagar e conversar sozinha, murmurando sua desventura. Entretanto, a poeticidade da morte dá-se ao relatar o canto da moça que se deixa levar pelas águas à morte.

Apesar desses avanços e abertura para a economia, ciências e artes, o mundo renascentista não foi tão generoso com as mulheres. A oportunidade de educação ainda era tímida, disponível apenas para as mulheres da nobreza, que precisavam ter o mínimo de leitura para fazer companhia para seus maridos. Nesse contexto, pouquíssimos nomes femininos conseguem se sobressair às inúmeras restrições que lhe eram impostas. Um desses nomes que se sobressaem é a pintora Lavinia Fontana (1552-1614) de Bolonha, filha de um pintor de prestígio, teve oportunidade de aprender no próprio ateliê de sua residência e participar dos círculos de influência que possibilitaram sua produção e manutenção de toda a família.

Na literatura, Tullia d'Aragona (1501/1505 – 1556) foi uma importante poetisa renascentista. Seu lugar de voz parte da sua profissão (cortesã), por meio da qual conseguiu proteção e admiração de homens poderosos para conciliar também o ofício de poetisa e filósofa. Escreveu as *Rime*, poesias muito elogiadas; o poema épico *Il Meschino* e o diálogo *Sobre a infinidade do amor*. Sua escrita influenciada pelo neoplatonismo renascentista leva



a temática dialógica do amor para o âmago das reflexões filosóficas. Baseado nesse modelo de disputa através do diálogo, ela escreveu e debateu com importantes figuras masculinas, utilizando estratégias para questionar os lugares e vozes consideradas legítimas dentro das convenções da sociedade. (Martins, 2012)

Poucas décadas depois, encontra-se Veronica Franco (1546-1591), também cortesã e poetisa reconhecida pelo seu talento na escrita. Ela escreveu as obras *Terze rime* (1575) e as *Lettere familiari a diversi* (1580). Por não pertencer a uma família nobre, enfrentou mais perseguições que sua antecessora, precisando defender-se diante do tribunal do Santo Ofício pela acusação de bruxaria. Durante sua vida, manteve duelos poéticos para se desviar das difamações de outros poetas que não aceitavam sua postura feminina e sucesso em meio à classe artística. Dessa forma, sua escrita é mais sensível às desigualdades de gênero da época, tornando-se porta-voz das mulheres que sofriam com a pobreza e violência masculina.

O Romantismo (XVIII-XIX) destaca-se o advento da psiquiatria e surgem as primeiras cadeiras na universidade. A partir do crescimento desses estudos, o termo “depressão” se consolidou como alusivo a uma doença mental. Com o surgimento desse novo termo, ocorre também a confusão com o usado anteriormente: “melancolia”. Os estudos de Esquirol (1772-1840) trouxeram algumas contribuições no que tange à remodelação de melancolia e à predominância do termo “depressão”:

Esquirol propõe uma alteração do conceito de melancolia de Pinel, descrevendo-a como uma perturbação das emoções e não do intelecto e dividindo-a em lipemania e monomania, primeira aferição conhecida na história para a divisão entre transtornos do humor (lipemania) e transtornos do juízo (monomania) (Souza; Lacerda, 2018, p. 21).

Com o avanço dos estudos psiquiátricos como medicina mental, vista por um viés biológico, passou-se a rejeitar o sistema humoral de Hipócrates para explicar a melancolia. A partir de Esquirol (1772-1840), começou o entendimento da melancolia como doença devido à qual os sujeitos apresentam tristeza e uma alienação mental, enquanto a depressão um transtorno do intelecto, uma psicose narcísica. Dessa forma, a melancolia passa a ser entendida como parte de um movimento oscilatório entre mania e tristeza, ou seja, o indivíduo pode apresentar momentos de intensa euforia e depois uma morbidade e estagnação, o que se caracteriza atualmente como transtorno bipolar.

Melancolia e mania serão reconhecidas não como doenças diferentes, mas como ciclos diferentes de uma mesma doença. Em 1854 dois discípulos de Esquirol, Jules Baillarger e Jean Pierre Falret, trabalhando de forma independente, propõem nomes para essa entidade mórbida: folie à double forme (Baillarger), folie circulaire (Falret). Emil Kraepelin, expoente da psiquiatria classificatória do século XIX, criará a expressão psicose maniaco-depressiva. Depressão substituirá definitivamente o termo melancolia. E a expressão desordem bipolar será consagrada pelo Manual Diagnóstico e Estatístico (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana (Scliar, 2003, p. 48).

Enquanto o termo melancolia passa a ser associado à doença bipolar, por sua característica de alternância do comportamento em dois extremos, euforia (mania) e melancolia (desânimo/tristeza), o termo depressão se descreve um contínuo estado de desencanto e falta de esperança. Não apenas a tristeza compõe o quadro depressivo, mas a incapacidade emocional de vislumbrar um futuro, por isso o suicídio tornou-se comum entre depressivos. Sobre isso, descreve Scliar (2003):

A depressão se manifesta por tristeza permanente, não raro combinada com ansiedade, sentimentos de desesperança e desvalia, perda de interesse pelo trabalho, pela diversão, pelo sexo, cansaço, dificuldade de concentração, sonolência ou, ao contrário, insônia, perda de apetite, ou, ao contrário, necessidade de comer, pensamentos de morte e de suicídio (Scliar, 2003, p. 46).

Nesse momento histórico está situado o movimento literário chamado Romantismo (século XVIII - XIX). Tal segmento literário foi marcado pela forte presença do subjetivismo, pelo desejo de amor, pela morte, solidão, nostalgia. As narrativas são marcadas pelo pessimismo exagerado, os amantes enfrentam grandes obstáculos, existe também uma alusão ao contexto de escuridão da Idade Média. Em todo o panorama em que se situa a obra romântica, podemos perceber que os personagens estão em um cenário propício à melancolia. Dessa forma, vale salientar que embora surgisse um novo termo - depressão - na poesia, literatura e outras artes ainda permeia o uso da colocação 'melancolia', tanto que ela é considerada o mal desse século.

Podemos observar, nesse período, a permanência do termo melancolia nas obras de arte como a pintura do pintor francês Louis Jean-François Lagrenée (1724-1808), cujo título é *Melancolia*. Na imagem abaixo visualizamos a figura de uma mulher, com a cabeça inclinada e segurada pela mão, com o olhar fixado para baixo com a ideia de introspecção e permeada de pensamentos, além de um semblante triste. As cores e tons escuros também nos fazem pensar nessa atmosfera sombria de pensamentos e sentimentos na qual se encontra a mulher.

Figura 4 - Melancolia, de Louis Jean-François Lagrenée (1724-1808)



Fonte: Meister Drucke<sup>23</sup>

A posição da figura feminina no quadro é emblemática e revisitada em várias obras de artes já produzidas, como por exemplo, a escultura *O Pensador* (1902) de Augusto Rodin (1840-1917) na qual um homem está em posição similar, imerso em seus pensamentos. Constatamos que essa postura da mão segurando o rosto inclinado nos remete ao estado de reflexão, pensativo e melancólico. Podemos relacionar que essa posição lembra a ideia de Aristóteles sobre a ligação entre melancolia e genialidade, inteligência, já que o ato de refletir e pensar é característico de pessoas inteligentes. Mas, notamos que diferentemente da postura de *O Pensador*, a mulher nessa obra está com a mão aberta dando a ideia de leveza e de tristeza.

Álvares de Azevedo (1832-1852), poeta romântico brasileiro, é um dos principais representantes do sentimentalismo, desejo de fuga e egocentrismo do Ultrarromantismo. Apesar de sua morte precoce, iniciou cedo sua escrita e deixou uma vasta obra de poemas, ensaios, peças e contos. O poema *Lembrança de morrer*, publicado postumamente, em 1853, no livro *Poesias* apresenta um tom depressivo, desejo da morte como fuga de seu sofrimento “Eu deixo a vida como o tédio/ Do deserto, o poento caminheiro” (verso 9).

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/artista/Louis-Jean-Fran%C3%A7ois-Lagren%C3%A9e.html>. Acesso em: 28/08/2022

### **Lembrança de morrer**

Quando em meu peito rebentar-se a fibra  
Que o espírito enlaça à dor vivente,  
Não derramem por mim nem uma lágrima  
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura  
A flor do vale que adormece ao vento:  
Não quero que uma nota de alegria  
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio  
Do deserto, o poento caminheiro  
— Como as horas de um longo pesadelo  
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,  
Onde fogo insensato a consumia:  
Só levo uma saudade — é desses tempos  
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras  
Que eu sentia velar nas noites minhas...  
De ti, ó minha mãe, pobre coitada  
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,  
Poucos — bem poucos — e que não zombavam  
Quando, em noite de febre endoudecido,  
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inundam,  
Se um suspiro nos seios treme ainda  
É pela virgem que sonhei... que nunca  
Aos lábios me encostou a face linda! [...]  
(AZEVEDO, p. 85, 1999)

Nesse poema lírico o leitor é impactado pelo sentimentalismo que emerge com intensidade, veemência na força das palavras, configurando seu estado sombrio e taciturno de viver e de amar. Uma questão existencial é sobrecarregada pelo desejo de amar, pela idealização da mulher pura e virgem, a qual o 'eu lírico' é incapaz de macular. A perfeição de sua amada chega próximo a uma divindade; não é possível vivenciar esse amor, porque de fato o eu lírico do poema sente prazer em sofrer por sua amada, tornando-se dependente e cativo desse sofrimento. Existe um prazer sádico na impossibilidade do amor, o que se configura em um sentimento maníaco. Álvares de Azevedo (1999) é um dos principais escritores brasileiros da segunda geração do romantismo caracterizada pelo ultrarromantismo. Nesse período, surge o conhecido Mal do Século na literatura brasileira, caracterizado pelos sentimentos de melancolia, culto do eu, tristeza, tédio, sofrimento,

nostalgia, morte, pessimismo, tudo isso imbuído na visão sentimentalista e subjetivista do poeta.

No Realismo francês, encontramos a obra *Madame Bovary* [1856 (2020)], do francês Gustave Flaubert, um clássico da literatura universal escrito sob a ótica de uma mulher da burguesia que se casa com um homem que não ama. No enredo ela está sempre entediada e lendo seus romances, os quais fomentam em seu coração o desejo de viver apaixonadamente, levada ao adultério por suas ilusões românticas. Contudo, o romance toca no tema sensível do suicídio quando ela provoca a própria morte ao tomar o arsênico. Não é de estranhar que a narrativa pautada na crítica ao romantismo oferta esse lirismo exacerbado, mas principalmente a procura de um amor idealizado, um amor que não pode ser encontrado na realidade, porque ele corresponde à busca pela perfeição que não pode ser encontrada em seres humanos reais ou em uma vida rotineira. O filósofo Jules de Gaultier (1892) escreve um ensaio baseado nesse romance com o título Síndrome de Madame Bovary ou Bovarismo, na qual ele descreve uma psicopatologia em razão da qual as mulheres vivem uma “insatisfação crônica afetiva”, assim como Emma, a protagonista.

Segundo Gaultier (1892), essa síndrome era muito comum nas mulheres devido ao contexto social em que viviam. O homem passava o dia trabalhando, enquanto elas ficavam em casa, entediadas com os problemas da casa e família, além do mais, elas eram influenciadas pelos romances, os quais traziam a imagem do amor arrebatador e idealizado. Nessa perspectiva, os sintomas dessa patologia comum nesse período são marcados pelo: 1) vício no romance, ou seja, estão sempre esperando por alguém que as faça felizes, por isso não sabem estar sozinhas; 2) se envolvem em relações impossíveis por acharem mais atraentes, visto não conseguem viver uma rotina com um amor real; 3) insatisfação constante, elas nunca estão satisfeitas com ninguém, porque não conseguem passar da primeira fase da paixão; logo a descoberta dos defeitos do seu parceiro traz desinteresse e insatisfação; 4) mimese com a pessoa amada: a mulher desenvolve uma obsessão pelo companheiro e com medo de ser abandonada passa a imitar e acompanhar os gostos, ideias e atividades diárias.

A melancolia é outro aspecto presente na vida de quem sofre desse problema, tornando mais difícil ainda a adaptação à realidade e uma contínua frustração. Dessa forma, a pessoa sofre de uma discrepância entre as expectativas criadas e a própria realidade, especialmente nos relacionamentos amorosos. Vale ressaltar que essa constante insatisfação

com a vida e seus relacionamentos pode levar a comportamentos possessivos, agressivos e autodestrutivos, como é o caso de Emma que dá nome a essa patologia.

Anos mais tarde da publicação de *Madame Bovary* (1856), especificamente em 1878 o escritor russo Liev Tolstói publica sua obra prima *Anna Karênina*, cuja protagonista é uma mulher de trinta e poucos anos, casada com um burocrata do alto escalão do império czarista e mãe de um menino de oito anos, parece ser uma versão russa de *Madame Bovary*. Apesar de ser uma das mulheres mais respeitadas da sociedade de São Petersburgo, a heroína parece circundar em uma insatisfação e tédio quanto ao seu casamento. A desventura de um adultério frustrado pelo desapontamento com o amante, seguido da perda do prestígio e dinheiro, vendo-se encurralada pela dependência no amante em todos os aspectos sociais, e ainda com a perda do filho, ela comete suicídio.

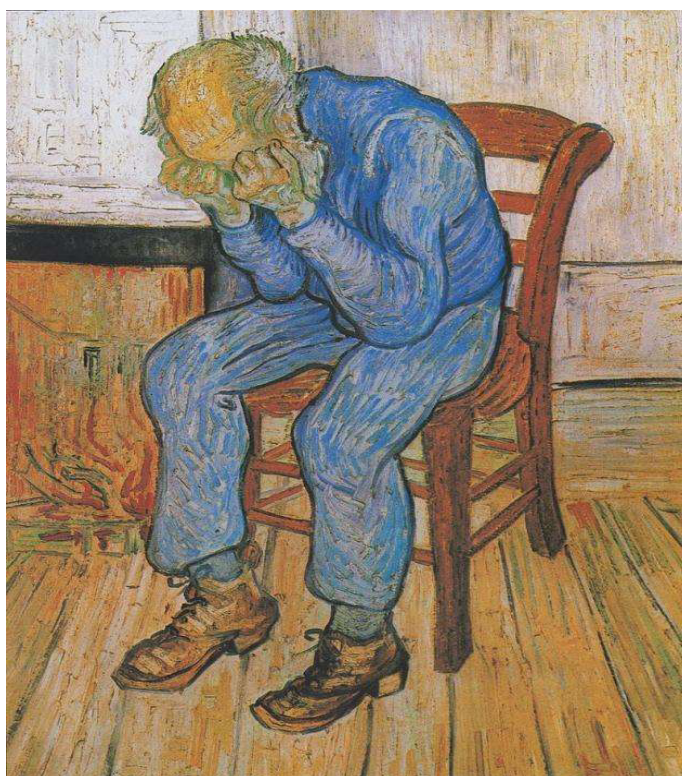
Se por um lado Emma e Anna têm suas semelhanças, tanto em um casamento sem amor regado pelo ócio, a tentativa de fuga e busca desse amor ideal no adultério, o trágico fim a elas destinado denota o contexto de depressão e desespero de mulheres, ao sofrer diante das ciladas de uma sociedade que oprime o gênero feminino a sempre percorrer patamares simplistas e inferiores aos masculinos. Por outro lado, Tolstói consegue criar em sua protagonista uma vítima não indefesa. Ela luta para encontrar o espaço perdido pelo prestígio do casamento, assumindo várias funções sociais, como professora, filantropa e escritora. Apesar disso, seu amante se desfaz de suas tentativas de ‘ser’ e ‘existir’ fora do relacionamento, o que causa seu desencantamento e rompimento da relação. Na literatura de língua portuguesa, temos a obra *O Primo Basílio* (2015) de Eça de Queiroz que trata da mesma temática do adultério feminino, tecendo um enredo muito semelhante aos romances mencionados anteriormente, em que a personagem principal Luíza, também era uma leitora de romances que acaba se envolvendo amorosamente com seu primo Basílio. Depois de um curto período de romance, ele demonstra desinteresse pela moça, volta para Paris e a abandona. Luíza acometida pela desventura de um relacionamento extraconjugal que lhe faz refém das chantagens de sua empregada Juliana, depois de constante tensão e stress, por fim, adoece e morre.

A temática da depressão, morte e o suicídio como únicas saídas para essas mulheres nos remetem à problemática sobre desigualdade entre gêneros, salientando a dificuldade ou até impossibilidade de a mulher sair de um casamento na época sem grandes danos e perda da sua saúde e dignidade. Diante desse contexto, as personagens adoecem mentalmente, há

o isolamento, a deterioração de seus pensamentos e a velocidade de sua ansiedade incorporada ao quadro depressivo que as empurrava para um futuro incerto e desacreditado.

Nesse mesmo período, encontramos Vincent van Gogh (1853-1890), pintor Holandês, um dos representantes do pós-impressionismo. Viveu uma vida de solidão e isolamento, sofria com depressão e tinha dificuldade de relacionamento, chegando a se suicidar. Algumas de suas obras retratam a melancolia e tristeza, como o quadro a seguir chamado *Velho na tristeza*, de 1890, que retrata um homem sentado em uma cadeira, de cabeça baixa e com as mãos no rosto expressando o desespero, a angústia que o acometia, mas também a toda a humanidade. Essa é a posição emblemática da melancolia: as mãos no rosto/queixo e corpo curvado para baixo, caracterizando o próprio movimento do significado de depressão: empurrar para baixo.

Figura 5 - Velho na tristeza, 1890, de Van Gogh



Fonte: Wahoo Arte<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@/5ZKG6B-Vincent-Van-Gogh-velho-homem-em-Tristeza->. Acesso em: 28/08/2022

O título também apresenta a faixa etária do homem: a velhice. O que pode remeter ao abandono dos filhos ou parentes, capacidade psíquica e física limitada devido à idade e ao afastamento da vida ativa do trabalho e meio social, que são condições comuns entre os idosos. Muitas vezes, essas mudanças e certa decadência afetam a saúde e a convivência social tornando algumas doenças, como a depressão, comuns nessa fase da velhice. Há especulações de que esse quadro também remete ao sofrimento mental do pintor Van Gogh que, nesse momento, fazia tratamentos médicos. Sobretudo é possível perceber que o autor possui um olhar sensível ao retratar a dor e o sofrimento em algumas de suas obras, como é o caso dessa pintura e da obra *O dr. Gachet* (1980), na qual ele pinta seu médico de Paris.

No século XX, ao passo que aconteciam notáveis avanços tecnológicos como o telefone, televisão, lâmpada os quais melhoraram significativamente a vida e economia, o mundo sofria com grandes conflitos, como I Guerra Mundial (1914-1918) e II Guerra Mundial (1939-1945). Além dessas guerras, que dizimaram povos, em 1929 ocorreu a grande crise econômica com a quebra da bolsa de valores de Nova York afetando a economia global. Em 1945, uma bomba atômica é lançada em Hiroshima e dizima milhares, causando um espanto e preocupação em todos os povos.

A inglesa Virginia Woolf (1882-1941) é uma das representantes da escrita feminina modernista dessa época. Suas obras abordam questões sociais, políticas e feministas. Woolf acompanhou durante sua trajetória os conflitos e transformações de sua época, uma voz feminina que captou e rompeu com paradigmas, por meio da sua escrita. Outro aspecto de seus livros é o fluxo de consciência, que permite ao leitor entender e ler a mente dos personagens. Como é o caso de Mabel, personagem do conto *O Vestido Novo* (2019) incluso na sua coletânea *Uma Casa mal-assombrada* (2019), a autora consegue mostrar a depressão e ansiedade da mente da personagem ao se sentir deslocada por usar um vestido novo que ao seu olhar não lhe caía bem. Contudo, percebemos com o passar da história que o problema não estava no vestido, mas implicitamente no estado psicológico de Mabel, que se sentia inferior, inquieta e preocupada com sua aparência: “[...] e dali ela saiu pela sala como se lanças estivessem sendo atiradas, de todos os lados, em seu vestido amarelo” (Woolf, 2019, p. 244).

A autora aborda questões do universo feminino julgadas muitas vezes fúteis, porém, diante da ordem social que determina como a mulher deve comportar-se, vestir-se e falar, revela-se a complexidade de existir quando tudo está formatado para ‘ser’, no entanto, essa formatação não a acomoda. Essa moldagem do feminino é uma forma de opressão e Virgínia



Woolf deixou registrado em seus diários o quanto ela se sentia o avesso disso, pois vivenciava a preocupação com aparência e insegurança; vale salientar que a própria autora, por ser bipolar, sofreu de depressão, cometendo suicídio.

Chimamanda Adichie (2013), escritora contemporânea, autora de várias obras como *Hibisco Roxo* (2006), *Meio sol amarelo* (2009), *Americanah* (2013) traça em suas obras um emaranhado cultural em que os conflitos se revelam diante da alteridade, da complexidade das relações em diáspora. Dick, um jovem negro, filho de imigrantes nigerianos é um personagem do seu último romance, sobrinho da protagonista Ifemelu. Ele é criado nos Estados Unidos pela mãe nigeriana e sofre com depressão depois de viver várias situações racistas no seu cotidiano, como, por exemplo, a professora que não ofereceu protetor solar, porque pensou não ser necessário, já que era negro. Sua tristeza era suave e silenciosa. Aos poucos o sentimento de vazio cruzava-se com a necessidade de pertencimento crescendo, até que ele tenta suicídio. Adichie em sua obra *Notas sobre luto* (2021) discorre que a tristeza é palpável e opressora, portanto, se alongada a um grande período, ela torna-se um perigo para saúde emocional e mental das pessoas. Sobretudo, quando não são assimilados os motivos dessa tristeza, como é o caso de Dick. Felizmente, ele sobreviveu e passa pela busca do autoconhecimento, de um voltar às suas raízes, deixando claro para sua tia Ifemelu ao visitá-la em Lagos que deseja viver na sua pátria materna.

Na obra de Yaa Gyasi (2021), romance em estudo nesta tese, encontramos a temática da depressão relacionada à diáspora, colonização e discriminação. Mama, mãe da protagonista Gifty, de *Reino Transcendente* (2021), como imigrante, sofre traumas que acarretam a patologia mental da depressão, em alguns momentos críticos da narrativa, ela tenta suicídio. O drama é estabelecido pela relação entre a mãe doente e a filha, que tenta entender a sua genitora, apesar de sentir-se rejeitada e abandonada.

Assim como Dick, Mama e outros exemplos citados aqui, independentemente da época, permitem enxergar a depressão como uma doença mental real, carregada de julgamentos que precisam ser repensados. Ademais, a literatura apresenta exemplos deste problema de saúde em todos os períodos da história até os dias atuais. Assim, percebemos que a literatura é um lugar propício para se discutir sobre essa temática emergente e necessária aos povos de todas as classes e culturas.

## 2.2 Uma breve contextualização psicanalítica

A presença da depressão é recorrente em todos os períodos históricos abordada por estilos e gêneros literários diferentes. Sobretudo a literatura é lugar de subterfúgio para muitos autores, ao contar, escrever sobre sua própria experiência com essa patologia mental. A exemplo disso, relembremos a história da poetisa e romancista Sylvia Plath (1932-1963), considerada um gênio literário, que escreveu o romance *A redoma de vidro* (1963) sob o pseudônimo de Victória Lucas, publicado no mesmo ano de sua morte. Além de coletâneas de poemas como *Ariel* (1965) e *Crossing the water* (1971), seus diários e cartas publicados postumamente também ganharam notoriedade. Sua obra versa sobre depressão, morte, suicídio, sentimentos que ela mesma sofreu, cometendo suicídio aos trinta anos.

*A redoma de vidro* (1963) é um romance semiautobiográfico inspirado nos acontecimentos do verão de 1952, quando Sylvia Plath tentou o suicídio e foi internada em uma clínica psiquiátrica. Ela cria a metáfora da redoma de vidro como forma de mostrar o sentimento de sufocamento em uma bolha na qual estava enclausurada em profunda tristeza. O enredo traz a protagonista Esther Greenwood, que ganha uma bolsa para trabalhar em uma revista de Nova York e nesse percurso, de sair de casa e de enfrentar os embustes de uma sociedade patriarcal, adocece mentalmente. A narrativa descreve singelamente o processo de adoecimento, os sintomas como anedonia, perda de interesse em fazer o que lhe provocava prazer, ficar dias sem tomar banho, sem disposição para sair da cama, pensamentos pessimistas sobre si e as pessoas, vagando em diversos momentos sobre ideias de suicídio e como tirar sua vida.

Eu via os dias do ano se estendendo diante de mim como uma série de caixas brancas e brilhantes, separadas umas das outras pela sombra escura do sono. Só que agora a longa perspectiva das sombras, que distinguia uma caixa da outra, tinha subitamente desaparecido, e eu via os dias cintilando à minha frente como uma avenida clara, larga e desolada até o infinito (Plath, 2019, p. 144).

Em diversos momentos da obra, a personagem divaga sobre sua angústia, a incerteza que cerceia seu futuro, sobre o que escolher: uma vida profissional de sucesso ou a vida familiar com marido e filhos. Muitos questionamentos de Esther remetem a uma geração pré-revolução sexual, em que as mulheres precisavam escolher priorizar seu prazer, sua carreira ou casamento e família.

Me vi sentada embaixo da árvore, morrendo de fome, simplesmente porque não conseguia decidir com qual figo eu ficaria. Eu queria todos eles, mas escolher um significava perder todo o resto, e enquanto eu ficava ali sentada, incapaz de tomar uma decisão, os figos começaram a encolher e ficar pretos e, um por um, desabaram no chão aos meus pés (Plath, 2019, p. 88-89).

Assim, a literatura abre espaço para discutir e entender os sintomas da depressão e como o sujeito sofre em subjetividade e contexto. Além disso, a depressão é uma das principais causas do suicídio, que mata cerca de 800 mil pessoas por ano, segundo a OMS, sendo essa a segunda principal causa de morte entre pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Um dado assustador que revela a necessidade de suscitar um tema cheio de tabus e tão sensível ainda em nossa sociedade.

Na literatura africana contemporânea, encontramos a obra *Fique comigo* (2018) de Ayòbámi Adébayò, uma jovem escritora nigeriana, esse é seu romance de estreia que lhe rendeu o prêmio *Baileys Women's Prize for Fiction*. A obra é narrada por duas vozes, a da esposa e do marido, dessa forma, a autora consegue dar uma visão em ângulos diferentes dos acontecimentos na vida familiar do casal que luta para ficar unido.

Nesse romance, a autora aborda a temática da saúde mental feminina e como ela é afetada pelo meio em que se vive. A protagonista Yejide cresceu criada pelas madrastas, pois sua mãe faleceu quando ainda era bebê. Nesse contexto de muitas esposas de seu pai, havia rivalidade e pouco afeto, por isso nutria o sonho de ser mãe e ter um(a) filho(a) para dar todo amor que nunca recebeu. Quando casada com Akim vive constantemente pressionada pela família do marido para engravidar, se sentindo ameaçada pela escolha de uma segunda esposa enquanto ele assiste todo o desenvolvimento de sua gravidez psicológica escondendo o problema de sua impotência sexual que a impedia de engravidar. No trecho a seguir, depois de lutar contra e rejeitar, ela deixa entrar na sua casa a segunda esposa de seu marido. Ela já estava com quase um ano de gravidez psicológica, debilitada emocionalmente, isolada em casa, afastada de suas atividades no salão no qual trabalhava, ela decide abrir a porta e ceder à pressão de Funmi.

Eu poderia ter dito que minha gravidez não era real, que ultrassom após ultrassom tinham mostrado que não havia nada lá, mesmo que os chutes do bebê me acordassem todas as noites. Que algumas das minhas cabeleireiras achavam que eu tinha ficado maluca e que o último médico com o qual me consultei tinha me encaminhado para um psiquiatra. Mas eu não consegui dizer nenhuma dessas coisas; havia apenas uma coisa a dizer. A única coisa que ela não esperava que eu dissesse. Fechei a porta e me volvei para ela.

— Venha comigo, vou lhe mostrar seu quarto. E a levei para o quarto de brincar. (Adébayò, 2018, p. 57).

Essa gravidez que ela tanto queria para vencer Funmi e afastá-la de sua vida e de seu esposo, também para agradar e atender as expectativas de sua sogra, ela começava entender agora que fazia parte de seu imaginário, de suas emoções feridas. Durante a pseudociese ela apresenta vários sintomas da depressão, principalmente porque o marido sabia que era impossível ela ficar grávida devido seu problema, então quando os médicos e todos começam a dizer que não existia um bebê, ela começa a se isolar, a não querer trabalhar no seu salão onde trançava cabelos, estando abatida e apática a tudo que tinha interesse antes. No excerto abaixo, a narrativa revela a tensão entre a protagonista e o marido, e como o único lugar que se sente bem é o quarto que preparou para o seu bebê, em meio aos brinquedos havia a esperança de que ele pudesse chegar.

Eu tinha desistido de tentar provocar Akin ou de persuadi-lo a conversar comigo, então ficava naquele quarto em vez de na sala de estar. Arrumei no chão os brinquedos que havia comprado para o bebê, levei para lá uma poltrona e comprei meus próprios jornais para ter algo para ler enquanto esperava o timer soar na cozinha. Naquele quarto, cercada de ursinhos de pelúcia e chocalhos coloridos, li sobre os militares que tinham sido acusados de planejar um golpe de Estado (Adébáyò, 2018, p. 51-52).

Apesar da obra não a diagnosticar com depressão, não intentamos aqui fazer esse diagnóstico, mas perceber que a depressão pode ter provocado a gravidez psicológica de Yejide, ou até mesmo aparecer devido o sofrimento causado durante a pseudociese. Depois disso, ela consegue engravidar duas vezes, mas perdeu seus dois filhos para uma doença Anemia Falciforme. O luto pela morte de seus filhos ainda nos primeiros anos de vida quebrou a personagem, ela perdeu as esperanças de um futuro cheio de filhos e netos. Logo mais, essa passagem mostra como ela estava sufocada pela dor, mesmo grávida não se permitia mais acreditar que aquela criança viveria, corta a suas belas tranças deixando apenas a aspereza de suas emoções aparecerem no seu coro cabeludo:

Em meu primeiro dia de volta ao trabalho, pedi a uma das meninas que cortasse meu cabelo. Ela se recusou, olhando para mim como se eu tivesse pedido que cortasse meu pescoço. Todas as outras garotas se recusaram a tocar as tesouras, até mesmo Iya Bolu. — Mas você está grávida de novo — disse ela. Cortei as tranças eu mesma e deixei o resto do cabelo em tufo irregulares. As clientes ficaram horrorizadas. Se fosse Akin quem tivesse morrido, elas não ficariam tão chocadas ao ver meu cabelo cortado. Por que então me olhavam agora como se eu tivesse enlouquecido? (Adébáyò, 2018, p. 98).

Para além desse romance, as literaturas africanas estão repletas de personagens que revelam marcas de trauma e depressão como no caso de *Reino Transcendente*, Mama; em *O caminho de casa*, Ana; Rami em *Nikette: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane; Dick em *Americanah* de Chimamanda Adichie; são exemplos em que podemos observar como se revela o trauma cultural da escravização, bem como, as personagens lidam com a doença da depressão.

Como pudemos observar nos exemplos anteriores, a depressão tem causas relacionadas ao social, psicológico e biológico. Para diagnóstico são evidenciados sintomas como apatia, inibição, dispepsia, distúrbios do sono, diminuição da autoconfiança e autoestima, pensamentos pessimistas, pensamentos de morte, irritabilidade, esgotamento, pensamentos suicidas, ansiedade, entre outros. Vale ressaltar que, segundo a OMS, a mulher está mais suscetível a sofrer dessa patologia e as mulheres negras estão mais vulneráveis pela carga histórica de abuso e escravização, legado da colonização que corre nas veias sociais hodiernamente.

Laços sociais são necessários ao sentimento de pertencimento e construção da identidade. A partir dessa relação, entendemos a complexidade das relações sociais como ponto crucial para uma saúde mental, de tal forma que a influência do meio em que vivemos interfere no que somos e nos tornamos. Dessa forma, a população negra mundial, historicamente dizimada e dividida territorialmente pela colonização e escravização, apresenta situação vulnerável diante do racismo estrutural que se instaurou de forma subliminar em discursos e práticas enraizadas no passar dos séculos.

Sem descartar as características e influências biológicas da doença, Freud preocupava-se em discutir as fontes sociais que causam o trauma e culminam na depressão. Para ele, o fato de cada indivíduo viver em um mundo social e estar sujeito às interferências ou “fenômenos sociais” causa traumas e coloca-o em situação de vulnerabilidade mental, já que esse trauma é gerado no intelecto e prejudica as emoções. Em seu texto *O mal-estar na civilização* (2010), relata que a infelicidade é vivida com facilidade em nosso dia a dia. Em contraposição nós só podemos sentir felicidade em momentos episódicos. Ele leva em consideração que uma das causas desse desequilíbrio social que afeta negativamente a vida do homem, é a tendência humana à disputa de poderes.

[...] quem chamar à lembrança os horrores da migração dos povos, das invasões dos hunos, dos mongóis de Gêngis Khan e Tamerlão, da conquista de Jerusalém pelos piedosos cruzados, e ainda as atrocidades da recente Guerra Mundial, terá de se curvar humildemente à verdade dessa concepção. A existência desse pendor à agressão, que podemos sentir em nós mesmos e justificadamente pressupor nos demais, é o fator que perturba nossa relação com o próximo e obriga a civilização a seus grandes dispêndios. Devido a essa hostilidade primária entre os homens, a sociedade é permanentemente ameaçada de desintegração. O interesse do trabalho em comum não a manteria; paixões movidas por instintos são mais fortes que interesses ditados pela razão (Freud, 2010, p. 49-50).

Nesse trecho, percebemos que Freud (2010) aponta que essa inclinação para hostilidade e agressão gera conflitos em grande escala quando falamos nas diásporas e invasões territoriais, bem como ele relembra o desejo humano de dominação e concentração de poder baseado em interesses próprios, os quais acabam atrapalhando também as relações interpessoais. Para Freud (2010) uma das causas da infelicidade humana são os conflitos gerados por essa busca dos próprios interesses, sobretudo ao concluir que o homem frequentemente emprega falsos padrões de avaliação sobre o que é realmente importante, desconsiderando o que realmente tem valor na sua vida.

Peres (2010) corrobora Freud (2010) ao entender que esses conflitos causam mudanças e, acontecimentos sociais que levam ao trauma podendo causar a depressão. Entende-se também que a depressão não acontece concomitantemente com a crise, é após o evento pós-traumático, com as transformações e em um momento de se repensar ou lembrar o que aconteceu que essa enfermidade emerge.

As grandes modificações sociais, as alterações nas relações entre o homem e a sociedade, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, falamos do incremento desse sofrimento. A depressão pode, sob esse viés, ser considerada uma "patologia das mudanças". E, curiosamente, segundo uma análise sociológica de massa realizada na França, ela é menos gerada em períodos de crise econômica do que em fases de relativa estabilidade e abundância. São as grandes mutações do pós-guerra que determinam em larga escala o desenvolvimento dessa patologia. Podemos observar, sobretudo, mudanças que tocam as relações entre os homens, ou seja, o ponto em que Freud situa a maior fonte de infelicidade (Peres, 2010, p. 22).

Nesta perspectiva, Peres (2010) destaca que, segundo Freud, as mudanças podem gerar estranheza, perdas, como, por exemplo, uma mudança de país, de um bairro ou escola. Porém, o fator de maior impacto na saúde mental humana são as relações pessoais, ou seja, a problemática que se instaura nos vínculos familiares rompidos, no término dos relacionamentos amorosos, sentimento de preconceito e rejeição, na morte de uma pessoa próxima, enfim, são os conflitos pessoais os principais fatores que geram o sentimento de trauma que causam a depressão.

Qualquer que seja a fonte de informação, todas falam da intensidade do sofrimento quando ele se manifesta em sua forma aguda. A inibição é referida como uma paralisia, seja motora, afetiva ou intelectual; a certeza do nada poder fazer. Ao amanhecer ou ao finalizar o dia, uma nuvem de horror invade a mente do sujeito e lhe transmite o sentimento de uma fadiga absoluta, o esgotamento total de suas forças. A impressão é acompanhada, na grande maioria das vezes, da certeza de que esse estado será duradouro. O pânico surge e se dissemina em medo de quase tudo. Medos absurdos, de pessoas, coisas, situações insignificantes. É um sentimento da morte estando vivo, uma fraqueza do ser, um desencanto absoluto. E o deprimido repete incessantemente: a minha vida não tem sentido. E o que pode ser essa perda do sentido - sentido que vem pela palavra? (Peres, 2010, p.11).

Peres (2010) descreve acima os sintomas que essa doença mental causa: além de uma tristeza profunda, incapacidade de se relacionar e reagir positivamente ou procurar solução para os problemas. O marasmo e desejo de desaparecer ou morrer parece ser a única saída para sua existência. Nesse quadro, o paciente não vê ‘sentido’ para sua vida, não consegue vislumbrar um futuro.

Mendes, Viana e Bara (2014) destacam que a melancolia se tornou uma patologia no século XIX, enquanto a depressão apresenta-se como um mal psíquico da atualidade. Discorrem ainda que as mudanças causadas pelo mundo pós-moderno e globalizado, como a presença da fragmentação, heterogeneidade e diferença repercutiu profundamente na estrutura do sentimento, pois vivemos em constantes mudanças, questionamentos das verdades universais, do consumo exacerbado, valorização do individualismo e da preocupação com a imagem, os quais provocam tensões em todas as dimensões do ser.

Na contemporaneidade, o aumento dos diagnósticos de depressão parece sinalizar um descompasso entre as exigências sociais como a valorização da hiperatividade e do consumo desenfreado e a necessidade de tempo necessária para a elaboração psíquica. Na nossa sociedade nos deparamos com uma cultura que supervaloriza o individualismo, o consumo, o culto ao corpo e o mundo das imagens, o que propicia o surgimento das patologias narcísicas. Assim como a melancolia foi uma forma de expressão do mal-estar no século XIX, a depressão tem sido considerada o mal-estar do século XXI. (Mendes; Viana; Bara, 2014, p. 429).

Essa modificação no âmago do sentir humano, na forma de conceber as novas mudanças e processar de fato a procura por respostas, gera uma insatisfação, um sentimento de incompletude, vazio, fastio. Peres (2010) descreve a depressão como a dor de ser, de existir. Uma dor difícil de explicar e decifrar porque não é causada por uma ferida aberta ou visível, tampouco de carnes laceradas. Trata-se de uma dor invisível e incomensurável. Essa dor de fato generalizou as discussões acerca de sintomas que relatassem e dessem significado a essa tristeza que individualiza o ser humano.

De fato, a dor de existir é subjetiva, pressupõe a existência humana individual e única que transfere para o coletivo em suas ações parte do seu estado. Freud traz significativas contribuições para os estudos acerca desse tema, remontando ao sujeito e ao ser narcísico, bem como ao sentimento de transitoriedade que nos remete à brevidade e fugacidade da vida, e o luto que se trata das perdas que podemos sofrer.

Para Freud a depressão está vinculada a um afeto, sintoma ou estado que envolve tristeza, desgosto, inibição e angústia. Já a melancolia está associada a um estado inconsciente de impossibilidade de elaboração do luto, uma neurose narcísica. A psicanálise se volta para a compreensão da singularidade da vivência da perda e sua significação subjetiva. Neste sentido, o trabalho psicanalítico nos permite resgatar a possibilidade da vivência da perda e possivelmente elaborá-la, o que exige um trabalho cuidadoso de rememoração. (Mendes; Viana; Bara, 2014, p. 428).

Dessa forma, Freud cria o termo ‘narcisismo’ a partir do mito greco-romano de Narciso. O personagem mitológico tornou-se símbolo do egocentrismo, da vaidade excessiva, porque ele se apaixona pela própria imagem e vê em si o modelo de perfeição e desejo, encontrando por si mesmo esse amor exacerbado. Para a psicanálise, o narcisismo direciona a libido a si própria, quando ocorre o ‘trauma’ ou a ‘perda’, o indivíduo não consegue lidar com o luto e acaba ensimesmado, com problemas de distorção da realidade e de autoconhecimento.

Essa distorção da realidade acontece pela intensidade de pensamentos negativos e um pessimismo que impede de vislumbrar positivamente a vida. Dessa forma, o conflito entre o ser interno e o contexto externo em que o ser está inserido, desde a sua criação, relacionamento e formação convergem para um ponto específico da construção desse ser deprimido, como afirma Ramos (2010, p.72): “O narcisismo se sustenta na cultura, no emaranhado de fios que dão suporte ao ego e ao ideal do ego. O narcisismo, o amor-próprio, preserva um determinado equilíbrio entre a fantasia e a realidade, entre o mundo interno e o mundo externo”.

É bem verdade que existe uma lacuna no que diz respeito ao racismo dentro da psicologia e psicanálise tradicional. Fato que nos provoca aqui a discutir como essa, por tanto tempo, esteve dominada pelo conhecimento universal europeu branco. Todo o percurso que se desenrola com o passar dos séculos avista-se sob uma concepção produzida também pelo colonizador. Embora exista uma lacuna na psicologia que discuta dentro de uma perspectiva decolonial, - salvo alguns trabalhos mais recentes, que já abordam dentro desse eixo-, segundo os dados da OMS, a população que mais sofre depressão no mundo é negra.



Apesar de Sigmund Freud (1919 [1918] /1976), com a orientação psicanalítica, já ter proposto, desde o início do século XX, uma ampliação da clínica psicanalítica em clínicas públicas (Danto, 2018), somente nas últimas décadas do século XXI os efeitos das teorias sociais críticas, feministas e interseccionais impuseram novas questões no âmbito da clínica psicanalítica (Guerra *et al.*, 2021, p. 6).

Gerra *et al* (2021) salientam essa realidade dentro da psicanálise, sobretudo sobre a importância de estudos na área de psicologia estarem sendo realizados no campo da decolonialidade e outras teorias críticas, que trazem esse viés de ruptura, inclusão de uma compreensão plural, sobretudo que questione e reflita sobre a prática com um olhar decolonial. Entretanto, Lacan (1901-1981), psicanalista francês, que teve grande parte de sua obra realizada em seminários e entrevistas, tornou-se importante estudioso que previu o aumento do racismo no mundo. Em uma de suas declarações em *Seminários 19*, ele prediz a queda do sistema patriarcal, com a mudança social do controle da família centralizada na figura paterna, surgindo uma sociedade de irmãos, um sentimento de fraternidade mundial associada a uma nova religião do corpo. Contudo, ele ressalta a problemática que isto acarreta à humanidade: “Quando voltamos à raiz do corpo, se revalorizarmos a palavra irmão, (...), saibam que o que vem aumentando, o que ainda não viu suas últimas consequências e que, por sua vez, se enraíza no corpo, na fraternidade do corpo, é o racismo” (Lacan, 1972, p. 534).

Laurent (2014) adverte que, com essa declaração, Lacan (1972) atrapalha um pouco a festa, ao passo que ele ressalta frente aos hedonismos que sinalizavam de maneira positiva o crescimento dos mercados comuns e o declínio do patriarcado, estaríamos diante de uma nova religião do corpo e uma sociedade de irmãos que dariam continuidade aos processos de segregação. A seguir, Laurent (2014) elucida as proposições de Lacan (1972) sobre racismo:

Em suas proposições sobre a lógica do racismo, Lacan leva em conta a variação das formas do objeto rejeitado, suas formas distintas que vão do antissemitismo de antes da guerra, que conduz ao racismo nazista, ao racismo pós-colonial dirigido aos imigrantes. De fato, o racismo muda seus objetos à medida que as formas sociais se modificam, mas, conforme a perspectiva de Lacan, sempre jaz, numa comunidade humana, a rejeição de um gozo inassimilável, domínio de uma barbárie possível (Laurent, 2014, p. 1).

Atualmente, essa “predição” é considerada uma das “antecipações lacanianas”. Nunca houve um período em que a idolatria do corpo fosse tão disseminada e propagada na sociedade global. Todavia, o problema instaura-se ao passo que o corpo desejado e buscado

tem um padrão singular ainda nos moldes do colonizador. Essa se torna uma nova forma de colonizar e segregar aqueles que estão fora desse padrão, assim como acontece com o conhecimento abstrato universal, esse padrão físico também possui cor e feições brancas.

Conforme Lacan (1972), a renovação do 'ser' ou 'objeto' rejeitado acontece conforme a sociedade muda. Durante a Segunda Guerra Mundial, acontece o grande genocídio contra os judeus. Nos dias atuais, temos milhares de imigrantes espalhados pelo mundo que sofrem esse racismo, por serem de outro país, cultura etc. Ratificamos o pensamento lacaniano ao compreendermos que as marcas que revelam esse "pertencer a outro *locus*" estão principalmente representadas no corpo, sendo esse corpo que causa a estranheza e rejeição.

Laurent (2014) explica a teoria de Lacan sobre O Gozo: "Essa lógica coletiva é fundada na ameaça de uma rejeição primordial, uma forma de racismo: um homem sabe que não é um homem. E é uma questão de gozo. Não é homem aquele que rejeito como tendo um gozo distinto do meu" (Laurent, 2014). Ele elucida o fato de que os iguais se reconhecem e rejeitam aqueles que não são seus pariformes. Tal analogia remete também aos discursos que se enraízam sutilmente nas relações pessoais, de forma a passar despercebido e aumentar a clivagem social entre brancos e negros: "O gozo maligno em jogo no discurso racista é desconhecimento dessa lógica. Ela está no fundamento de todo laço social" (Laurent, 2014).

O homem é um ser social, portanto, a dimensão da problemática do racismo está instaurada nos discursos que formam os laços sociais humanos. Tais laços podem agregar ou rejeitar aqueles que por algum motivo foram vistos como distintos desse grupo social. Tal compreensão possibilita o entendimento da importância de promover e refazer discursos que reconstruam esses laços de fraternidade, ou no mínimo façam a equiparação dos direitos das minorias.

Torna-se propício retomar a ideia de Gerra *et al* (2021) acerca da identificação do discurso racista com o discurso iluminista branco com ideal de "ser" e "existir". Vale evidenciar que a quebra de paradigmas acontece quando esses "discursos" e "práticas opressoras" são visibilizadas e apresentada sua real disformidade.

No avesso da ocupação colonial, em sua radicalidade de fundação do tempo moderno e iluminista, o racismo instaurou uma lógica silenciosa de dominação radicada na identificação com a branquitude no nível do ideal de eu. Essa identificação se prolonga nas práticas racistas cotidianas, que carecem ser visibilizadas, enunciadas e assumidas não apenas no nível da consciência racional, mas também do assentimento subjetivo inconsciente, a partir do qual nos posicionamos como sujeitos responsáveis (Guerra *et al*, 2021, p. 12).

O sofrimento necessita ser pensado em sua subjetividade e individualidade, no entanto, é preciso também ponderar sobre a forma coletiva de um sofrimento que acomete grupos sociais de acordo com suas peculiaridades. Gerra *et al* (2021) trazem em discussão essa preocupação com as formas de incluir e entender essas minorias que sofrem de problemas com características semelhantes, refletindo na realização de uma prática menos segregacionista, mas também de entender a ocorrência de um trauma comum em um grupo distinto, nesse caso, o racismo.

Em outras palavras, o modo como se sofre psiquicamente é sempre singular, intransferível e não generalizável. Entretanto, a maneira como se desenham esses sofrimentos, como se esquadrinham as populações que sofrem e como se as secciona para a organização da oferta de assistência, modulada por cor, raça e gênero, exige a revisão de seus pressupostos e a elucidação crítica das hierarquias teóricas e terapêuticas que reproduzem um sistema segregacionista (Guerra, *et al.*, 2021, p.6).

Partindo desse pensar, o racismo como um trauma coletivo, da inclusão dessa temática de estudo e análise da estrutura do sentimento, entendendo que ele fere o que está no âmago da essência humana, a autoestima, concordamos com a escritora, psicóloga e artista Grada Kilomba (2008), quando ressalta: “Parece, portanto, que o trauma de pessoas negras provém, não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim, do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, ou seja, com a irracionalidade do racismo” (Kilomba, 2008, p. 40). Sua afirmação respalda a reflexão sobre o racismo como um trauma coletivo, elevando o nível de complexidade desses eventos que, embora diferentes e individuais, acarretam o trauma e, conseqüentemente, na maioria dos casos, um problema de saúde mental que a população negra e imigrante também está mais suscetível a enfrentar.

Kilomba (2008) trata a noção de trauma como sendo uma ferida, cujo se estabelece pela irracionalidade do racismo. Ela discorre que não há nada mais neurótico e doentio para a população negra do que encarar diariamente essa irracionalidade branca que acusa ao outro sua dessemelhança. Dessa forma, a ferida do passado continua no presente, mesmo que às vezes pareça de modo velada ou mascarada presente nos discursos, estereótipos, oportunidades negadas etc.

Contudo, o fato de pensar esse trauma em um vislumbre de uma dimensão coletiva não exime a subjetividade do sofrimento e a individualidade de cada caso ou situação. O que acontece se evidencia na expansão de uma carga social histórica bem mais pesada para a população negra, somando com o racismo vivenciado diariamente. Ora, quando se pensa no

nível dos discursos sociais, como ressalta Laurent e Lacan, é notável a necessidade de incluir práticas e discursos que remodelem ou questionem os padrões éticos e sociais de uma sociedade global, que possui características plurais e multiculturais, para que assim essas remodelações se reflitam de forma afirmativa nas estruturas das relações sociais.

A personagem Willie na obra *O caminho de casa* (2017) é um exemplo de personagem que sofre a irracionalidade do racismo cotidiano, como discorre Kilomba (2008), em sua busca por emprego e também por realizar seu sonho de cantar é destrutada várias vezes por causa da sua cor da pele. Dessa forma, sendo acusada constantemente da sua dessemelhança não consegue o emprego como cantora, apenas como faxineira. Aqui fica claro que a pele denuncia o legado da colonização e do período de escravização nos Estados Unidos, com padrões e discursos vinculados a ideia da hegemonia opressora que impõe as pessoas negras cargos, subempregos e oportunidades inferiores.

Apesar dessa conjuntura, o período que vai do século XX ao XXI mostra-se progressista no que concerne ao novo pensar sobre doenças mentais, devido aos muitos avanços da medicina psiquiátrica para definição, diagnóstico e tratamento são desenvolvidos para melhorar a vida das pessoas que sofrem desses males. As causas da depressão são variadas e contextualizadas, ou seja, podemos dizer que individualizadas, pois perpassam a história de vida de cada pessoa, sua criação e experiências construtivas de emoções positivas e negativas. O desequilíbrio negativo é o que desenvolve esse quadro de desilusão projetado em si mesmo e em suas expectativas.

Um tema frequentemente associado a essa patologia é o suicídio. A morte é uma temática universal recorrente na literatura. Conforme Alvarez (1999, p. 214): “talvez metade da literatura que existe no mundo seja sobre a morte”. De certa maneira, a morte inspira reflexões sobre as questões existenciais humanas que o sujeito depressivo frequentemente ruma em seus pensamentos. De fato, esse é um tema sensível para a sociedade global, por provocar incertezas diante de suas consequências letais e por vezes morais. No entanto, o suicídio é visto de maneiras diferentes, de acordo com cada cultura ou religião. Na Europa antiga, mais especificamente no período do Império Romano, influenciado pelo pensamento estoico, era considerado um ato honroso, e, para alguns filósofos, como Sêneca, o último ato de liberdade de um homem (Carneiro, 2013).

Na Idade Média, era visto pela igreja Católica como uma transgressão contra a própria vida e contra Deus, sendo considerado pecado. Santo Agostinho, um dos representantes filosóficos dessa época, julga que, por mais dura e miserável que seja a vida

nenhum motivo seria suficiente para renegá-la, trazendo à tona a noção de ética e a relação da criatura e criador pare esse contexto. Ele relembra como exemplo a situação do personagem bíblico Jó, que apesar de viver em situação privilegiada e repentinamente perder em todas as áreas que um homem precisa para viver com dignidade, ele jamais sucumbe ao desejo de morte. Mesmo quando a própria esposa o interpela e sugere a morte como fim para seu sofrimento.

Já no Japão o suicídio não é pecado, pelo contrário, em um passado não tão distante, era uma prática cometida como ritual de honra chamado *Seppuku*, que significa ‘corte no ventre’. Esse ritual era comum entre samurais e guerreiros para demonstrar lealdade ao seu mestre ou para se redimir diante de uma derrota ou fracasso. Havia a purificação do corpo e diante das pessoas o guerreiro com um punhal abria seu ventre até a morte. Soldados japoneses conhecidos como *Kamikases* durante a Segunda Guerra Mundial subiam aos céus com uma missão suicida, carregando explosivos em seus aviões os pilotos chocavam-se contra os navios americanos. A partir disso, o termo ficou sendo usado para se referir a pessoas em missões suicidas e a “cultura” do suicídio, portanto, é vista como uma prática enraizada na população nipônica. Não é à toa que o Japão tem números altíssimos dessa prática até os dias atuais, o que se torna até uma preocupação governamental.

Partindo desses exemplos, percebemos que onde existe um vínculo afetivo ou ideológico muito forte, sujeitos podem ser levados por uma conduta extremista de lealdade a dar fim à sua própria vida. Entretanto, a psicologia classifica o suicídio como uma patologia emocional e psíquica atrelado na maioria das vezes à depressão. Considerado por alguns como um escape de doenças terminais, desilusão, solidão, problemas financeiros, enfim, ele pode ser visto como uma possibilidade de fuga diante das ameaças do mundo. Essas são emoções que contextualizam as mensagens deixadas por pessoas suicidas.

Nesse entendimento, o cenário atual apresenta uma procura cada vez maior para diagnosticar e tratar essa doença. Vale ressaltar a preocupante situação mundial vivendo pós-pandemia, confinamento virtual, isolamento, crise econômica, desemprego, falência de muitas empresas e recentemente uma guerra instaurada entre Rússia e Ucrânia. É perceptível que estamos vivendo em um período fortemente depressivo. Por isso, torna-se tão relevante buscar discutir por meio de arquétipos literários como uma forma de levar ao entendimento sobre a essência humana e esse quadro mental que domina a população mundial.

No ‘caminho de volta’ para casa, a narradora vai construindo os contextos de opressão e violência nos quais as mulheres estão inseridas; no entanto, esse retorno também

proporciona a ressignificação da identidade feminina. Dentro desse contexto, está a mulher negra, por um lado, silenciada e subalternizada, sentindo-se um ser deslocado na sociedade devido aos estereótipos construídos em relação à sua cor, corpo e cultura. Por outro lado, a narrativa também constrói a figura feminina capaz de resistir e reconstruir a sua história.

### **2.3. Depressão nas literaturas africanas**

O psiquiatra e filósofo franco-caribenho Frantz Fanon (20.07.1925-06.12.1961) investiga como a colonização e a supremacia branca afetam a construção da identidade dos negros, levando-os a internalizar ideias racistas sobre si mesmos e a adotar "máscaras" brancas para se encaixar em uma sociedade que os exclui e os oprime. Ele examina como o racismo se manifesta não apenas em atitudes e ações individuais, mas também em estruturas institucionais e sociais.

*Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020) é uma obra que oferece uma análise profunda das dinâmicas psicológicas e sociais do racismo e da colonização, explorando as experiências dos negros na sociedade colonial e pós-colonial. Uma das ideias centrais do livro é a questão da alienação, sobre a qual Fanon argumenta que os negros colonizados são alienados de sua própria cultura e identidade, bem como de sua humanidade, devido à opressão colonial. Ele também discute a psicopatologia do racismo, analisando os efeitos psicológicos devastadores que o preconceito racial tem sobre as pessoas negras, incluindo a internalização do ódio de si mesmo.

Além disso, ele examina as consequências da negação da negritude e da busca pela assimilação cultural, argumentando que a verdadeira emancipação dos negros só pode ocorrer através da rejeição das estruturas coloniais e da afirmação orgulhosa de sua própria identidade e cultura. Essa constatação é fundamental não apenas para entender as dinâmicas do racismo e da colonização, mas também para explorar as complexidades da identidade racial e cultural: “[...] Fanon ressalta inicialmente que racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isto significa, por exemplo, que os negros são construídos como negros.” (Gordon, 2008, p. 15). A análise de Fanon continua a ser relevante e provocadora, influenciando os estudos pós-coloniais, a teoria crítica racial e os movimentos de libertação negra em todo o mundo.

Fanon (2008) oferece uma análise poderosa da psicopatologia do racismo examinando os efeitos psicológicos profundos que o preconceito racial tem sobre as pessoas

negras. Ele argumenta que as pessoas negras muitas vezes internalizam as ideias e estereótipos racistas impostos sobre elas pela sociedade dominante. Esse processo leva à autoaversão e à negação de sua própria identidade racial e cultural. Os indivíduos negros podem começar a ver a si mesmos através da lente do racismo, o que pode resultar em sentimentos de inferioridade e inadequação. Ademais, discute como o racismo pode criar um complexo de inferioridade nas pessoas negras, levando-as a duvidar de suas habilidades e valor como seres humanos. Essa autoimagem negativa pode se manifestar de várias maneiras, incluindo baixa autoestima, ansiedade, depressão e uma sensação geral de desamparo.

Voltando à psicopatologia, digamos que o negro vive uma ambiguidade que é excepcionalmente neurótica. Aos vinte anos, ou seja, no momento em que o inconsciente coletivo mais ou menos já se perdeu, ou ao menos ficou mais difícil de ser trazido ao nível do consciente, o antilhano percebe que está vivendo em erro. Por que isso? É muito simples: porque, e isto é muito importante, o antilhano se soube negro, mas por um deslize ético se deu conta (inconsciente coletivo) de que era negro na medida em que era mau, indolente, perverso, instintivo. Tudo o que se opunha a essas modalidades de ser negro era branco. (Fanon, 2008, p. 2023)

Assim, em resposta ao racismo e à discriminação, Fanon observa que algumas pessoas negras podem desenvolver sentimentos intensos de raiva, frustração e hostilidade em relação aos brancos ou à sociedade dominante. Essa raiva pode ser direcionada para dentro (resultando em autodestruição) ou para fora (manifestando-se em comportamentos agressivos ou violentos). Podemos perceber tal comportamento em *Reino transcendente* (2021) quando Nana demonstra esse sentimento de raiva em um jogo de futebol ao ser insultado por pessoas das arquibancadas, o texto a seguir descreve o sentimento no momento dos ataques racistas.

Do outro lado, o homem que tinha gritado antes agarrou o filho pelas raízes do cabelo empapado de suor.

- Não me vá deixar essa negrada ganhar. Não deixem que marquem um gol que seja contra vocês, está me ouvindo?

Todo mundo ouviu. [...] Eu era pequena demais para entender a palavra que o homem usou, mas, já tinha idade suficiente para perceber a mudança na atmosfera. Nana não se mexeu, nem o Cara do Chin Chin, mas, mesmo assim, todos estavam com os olhos fixos em nós três, os únicos pretos no campo naquele dia. [...] Nana entrou correndo no campo e, pelo resto do segundo tempo, ele era pouco mais do que um borrão, movimentando-se não com a elegância que meu pai associava ao futebol, mas com pura fúria. Uma fúria que viria a defini-lo e consumi-lo. Ele marcou gol atrás do outro, até tirando a bola dos seus próprios colegas de equipe em certos momentos. (Gyasi, 2021, p.72-73)

Nana encontra-se em estado de fúria como descreve sua irmã Gifty ainda criança, vencer era a maneira de mostrar sua humanidade, de reivindicar seu lugar de existência no mundo e confrontar a barbárie racista que viviam todos os dias. Esse sentimento de raiva transformou-se em combustível para vencer o jogo e também os insultos racistas, sentiu-se vitorioso duas vezes.

Fanon também discute como o racismo pode levar à alienação e ao desenraizamento das pessoas negras de suas próprias comunidades e culturas. Eles podem se sentir como estranhos em sua própria terra, incapazes de encontrar um senso de pertencimento e identidade autênticos em uma sociedade que os marginaliza. Uma das principais questões abordadas por ele é a negação da negritude, contexto no qual as pessoas negras podem tentar negar ou suprimir sua própria herança racial e cultural para se conformar aos padrões brancos dominantes. Esse processo de assimilação pode levar a uma desconexão ainda maior de si mesmos e de sua comunidade.

Ao explorar esses aspectos da psicopatologia do racismo, Fanon destaca não apenas os efeitos individuais devastadores do preconceito racial, mas também as dimensões sociais e políticas mais amplas do problema. Ele argumenta que a verdadeira emancipação das pessoas negras só pode ocorrer através da descolonização das mentes e da afirmação orgulhosa de sua própria identidade e cultura.

A psicóloga e artista Grada Kilomba foi bastante influenciada por Fanon no que diz respeito à compreensão do racismo como trauma para a população negra. Em seu livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2008), ela discorre sobre a concepção do racismo, trauma e colonialismo como algo prejudicial para a saúde mental e também para formação da identidade dos povos africanos.

Ela discute o racismo como trauma de várias maneiras, destacando como as experiências de racismo podem ter efeitos profundos e duradouros na psique das pessoas negras. Kilomba reconhece que o racismo pode ser transmitido de geração em geração, resultando em traumas intergeracionais que impactam as comunidades negras ao longo do tempo. Ela destaca como as experiências traumáticas de racismo vivenciadas por ancestrais podem influenciar as vivências contemporâneas das pessoas negras. Podemos perceber isso claramente em *O caminho de casa* (2017) quando Gyasi conta a história dos descendentes de Esi e Effia, é notório que o racismo e a ideia de uma identidade fragilizada são repassados para cada geração, pois, todos os personagens sofrem com os embustes coloniais e escravistas produzidos nas sociedades, singularizando padrões, ideias e marginalizando a



história e os corpos dos povos africanos. Esse corpo que foi escravizado gerou outros corpos que também continuam perecendo com esse legado negativo.

Kilomba (2008) também descreve o racismo como uma forma de violência psicológica que afeta a autoestima, identidade e bem-estar emocional das pessoas negras. Ela explora como o racismo opera um sistema de poder que perpetua a desigualdade e a opressão, causando danos psicológicos significativos. A noção de Outridade aparece quando o negro é visto como o ‘outro’ diferente, inferior, rejeitado pela sociedade e não como ‘eu’ ou ‘alguém’.

Toda vez que sou colocada como “outra” (...) estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com o que o sujeito branco não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o “Outra/o” da branquitude, não o eu - e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual. (Kilomba, 2008, p. 78)

Corroborando o pensamento de Fanon, ela enfatiza a importância do autoconhecimento e da conscientização racial na ressignificação do trauma do racismo. Ela destaca a importância de compartilhar narrativas pessoais e coletivas sobre as experiências de racismo como uma forma de resistência e cura. Ela argumenta que a expressão e validação dessas experiências podem ajudar a romper o silêncio em torno do trauma racial e a construir uma memória coletiva que reconheça e honre as lutas e conquistas das comunidades negras. Assim, consideramos aqui a leitura e análise das obras objeto de estudo desse trabalho como um exercício de fortalecimento da memória dos povos africanos, bem como, ressignificar e romper com os moldes de opressão coloniais.

Dessa forma, suas reflexões e análises contribuem para uma compreensão mais profunda das experiências vividas pelas pessoas negras e para o desenvolvimento de estratégias de resistência. Ela traz também a noção de que cada vez que alguém sofre racismo é como se ele fosse transportado para a cena primal do trauma cultural da escravização, é o retorno da memória traumática.

[...] A combinação dessas duas palavras, “plantação” e “memórias”, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como realidade traumática, que tem sido negligenciada. É um choque violento que de repente coloca o sujeito negro em uma cena colonial na qual, como no cenário de uma plantação, ele é aprisionado como a/o “Outra/o” subordinado e exótico. De repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o sujeito negro estivesse naquele passado agonizante (Kilomba, 2008, p. 29-30).

Portanto, Kilomba (2008) reconhece que a depressão entre pessoas negras muitas vezes está enraizada em traumas históricos decorrentes da escravidão, colonização e outras formas de opressão como a de gênero. Ela explora como esses traumas podem impactar a saúde mental das comunidades negras. Discute como o racismo estrutural e o estresse racial contribuem para a depressão entre pessoas negras. Ela destaca como a discriminação racial, o preconceito e a exclusão social podem desencadear e agravar problemas de saúde mental, incluindo a depressão.

Ela ainda, aborda o estigma em torno da saúde mental dentro das comunidades negras e as barreiras de acesso ao cuidado, reconhecendo que o estigma pode desencorajar as pessoas negras de buscar ajuda e tratamento para a depressão, enquanto as desigualdades no acesso aos serviços de saúde mental podem limitar as opções de tratamento disponíveis. A exemplo disso, temos o caso de Mama, mãe de Gifty que não aceita terapia nem cuidados médicos por acreditar ‘ser coisa de branco’. Isso, de certa forma, a impede de buscar ajuda para uma melhora do seu quadro, não é à toa que ela passa a maior parte de sua vida sofrendo com os sintomas dessa enfermidade.

Grada Kilomba oferece uma visão da depressão entre pessoas negras, reconhecendo tanto os impactos traumáticos do racismo quanto os recursos de resistência e cura presentes nas comunidades negras. Suas reflexões contribuem para uma compreensão mais ampla e sensível das complexidades da saúde mental dentro do contexto racial e cultural.

Desse modo, entendemos sob o olhar desses teóricos de origem africana que o trauma do racismo pode ser considerado prejudicial à construção de uma identidade saudável dos povos africanos, como também causar doenças mentais, entre elas a depressão.

### 3 O TRANSCENDER DA MULHER NEGRA EM CONTEXTO DIASPÓRICO EM O CAMINHO DE CASA

*“Home is this little light that you carry inside you wherever you go”.*<sup>25</sup>

Yaa Gyasi

---

<sup>25</sup> “Lar é uma pequena luz que brilha dentro de você aonde quer que vá.” (tradução nossa) Fonte: <https://www.theguardian.com/books/2017/jan/08/yaa-gyasi-slavery-is-on-peoples-minds-it-affects-us-still-interview-homegoing-observer-new-review>. Acesso em: 12/12/2023

A escravização é uma úlcera que ainda hoje provoca dor na memória dos povos africanos. Um legado negativo carregado como um fardo pesado, que causa o encurvamento de um povo para servir forçadamente a outro. Mesmo depois do fim cronológico do período escravocrata<sup>26</sup>, esse peso continua forçando o encurvamento desse coletivo. Por isso, ainda hoje é um tema bastante revisitado pelas artes, principalmente pela literatura.

Parafraseando as palavras de Caruth (2016), entendemos a escravização como uma ferida cuja história clama para ser contada. Nesse sentido, a literatura é esse espaço de voz, de grito, de choro e de alívio. As narrativas estudadas aqui apresentam um teor testemunhal, ao contar fatos da memória do trauma coletivo da escravização, um trauma que se configura também como cultural, pela tentativa de epistemicídio dos saberes de origem africana.

Neste capítulo realizamos uma leitura analítica da obra *O caminho de casa* (2017), de Yaa Gyasi, à luz das discussões teóricas já realizadas aqui. Compreendendo que essa narrativa nos remete ao legado da escravização do povo afro-americano, pretendemos desenvolver discussões acerca do trauma cultural que se estabelece na diáspora. Outro elemento importante de nossa análise é como se configura a identidade coletiva desse povo e como a mulher negra é representada tendo como ponto de partida a experiência traumática. Além disso, abordaremos a categoria de análise da depressão, averiguando como esse mal está representado na obra a partir de sua relação com a diáspora, escravização e segregação.

### **3.1 Memória e legado do trauma cultural em *O caminho de casa***

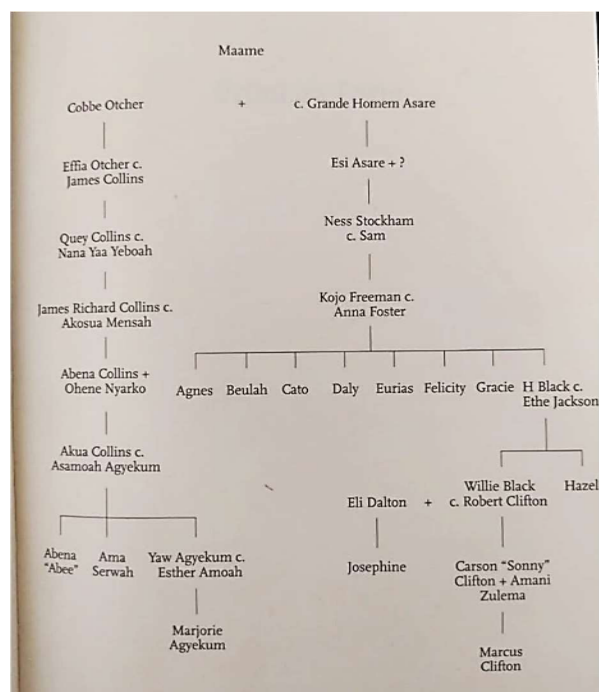
No romance *O caminho de casa* (2017), a autora constrói a história de gerações de uma família em duas ramificações: a primeira sobre os filhos de Effia, que fica em Gana, e a segunda, os descendentes de Esi, que é levada para ser escrava nos Estados Unidos. Aqui tratamos de refletir sobre personagens que configuram essa linhagem africana, que vive a diáspora, tendo a origem representada por Esi e Effia, duas irmãs que nunca se conhecem, contudo, a narrativa desenvolve esse percurso de seus descendentes até acontecer o encontro e união de dois deles. Esse encontro final denota o voltar às origens, promovendo a ideia de justiça/reparação pelos anos em que a família foi separada pelo calabouço, pelo navio negreiro, pela escravização e esse voltar à sua terra natal configura o encontro com o elo perdido.

---

<sup>26</sup> Oficialmente em 19 de junho 1865 consolidando a Proclamação da Emancipação decretada pelo presidente Abraham Lincoln em 1863.

As filhas de Maame, Effia e Esi constituem o papel de matriarcas no romance, apresentando logo na primeira página a genealogia de ambas, dos seus filhos e filhas que seguem o percurso narrativo, o qual se inicia a partir da intervenção e dominação ocidental. Cada descendente dessas irmãs representam uma geração, ou uma fase da história dos povos africanos em dois âmbitos, aqueles que ficaram em Gana e os que viveram a diáspora. Podemos entender que Maame, mãe de ambas, representa a África, a terra mãe que deu origem a vários povos, nações e culturas. A seguir podemos contemplar a árvore genealógica apresentada no próprio livro:

Figura 6 - Árvore genealógica



Fonte: Livro O Caminho de casa de Yaa Gyasi

Esi passa pela captura, presa no calabouço, transportada como objeto pelo navio e o trabalho escravo na *plantation*. Ness vive a violência e opressão de uma pessoa negra na época da escravização nos Estados Unidos. Kojo é escravo fugitivo no Norte, tem uma vida em ‘liberdade’ contudo sua mulher é capturada grávida para voltar a trabalhar no Sul. H é condenado a trabalhar nas minas de carvão porque foi acusado de olhar para uma mulher branca. Willie vai para o Harlem e convive diariamente com o racismo e a impossibilidade de crescer e realizar seu sonho porque é negra. Carson não supera o abandono do pai, além da vida difícil no Harlem, se torna dependente químico e luta a vida inteira contra isso. E,

Marcus um estudante e pesquisador que acaba encontrando-se com Marjorie a descendente de Effia. Essas personagens são as que mais nos atentamos a trazer nossa análise e discussões como veremos adiante.

A narradora reconta a história da diáspora e escravização do povo ganense, por meio de um romance, cuja narrativa se desenrola por cerca de duzentos anos, iniciando quando os ingleses chegam a Gana para atividades comerciais. Com esse intuito, podemos entender que esse não trata apenas da nação de Gana, mas ela constrói um memorial a partir de sua terra natal para representar a história dos povos e países do continente africano que passaram por essa experiência.

O romance descreve a chegada dos ingleses à tribo Fanti logo no primeiro capítulo, quando a história de Effia acaba cruzando com a presença do homem branco, ela se torna esposa de James Collins, governador recém-nomeado do Castelo de Cape Coast. A autora reconstrói como são estabelecidas essas relações entre ingleses e os fantis para comercializar, marcando o início da captura de escravizados da tribo inimiga:

[...] Abeeku fez uma aliança com uma das aldeias axântis mais poderosas. Nós vamos ajudá-los a vender seus escravos para os ingleses. Assim o homem branco veio a aldeia deles. Gordos e magros, vermelhos e bronzados. Eles vinham de uniforme, com espadas ao lado, os olhos sempre esguelha, sempre com a maior cautela. Vinham dar aprovação às mercadorias que Abeeku lhes prometera (Gyasi, 2017, p. 26).

Effia, filha do fogo. Assim, eram os rumores de que a menina era amaldiçoada, pois nasceu no dia de um grande incêndio, um dia de perdas e destruição. Não conheceu sua mãe, foi criada por uma das esposas de seu pai, a qual a maltratava por mais que o pai lhe pedisse para amá-la. Estava prometida ao líder da tribo, mas o rancor que sua madrasta sentia pela sua beleza, que com certeza lembrava sua mãe, fazia com que ela a desprezasse. Por essa razão fez todos acreditarem que a menina havia sido amaldiçoada pelo fogo e arranjou um casamento desonroso com o chefe branco. A ela foi negado o amor de mãe e uma parte da sua história. Seu casamento foi realizado no Castelo de Cape Coast, onde passou a viver com seu marido. A cena a seguir mostra seu primeiro dia de casada, quando ao conhecer a fortaleza, um lugar amplo e bélico, descobre as pessoas no calabouço:

Foi quando sentiu uma brisa nos seus pés vinda de pequenos buracos no chão. — O que fica aí embaixo? — perguntou ela a James, e a palavra mal pronunciada em fanti que voltou para ela foi “carga”. Então, subindo com a brisa, veio o som fraco

de um choro. Tão fraco que Effia achou que era sua imaginação, até ela se abaixar e encostar o ouvido na grade. — James, tem gente aí embaixo? — perguntou ela. James veio depressa até ela. Ele a arrancou do chão e agarrou seus ombros, olhando diretamente nos seus olhos. — Sim — disse ele, sem esforço. Era uma palavra em fanti que ele tinha aprendido direito. Effia afastou-se dele. Ela encarava os olhos penetrantes do marido. — Mas como você deixa essa gente aí chorando, hem? — disse ela. — Vocês, brancos. Meu pai me avisou dos costumes de vocês. Me leva para casa. Me leva para casa agora! Ela só percebeu que estava aos berros quando sentiu a mão de James tapando sua boca, empurrando seus lábios como se pudesse forçar as palavras a voltarem para dentro. Ele a segurou desse jeito muito tempo, até ela se acalmar. Ela não sabia se ele tinha entendido o que ela dissera, mas soube naquele instante, só pela leve pressão dos dedos dele na sua boca, que ele era um homem capaz de ferir, que devia ficar feliz por estar de um lado da maldade dele e não do outro (Gyasi, 2017, p. 33-34).

A descoberta do calabouço para Effia a faz conhecer uma repulsa pelo que acontecia ali, mas, instantaneamente, ela se conforma em estar do lado de quem tem o poder sobre a situação. Ela contempla a dor, mas se omite, porque sua própria família está envolvida nisso. Além disso, está convencida de que é uma maneira de sobrevivência estar do lado de quem tem o poder. Sua irmã estava no calabouço, embaixo de seus pés, presa pelas ordens de seu marido. Talvez o choro estivesse entre os que ela escutava. Com essa cena, a autora evoca ao leitor essa noção de que entre a tribo inimiga também estavam seus irmãos, sinalizando a rivalidade que dizimava sua nação.

Essa violência compactuada parece continuar presente nos dias hodiernos, como uma continuação dessa condescendência de estar ao lado do poder, sobretudo, quando se usufrui de alguma condição superior. A exemplo disso, temos o caso recente de Tyre Nichols, um trabalhador de 29 anos que foi abordado e agredido por policiais (negros) na cidade de Memphis nos Estados Unidos. O acontecido chocou a cidade e acabou repercutindo em todo país, até entre outras nações, diante da gravidade da agressão, que o levou à morte. Isso evidencia que a violência policial contra negros é um fator real dessa segregação, como apontam dados já mencionados anteriormente. O fato de serem policiais negros não trouxe empatia ao seu ‘membro da raça’, porque de alguma forma a posição que ocupam mudou a forma de ver e reagir aos fatos. Isso nos remete a Fanon (2005, p. 49), quando ressalta essa ideia de que o colonizado nutre em si um desejo de ser o colonizador, de estar do lado do opressor: “O colonizado é um perseguido que sonha permanentemente transformar-se em perseguidor”. Ele ressalta que o colonizado também almeja o poder, ser o carrasco/caçador e não a vítima.

Evocamos, o pensamento de Seligmann-Silva (2008) ao afirmar que o testemunho emerge na recriação das cenas; assim, os fatos vividos por Esi e repassados para Ness em

suas histórias antes de dormir configuram uma metalinguagem do teor testemunhal da cena traumática e da necessidade de narrar o trauma. Essa é uma forma de Esi diminuir o peso da carga traumática, a necessidade de dividir sua dor. A narrativa preenche as lacunas históricas, individualizando a experiência a partir da sua capacidade criativa e a possibilidade literária do simbólico e imagético, trazendo à tona esses três lugares que concebem o trauma, a saber: a) o calabouço; b) o navio negreiro; c) as *plantations*.

Dessa forma, a narrativa apresenta esses lugares que demarcam o trauma. Para Esi, o calabouço é o primeiro lugar da experiência traumática, além do tratamento desumano, ele era um lugar úmido, com pessoas amontoadas, sem a mínima higiene e alimentação insuficiente. No excerto abaixo, a narradora descreve como era o calabouço e como essa experiência do trauma acontecia pela violência que desordenava a vida dessas mulheres.

As paredes de barro do calabouço deixavam todas as horas iguais. Não havia sol. Havia escuridão de dia, de noite e em todos os momentos. Às vezes, eram tantos os corpos acumulados no calabouço das mulheres que todas elas precisavam ficar deitadas, de bruços, para que mais mulheres fossem empilhadas por cima. E esse era um desses dias. Esi foi chutada para o chão por um dos soldados, que pôs o pé na base do seu pescoço para ela não poder se virar para respirar nada que não fosse a poeira e a sujeira do chão. As mulheres novas foram trazidas para ali, e algumas se lamuriavam tanto que os soldados as golpeavam até elas caírem, inconscientes. Elas foram empilhadas por cima das outras: cada corpo, um peso morto. Quando as espancadas voltavam a si, já não havia lágrimas. Esi pôde sentir que a mulher por cima dela urinava. A urina desceu por entre as pernas das duas. Esi aprendeu a dividir sua vida em Antes do Castelo e Agora (Gyasi, 2017, p. 52-53).

Diante dessa descrição, percebemos que a personagem-narradora pinta um quadro e remonta a cena traumática de muitas mulheres que viveram a experiência danosa do sequestro, calabouço e escravização. A cena mostra de maneira clara que elas estavam desnorteadas, não havia passagem para luz, não tinham como marcar o passar dos dias. Pode-se entender a ausência dessa luminosidade, de calor do sol, com a obscuridade que suas vidas tomavam a partir desse momento. A comparação que ela faz com “cada corpo”, um “peso morto” reforça a ideia de aniquilamento de suas vidas; eram apenas um peso que elas mesmas carregavam, um peso para aqueles que precisavam mantê-las ali, ineficientes no momento. Essa comparação também remete à ideia de morte que permeava o ambiente, além disso, esse contexto precário se revela como um fator motivação para o desenvolvimento do trauma.

O final da narrativa acima reitera esse impacto e fratura na vida de Esi, causado por essa experiência, quando ela começa a dividir a sua vida em dois momentos: o antes e o



depois do castelo: “Antes do Castelo, ela era filha do Grande homem e de sua terceira esposa, Maame. Agora ela era só o pó. Antes do Castelo ela era a moça mais bonita da aldeia. Agora ela era nada mais que ar” (Gyasi, 2017, p. 53). Aqui percebemos que a experiência traumática abala a sua identidade, haja vista que está ancorada em quem ela era antes: havia o sentimento de pertencimento a um povo, cultura, família e o papel que ocupava nesse lugar; o ‘agora’ para ela é a perda dessas referências e o fim de sua singularidade existencial. É possível observar também o sentimento de uma existencialidade mórbida, de não ser, não pertencer, tanto pela ideia de “peso morto” como “pó”, fazendo referência à suposta premissa de que a morte possibilita a volta às origens da matéria prima da criação, mas também às suas origens familiares.

O navio negreiro é apresentado como o segundo lugar do trauma. Esi é a personagem que passa por essa experiência, porém o relato se dá do ponto de vista das memórias de sua filha; Ness, ao lembra-se das histórias que sua mãe contava sobre o ‘Barco grande’. No trecho abaixo está registrado como eram alojados e o transtorno de serem transportados como uma mercadoria ou resgatando sua fala anterior, “peso morto”.

A mãe de Ness, Esi, era uma mulher dura, séria, que nunca tinha contado uma história feliz. Mesmo as histórias que contava para Ness na hora de dormir eram sobre o que Esi chamava de “Barco Grande”. Ness adormecia com as imagens de homens sendo jogados no oceano Atlântico, como âncoras presas a nada: nem terra, nem gente, nem valor. No Barco Grande, Esi dizia, eles eram postos em pilhas de dez pessoas; e quando um homem morria em cima de você, seu peso esmagava a pilha, como cozinheiras esmagando alho. A mãe de Ness, chamada de Cara Amarrada pelos outros escravos porque nunca sorria [...] (Gyasi, 2017, p. 110-111).

Podemos perceber a cena do trauma revisitada pela memória de Esi e repassada como herança traumática para Ness em forma de histórias para dormir, provavelmente o único momento em que as duas podiam estar juntas depois de um dia de trabalho. Não são histórias de contos de fadas ou fábulas, são histórias de tortura e morte que embalam o sono da menina e ficam registradas em sua lembrança. Esse ato de contar histórias para adormecer os filhos era uma prática comum entre as mulheres escravas, que também cuidavam da casa grande e precisavam colocar os filhos dos patrões para dormir. Tal experiência nos remete à Conceição Evaristo, ao cunhar o termo “escrevivência” para designar a escrita de narrativas de mulheres negras, que usam a voz para contar histórias de seu povo e passar para as próximas gerações sua cultura e também a literatura oral.

Esi contava para Ness sobre sua terra natal, a viagem no navio negreiro e a experiência de se tornar escrava em uma terra distante. De alguma forma, o sofrimento da mãe tem um impacto na filha, que também vive o trabalho forçado nas *plantations*. O “Barco grande”, como segunda cena do trauma da escravização descrita no romance, apresenta a violência e desumanização, já que são transportados como animais ou objetos empilhados. Sua comparação à “âncora” remete novamente à ideia de que era um “peso morto”, sem significância, o item de uma pilha. Sua origem agora se perdia e se tornava turva. Aos poucos, percebemos que o sentimento de pertencimento e identidade vai se desfazendo, pois em cada espaço traumático ela vai se distanciando do que era. O navio a levava para longe do que a tornava humana, das suas origens, dos laços familiares e sociais dos quais fazia parte antes.

As *plantations* representam na narrativa o terceiro lócus da cena em que acontece o trauma. *Plantation* era um sistema que vigorava no Sul dos Estados Unidos, onde utilizavam a exploração colonial, na qual o administrador do grande latifúndio dominava a vida de todos que cercavam e habitavam em suas terras. E, trabalhavam com o modelo da monocultura, isso é, a plantação de um produto específico para exportação. No caso da narrativa, tanto Ness, como sua mãe Esi, trabalharam no sistema das *plantations* na cultura do algodão.

Encontramos relatos do trabalho duro e da violência dos senhores, tanto em Esi como em Ness. Além do trabalho forçado diário, vigorava a violência extrema por qualquer deslize e para manter o controle da obediência dos escravizados. A violência é usada como forma de vituperar tanto o corpo como o emocional, fragilizando qualquer sentimento de pertencer à humanidade. Como exemplos dessa violência, a seguir, o trecho expõe Esi sendo açoitada por falar em seu idioma com a filha:

Ness não tinha certeza se um dia ia se acostumar a ouvir o inglês se derramando da boca de negros. No Mississippi, Esi falava com ela em *twi*, até seu senhor a apanhar fazendo isso. Ele açoitou Esi cinco vezes para cada palavra em *twi* que Ness disse; e quando Ness, vendo sua mãe ser castigada, ficou apavorada demais para abrir a boca, ele deu cinco açoitadas em Esi para cada minuto de silêncio de Ness. Antes do açoitamento, sua mãe a chamava de Maame, em homenagem à própria mãe, mas o senhor tinha chicoteado Esi por isso também. Ele a tinha chicoteado até ela exclamar “My goodness!” — as palavras lhe escapando da boca, sem que ela pensasse, sem dúvida aprendidas com a cozinheira, que costumava dizê-las para assinalar cada frase. E como essas tinham sido as únicas palavras em inglês que saíram pela boca de Esi, sem ela lutar para encontrá-las, Esi acreditou que o que ela estava dizendo devia ter sido alguma coisa divina, como a dádiva de uma filha. Foi assim que aquele “goodness” virou apenas Ness (Gyasi, 2017, p. 112).

A imersão na lembrança traumática mostra a imagem do trauma revisitando a memória de Ness, enquanto descansava deitada com Pinky. A filha ainda criança presencia os açoites, a proibição da sua língua materna, a imposição de outra língua e cultura, transforma essa descrição em uma cena primal do trauma cultural estabelecido pela escravização, conforme Eyerman (2004). Costa (2017) ressalta que o continente africano possui cerca de 54 países, e embora possua mais de duas mil línguas autóctones faladas, a língua inglesa é a língua oficial em cerca de 22 países. Ela destaca que isso demonstra o uso da língua inglesa, - assim como o francês, italiano, português etc.- como um artifício de opressão para dominação colonial, visto que, ao impor a sua língua e cultura, suprime as demais línguas como forma de comunicação, como símbolo cultural. Gana, país africano de origem dos personagens no romance, é um exemplo dessa dominação, pois desde a colonização a língua inglesa foi estabelecida como língua oficial. Como ressalta Costa (2017), isso deixa subentendido que muitas línguas africanas desapareceram ou foram extintas para que o inglês se fortalecesse.

Se isso acontece ainda nos países colonizados, na diáspora não é diferente. Como a obra mostra, essa é uma prática que se pode relatar desde a escravização. Além disso, podemos entender que quando a narradora descreve a punição e a proibição de sua língua e seu nome de nascença, ela evidencia o epistemicídio cultural que subjuguava as pessoas negras em escravização a perder qualquer vínculo com as suas origens e saberes. Ratificamos o pensamento de Sousa Santos (2009) mencionado anteriormente, nessa passagem a obra manifesta o epistemicídio como uma faceta do genocídio, devido à intenção de diminuir, manipular e até mesmo aniquilar saberes tidos como inferiores por pertencerem a raça e etnias diferentes, destacando principalmente a intenção de desumanização do homem e da mulher negra durante a escravização, como representado por Esi e Ness.

Consoante o pensamento de Caruth (1995) sobre a cena do trauma que revisita a memória, isso pode ser observado na sentença que indica a alusão aos pensamentos de Ness: “Ela está de volta no inferno” indica que outra vez ela encontra-se a lembrar-se de seu antigo senhorio e de como conheceu seu marido Sam. Ele era recém-chegado da África, provavelmente da Nigéria, pois falava iorubá. Por uma perspectiva, o comportamento insubmisso dele revelava a sua revolta pela nova condição de sua existência, a lembrança recente de quem ainda era em seu país, a identidade que lutava por sobrevivência. Por outra perspectiva, Ness nasceu nas plantações e aprendeu desde cedo a fazer o seu trabalho, sua existência se dividia entre as histórias de sua mãe e o seu trabalho nas *plantations*. Ela

nomeia este lugar de “inferno” e o senhor de “demônio”. Essa concepção de sua realidade demonstra a conjuntura de opressão e transtorno em que vivia.

Ela está de volta no Inferno. Está casada com um homem que chamam de Sam, mas que vem direto do Continente e não fala inglês. O senhor do Inferno, o próprio Demônio, com a pele de couro vermelho e um topete de cabelo grisalho, prefere que seus escravos sejam casados, “como uma espécie de seguro”. E como Ness é nova no Inferno e ninguém a tomou para si, ela é dada para acalmar o novo escravo Sam (Gyasi, 2017, p. 125).

Na memória do trauma das *plantations*, enfatizamos a noção de objeto que remete ao significado dessa nova identidade que assumia nas *plantations*, quando ela é “dada” para suavizar o comportamento de Sam. Essa impossibilidade de decisão e controle sobre a sua própria vida conjugal subjuga a mulher a uma condição mais desfavorável que a do homem negro. Essa conjuntura apresenta, conforme Collins e Bilge (2021), os desdobramentos enfrentados pela mulher negra, que precisa encarar a complexa relação desigual por ser do gênero feminino e agravada por ser negra, imigrante e em condição de trabalho escravizado. Percebemos assim a noção interseccional sinalizada no enredo desde as primeiras personagens como Esi, até as gerações futuras, como, por exemplo, no caso de Willie, que mostra a mulher negra como um sujeito subjugado e nas pontas das camadas sociais, sendo assim, excluída e prejudicada em diversas categorias: gênero, raça, imigração e classe social.

Logo adiante, é descrita a vida e principalmente o trabalho nas *plantations* reforçando a ideia de lócus traumático: “No Inferno, ela tinha aprendido a comer em pé: colhendo algodão com a mão direita, empurrando a comida pela boca com a esquerda. Não era algo que fosse necessário fazer na *plantation* de Tom Allan, trabalhar enquanto se comia, mas ela não sabia trabalhar de outro jeito” (Gyasi, 2017, p. 117).

Ainda Seligmann-Silva (2008) destaca a estranheza que a narrativa do trauma causa na testemunha, nesse caso, podemos grifar no leitor, que se torna coparticipante da experiência. De um lado, essa estranheza se dá devido à sensação de irrealidade dos fatos, uma vez que o questionar de sua veracidade, pode ser devido ao choque da visão da cena traumática ter sido realidade. Do outro lado, ele ressalta o viés narrativo que reconstrói a cena, simbolizando o momento traumático, ou o lócus do trauma e, até mesmo, a construção de um sentido para o sentimento fragmentado evocado no trauma, possibilitando que ele suba à superfície ressignificando a experiência e dando uma nova dimensão:

Ao invés da imagem calcada e decalcada, chata, advinda do choque traumático, a cena simbolizada adquire tridimensionalidade. A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. Significa ir da sobrevida à vida (Seligmann-Silva, 2008, p. 69).

Essa nova dimensão que a narrativa desenvolve a partir da memória coletiva e cultural do trauma reitera a concepção de Spaulding (2005) quando afirma que ao reescrever o passado a literatura consegue imprimir na memória coletiva um novo significado, fazendo justiça epistêmica à tentativa de desvinculação da cultura e da humanidade dos povos africanos durante a escravização e desfazendo os estigmas que corrompem a história do povo afro-americano, bem como afirmando sua identidade na sociedade estadunidense.

### **3.2 Transgressão e resiliência na narrativa pós-moderna de escravidão**

As narrativas pós-modernas de escravidão têm o objetivo de reformular o passado por meio de uma reescrita que provoque um novo olhar para história da escravização. Dessa forma, elas atendem a esse clamor pelo testemunho do trauma com um viés promulgador de uma reformulação. Para realizar essa reconstrução, elas trazem personagens que demonstram sua capacidade transgressora e de resiliência e que resistem às injustiças e ao embotamento de suas identidades.

Essa representação pode ser entendida também como uma forma de reafirmar essa identidade coletiva do povo afro-americano, uma vez que esses personagens são construídos de maneira diferente da imagem daquele escravizado ‘bonzinho’ e ‘subserviente’ estigmatizado por algumas narrativas escritas, que representam a escravização pela visão do colonizador. Nesse sentido, podemos observar a presença de personagens que falam e criticam o sistema e os padrões brancos a partir de sua experiência no lugar epistêmico, ou seja, na experiência diaspórica.

Harriet Jacobs (1813-1897) foi uma escrava que conseguiu fugir e escrever o livro *Incidentes da vida de uma escrava* (2021), relatando a sua própria experiência na escravização do Sul. Essa autobiografia também se configura como uma narrativa americana de escravização, denunciando a desumanização e violência contra pessoas negras, especialmente as mulheres negras, que sofriam com os abusos e assédios de seus senhores. Também é um romance abolicionista, que relatou à população do Norte o que acontecia do outro lado do país.

A obra *Amada* (2018), de Toni Morrison, publicada pela primeira vez em 1987 é uma narrativa americana pós-moderna de escravidão, que traz em seu enredo o contexto escravocrata americano e o momento pós-abolição. Baseada em fatos reais, ela narra a história de Sethe, uma ex-escrava que é atormentada pelo espírito da filha, que ela matou ainda bebê, quando era escrava. De acordo com Spaulding (2005) é uma narrativa construída com o elemento do fantástico, que foge às narrativas tradicionais realistas de escravização, além disso, esse romance traça uma crítica e um olhar para as dores e males gerados pela diáspora e escravização.

*The Underground Railroad: os caminhos para a liberdade* (2018), de Colson Whitehead, inserida na literatura americana pós-moderna de escravidão como uma obra que relata, entre outros infortúnios, a prática comum de separar as famílias durante esse período de escravização por meio da história de Cora, uma jovem escrava que comete a transgressão de fugir com o escravizado César pelas ferrovias subterrâneas que cortam o país e levam à liberdade no Norte. A trama se desenrola discutindo esse arcabouço escravocrata, escrita com um viés realístico mágico, traçando a rota de fuga percorrida pelos estados americanos e a luta constante contra a violência e por um lugar no mundo.

O romance *O caminho de casa* (2017) apresenta esse fluxo vital da existência humana, que é transformado por movimentos constantes das intempéries. Tais movimentos revelam a fluidez em que as identidades são edificadas pelas influências do meio e das experiências. Assim, a narrativa apresenta o transcender das personagens femininas marcadas pelo contexto do trânsito migratório, da violência e da segregação racial. Entretanto, esse tornar-se da figura feminina demonstra a força e resiliência de mulheres negras que conseguem transpor e transgredir ao se refazer mesmo diante do trauma.

Ness é uma personagem construída com características do ser transgressor. Mesmo nascida e criada em meio ao trabalho das plantações, ela apresenta uma postura consciente da subjugação de sua realidade e procura uma maneira de sair da plantação em que trabalhava para cuidar e criar seu filho ainda bebê, Kojo. Junto com seu marido Sam, também um personagem transgressor, fogem com a ajuda de Aku, uma mulher que ajudava escravizados a fugirem para o norte, onde seria possível viver em liberdade:

Ness e Sam conversavam sobre isso todas as noites que passavam juntos. “Não se pode criar um filho no Inferno”, Ness repetia inúmeras vezes, pensando em como tinha sido roubada da própria mãe. Quem sabia quanto tempo ela teria com seu filho perfeito, antes que ele se esquecesse do som da sua voz, dos detalhes do seu rosto, do jeito que ela se esquecera dos de Esi? E quando Sam por fim concordou,

eles mandaram avisar Aku, dizendo-lhe que estavam prontos, que esperariam pelo sinal dela, uma antiga canção em twi, cantada baixinho na floresta como que carregada por folhas sopradas pelo vento. E assim eles esperaram. [...] A canção veio na primavera, tão delicada que Ness achou que talvez a tivesse imaginado, mas logo Sam estava pegando Jo num braço e Ness no outro; e eles três deixaram para trás as terras do Demônio pela primeira vez de que pudessem se lembrar (Gyasi, 2017, p. 133).

O ato transgressor de Ness e de seu marido se deu em forma de fuga, mas o final não foi como desejado, pois, acabaram sendo perseguidos e se entregaram, para que o filho pudesse continuar a jornada rumo à liberdade. Eles são levados de volta a *plantation*, seu marido é enforcado e ela açoitada até ter a pele do corpo deformada. Essa tentativa de fuga para a liberdade é uma característica comum entre as narrativas de escravidão, podendo ser considerada como um ato de transgressão.

Ness também é uma personagem que resiste à desumanização de suas emoções, resiste como ser protetor que protege o marido quando em um ataque de fúria ele destrói todo o alojamento e para livrá-lo da punição ela assume a culpa pela destruição que ele causou e é açoitada até ficar inconsciente. Em outro momento, para proteger a menina Pinky de sofrer agressões físicas do filho do senhor Tom Allan, seu instinto maternal a impele a segurar a vara que iria usar, e o menino cai, provocando a ira do pai.

Sua resistência em aceitar as injustiças contra seus semelhantes demonstra também a capacidade de resiliência que ela possui de se reconstruir, mesmo depois de todo sofrimento na *plantation* anterior, a fuga interrompida, a falta de notícias do paradeiro do filho, a morte do marido, a violência sofrida. Ela se recupera, continua de pé nas plantações. Sua parte na narrativa termina com ela agradecendo a Deus pela colheita e pedindo pelo seu filho:

Ela considerava o ato de colher algodão como uma prece, como o tinha considerado desde o dia em que viu a cabeça de Sam. Quando curvava o corpo, dizia: “Senhor, perdoa os meus pecados.” Quando arrancava o algodão: “Livra-nos do mal.” E quando se erguia, ela dizia: “E protege meu filho, onde quer que ele esteja” (Gyasi, 2017, p. 136).

Através da personagem Ness, a autora constrói o devir das mulheres negras que, assim como ela, viveram a dor do deslocamento, da segregação, do preconceito, da violência contra seus corpos, sua maternidade, seus filhos; mas continuamente se reinventavam, se alimentavam daquilo que permanecia apenas nas memórias de suas raízes, no esforço diário

da sobrevivência, mas que a transformou em uma mulher de caráter sólido, que luta pelo seu existir.

### **3.3 Um olhar para dentro da sombra da escravização**

O Norte dos Estados Unidos era uma região que se caracterizava por ser progressista e ter uma economia baseada na indústria e dominada pela burguesia, enquanto o Sul vivia sob os moldes da aristocracia agrária e usava a mão de obra escrava. Já no Norte, a mão de obra escrava era pouco usada, devido à produção industrial, fato que levou muitos escravizados a tentarem fugir para lá, em busca de liberdade e recomeço de vida. Apesar de Ness não saber o paradeiro do filho, ela mantinha a esperança de que seu sacrifício e o de Sam levariam o menino para uma realidade melhor.

No Norte, havia poucos escravizados e a maioria das pessoas negras trabalhavam de forma assalariada; assim, essa região era de maioria abolicionista, que buscava erradicar a escravização no país. A narrativa em estudo mostra de forma notória essa diferença de pensamento entre Norte e Sul, apresentando os detalhes de opressão do Sul, mas também a partir de Kojo apresenta pessoas brancas que lutavam contra esse regime escravocrata, acolhendo, abrigando e orientando os recém-chegados. No trecho à frente, podemos observar a fala do Mathison, homem branco, patrão de Ma Aku e Anna, ao perguntar seu nome, ele responde Kojo e percebe que continua com o nome axânti dado pela mãe, ele salienta: “Privar alguém do seu nome é o primeiro passo”, dissera ele, na ocasião, em tom sombrio. Tão sombrio que Jo não tinha considerado prudente perguntar o que estava pensando: o primeiro passo para quê?” (Gyasi, 2017, p.180). Percebe-se que Mathison entende claramente a intenção de desumanização e epistemicídio cultural da escravização que se inicia, pelo simples fato de perda do nome que revela suas origens, como aconteceu com Ness, chamada Maame pela mãe nos primeiros anos da infância. No caso de Kojo, ele era mais conhecido pelo apelido Jo, que também se assemelhava a um nome americano.

Kojo, filho de Ness, cresceu livre das *plantations*, casou-se com Anna Foster também uma mulher livre; tiveram oito filhos, seus nomes eram dados pela ordem das letras do alfabeto. Mas, a verdade é que, apesar da liberdade no Norte, eles viviam em condições difíceis de repressão e segregação. No capítulo dedicado a Kojo, percebemos que a figura de opressão do senhor da *plantation* foi substituída pela figura da polícia. Kojo e Anna moravam em Maryland, onde existiam muitas pessoas negras livres, entretanto, a narrativa



mostra que mesmo livres eles eram alvos de injustiças e acusações, devido à memória ainda vigente da identidade de escravizados dos seus, que ainda vigorava no Sul.

A reputação de Jo era impecável. Ele vinha trabalhando havia quase dois anos nos navios em Fell's Point e nunca tinha causado problema para ninguém. Mesmo assim, sempre que ocorria um roubo numa embarcação, todos os negros que trabalhavam nas docas eram reunidos e interrogados. Jo estava cansado daquilo. Ele sempre ficava nervoso na presença da polícia ou de qualquer pessoa de uniforme. Até mesmo a aparição do carteiro tinha um dia feito com que ele se escondesse correndo por trás de uma cortina de renda. Ma Aku dizia que ele era assim desde o tempo que passaram nas florestas, fugindo de perseguidores, de cidadezinha em cidadezinha, até que chegaram à casa segura de Maryland (Gyasi, 2017, p. 170).

Acima, observamos a presença do trauma vivido ainda criança durante a perseguição e fuga para liberdade. Essa memória aparece de forma inconsciente, mas pontualmente revisitada por meio da imagem do opressor. Ela é apresentada pela descrição do seu cansaço e incômodo causado pelo uniforme que investia indivíduos de autoridade e poder sobre as suas vidas.

Anna e Kojo viviam o período que precedia a Guerra de Secessão, apesar de serem livres e estarem localizados mais para o Norte do país, a notícia assombrosa de que negros estariam sendo sequestrados e levados para trabalhar de volta como escravizados no Sul causava pavor e com receio disso, muitas pessoas estavam se mudando para outras regiões e até para o Canadá. Apesar das circunstâncias, resolvem ficar em Baltimore pela gravidez avançada de Anna de seu oitavo filho, pela velhice de Ma Aku e por terem construído sua família ali. Viviam de maneira modesta, mas a família deles é apresentada como um núcleo de harmonia e felicidade, e Kojo declara seu desejo de ser um pai presente e amoroso para seus filhos e esposa: “Ser um bom pai parecia a Jo uma dívida que ele tinha para com seus pais, que não conseguiram ser livres. Ele costumava passar muitas noites tentando formar uma imagem do próprio pai” (Gyasi, 2017, p. 175-176).

Anna nasceu livre, ao contrário de Kojo, nunca foi escrava, possuía seus papéis que legitimam a sua liberdade e trabalhava como doméstica na casa de uma família branca que sempre os ajudava. O receio era capturarem Kojo, por ser um fugitivo e por não ser portador de documentos verdadeiros. Jo, como era conhecido pelos mais próximos, se preocupava de todos os dias pedirem aos filhos para conferirem seus documentos, sua preocupação revelava o medo gerado pela lembrança de um dia ter nascido escravizado, de ter fugido:

No passado, Jo tinha sido escravo. Ele era só um bebê, na época. No entanto, cada vez que via um escravo em Baltimore, ele achava que se lembrava. Cada vez que Jo via um escravo em Baltimore, ele via a si mesmo, via o que sua vida teria sido se Ma Aku não o tivesse trazido para a liberdade (Gyasi, 2017, p. 172).

Todavia, foi Anna em um dia qualquer que não voltou para casa. Ela nasceu livre e com documentos originais, mas, é capturada e levada como escravizada para o Sul. Conforme Seligmann-Silva (2008) podemos perceber a presença do teor testemunhal na narrativa quando ela evidencia o momento histórico da criação da lei conhecida como Lei do Escravo Fugitivo<sup>27</sup>, descrevendo o medo instaurado entre a população de ser capturado e voltar as *plantations*. Essa lei permitia a captura e julgamento de escravizados fugitivos para retornarem a trabalhar em lavouras, embora na maioria das vezes não se averiguava se era fugitivo ou não, apenas eram sequestrados e levados de volta para o Sul.

Havia manifestações e protestos pelo norte inteiro, e não apenas entre os negros. Brancos estavam se unindo a eles, como Jo nunca os tinha visto se unirem por nenhum motivo antes. O Sul tinha levado essa luta até o capacho de bem-vindo dos nortistas, quando muitos deles não queriam ter nada a ver com ela. Agora, os brancos podiam ser multados por dar a um negro uma refeição, um emprego ou um abrigo, se a lei dissesse que aquele negro era um fugitivo. E como eles haveriam de saber quem era fugitivo e quem não era? Aquilo tinha criado uma situação insustentável, e quem tinha se sentido determinado a ficar em cima do muro acabou se descobrindo sem muro algum (Gyasi, 2017, p. 190).

A descrição da agitação causada pela promulgação da lei aos Estados do Norte e principalmente as pessoas negras que sentiam a fragilidade de sua liberdade nesse país, denota o testemunho de um temor coletivo instaurado pelo medo de sair de casa, de perder a liberdade, da incógnita de um futuro sombrio. Em *Doze anos de escravidão* (1853), Solomon Northup narra sobre sua experiência parecida com a de Anna, de ser capturado, mesmo sendo livre, levado para o Sul para o trabalho forçado nas lavouras. Quando consegue sua liberdade, volta para sua família e escreve sua autobiografia.

O silêncio sobre o paradeiro de Anna e o bebê, que estava para nascer de nome H, também faz parte do testemunho do sofrimento de muitos casos de famílias que não sabiam o que havia acontecido com seus familiares, filhos, cônjuges etc. O silêncio grita na narrativa, causa náuseas e ansiedade ao leitor que espera pela volta deles. No entanto, nada é mais falado sobre eles, somente no capítulo que conta a história de H é descrito o fim que teve sua mãe: “— Meu antigo senhor disse que era assim que minha mãe me chamava. Eles

---

<sup>27</sup> Aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos em 18 de setembro de 1850 que permitia a captura e devolução do escravo fugitivo para seu antigo “senhorio”.

pediram pra ela me dar um nome direito antes de eu nascer, mas ela não quis. Ela se matou. O senhor disse que tiveram que cortar a barriga dela pra me tirar antes de ela morrer” (Gyasi, 2017, p. 247).

A autora deixa pistas para o leitor do trauma sofrido por Anna, sua saúde mental foi abalada a ponto de tentar contra própria vida estando grávida. Apesar da ausência de detalhes, pode-se compreender esse ato de desespero como característica do estado emocional em choque e depressivo da personagem. Para Freud (2010), o meio e os acontecimentos traumáticos, como, por exemplo, mudanças sociais e o pós-guerra, são possíveis influências para o desenvolvimento do quadro depressivo. Se analisarmos a mudança repentina e trágica de vida de Anna: de uma mulher livre, mãe, esposa, perto de dar à luz, para se tornar uma escrava, trabalho forçado longe da família e a violência da captura e do tratamento do seu senhorio. Diante desse desencadeamento de mudanças negativas, compreendemos que ela possivelmente esteve depressiva e tirou a própria vida.

### **3.4 Willie: um canto de liberdade**

Willie é filha de H, neta de Kojo, bisneta de Ness, tataraneta de Esi. Ressalte-se que existe uma ruptura no relacionamento de uma geração para outra, uma vez que foram separados de seus filhos. Esi e Ness trabalharam nas lavouras; Kojo viveu sem conhecer os pais, que possibilitaram sua fuga e sua liberdade, mas viveu sempre atordoado pelo medo de ser capturado. H nasceu escravizado com a memória traumática do suicídio de sua mãe e de quase não ter nascido. Cresceu sem as histórias de seus ancestrais, do país de sua mãe, sem referências culturais. Pouco tempo depois de ser liberado pela Lei da abolição, é preso injustamente pela falsa acusação de olhar para uma mulher branca. É mandado para trabalhar em uma mina de carvão para pagar pela sua liberdade e assim segue sua vida inteira. Isso revela que mesmo depois da escravização o homem e mulher negra não conseguiram uma legítima liberdade, visto que precisavam lutar diariamente contra as injustiças, limitações sociais e falta de políticas públicas para enquadrar essa população no mercado de trabalho, mas, principalmente, como parte do povo americano. Conforme vimos no caso de H, ele não conseguiu usufruir de sua liberdade. Porque olhou para uma mulher branca, já foi visto como um perigo e obrigado a passar a vida inteira em um trabalho insalubre, que se pode julgar como extensão do trabalho escravizado.

Willie, a filha, nasceu na cidade dos mineiros, conhecendo a vida subterrânea onde tudo que tinha valor estava debaixo do chão. A narrativa revela a infância, adolescência até a fase adulta dessa personagem. Em todas essas fases, percebe-se a construção de uma personagem resistente e resiliente. Quando criança é descrita como sendo alegre, de firmeza em suas atitudes, mas principalmente ela já tinha definido o que queria para sua vida: cantar. Nota-se que toda a narrativa da vida dela perpassa por essa expectativa de se tornar cantora. Desde criança pedia ao pai para cantar no sindicato dos mineiros. A passagem seguinte mostra a menina se apresentando em uma das reuniões:

- Pronta? – perguntou seu pai. Antes que Willie implorasse para cantar, não se cantava hino nas reuniões do sindicato. Willie assentiu e saiu para o templo, onde todos os membros do sindicato estavam esperando. Ela era jovem, mas já sabia que era a melhor cantora de Pratt City, talvez até mesmo de toda a Birmingham. Todo mundo, mulheres e crianças também, comparecia as reuniões só para ouvir aquela voz cansada do mundo ser emitida por seu corpo de dez anos de idade (Gyasi, 2017, p. 298).

Destacamos a expressão “já sabia”, pois mostra essa postura de uma criança que conhece seu talento, sua capacidade. Esse autoconhecimento reflete-se na sua determinação, pois mesmo aos dez anos de idade já se apresentava diante das pessoas sem timidez e sem titubear. Seu pai, como um dos líderes do sindicato, torna a reunião sindicalista uma oportunidade para a filha se apresentar, porque também reconhece e admira o seu talento. O encontro no sindicato acaba tornando-se um evento, pois chama a atenção das pessoas que vinham para as reuniões somente para ouvi-la. Entendemos ainda que a afirmação “voz cansada”, quando se refere à voz de Willie, na verdade reflete a sua visão sobre a cidade de Pratt City e as poucas expectativas que possuía de se realizar ali. Além do mais, esse cansaço pode referir-se ao sofrimento ancestral repassado pelas gerações. Contudo, ela sentia que poderia ir mais longe, mas para isso precisava ir para onde pudesse ter oportunidade.

A sua descrição como mulher negra sempre parte das impressões que tem ao se confrontar com o outro. Sua identidade é contestada diante das diferenças do que é ser “de cor” naquele país, constatação que provoca no leitor o sentimento de impossibilidade e restrições por ser mulher e negra. A seguir, observamos seu encontro com Robert quando se conheceram:

Willie não era negra como carvão. Tinha visto carvão suficiente na vida para ter certeza disso. Mas, no dia em que Robert Clifton foi com o pai à reunião do sindicato para ouvir Willie cantar, tudo em que ela conseguia pensar era que ele era o garoto negro mais branco que ela já tinha visto. E por ter pensado isso, sua

própria pele tinha começado a lhe parecer cada vez mais com a coisa que seu pai trazia das minas para casa, por baixo das unhas, como um pó nas roupas, todo santo dia (Gyasi, 2017, p. 298).

Asseveramos o posicionamento de Woodward (2007), quando discorre sobre identidades em contexto diaspórico que se transformam a partir do confronto com o outro, o diferente. A personagem reflete sobre si diante deste comparar-se com Robert: “a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades” (Woodward, 2007, p. 21).

Observamos que em sua primeira impressão, Willie afirma que Robert era negro, embora de pele branca. A partir do paradoxo “o negro mais branco”, podemos entender a vinculação de sua identidade ao meio onde ele estava inserido. Embora Robert fosse branco, ele falava, vestia e se comportava como negro. O seu segundo pensamento foi em relação a si mesma, à sua própria identidade, na verdade, ao se comparar com aquele garoto ‘menos’ negro que ela, passou a se sentir tão escura quanto o carvão que o pai carregava em suas unhas e roupas. Essa comparação revela o sentimento de insignificância que o pó, detritos de uma combustão do carvão, ou da própria terra em que habitamos, faz emergir. Ademais, percebemos, também, que o pó das roupas e das unhas além de ser insignificante é sujeira que causa má aparência, sentimento ou estado de inferioridade. Essa referência ao pó também nos remete à origem da criação, de que somos feitos do barro (pó), além disso, aponta para a mesma comparação de si com o pó, que Esi faz quando está no calabouço.

De alguma forma, Willie sentiu-se naquele momento menor que Robert, por ser negra, por ser mulher. A narrativa mais uma vez aponta para a noção de interseccionalidade, trazendo através da personagem desbravadora Willie o sentimento de inferioridade causado pelo contexto social que imprime à mulher negra uma posição minoritária diante das categorias já sinalizadas anteriormente, a saber, gênero, raça, imigração, classe social. Assim, a personagem revela o impacto negativo dessas impossibilidades, que se desembocam, não porque não tem talento ou capacidade, mas por estar enquadrada nessas categorias que rotulam e levam a uma hierarquização opressiva. Entretanto, os dois tornam-se amigos, namorados, casam e têm um filho, Carson. Quando os pais dela morreram, Pratty City não parecia mais o lugar apropriado para eles. Ela queria ser uma cantora famosa, então ir para o norte parecia uma oportunidade de recomeço.

Enquanto vivesse, Willie nunca se esquecerá da sensação de estar no Harlem pela primeira vez. Pratt City era uma cidadezinha mineira, e tudo nela estava voltado

para o que ficava abaixo do chão. O Harlem tinha a ver com o céu. Os prédios eram mais altos do que qualquer construção que Willie tivesse visto na vida, e eram mais numerosos, tensos, ombro a ombro. A primeira inspiração do ar do Harlem foi limpa, sem nenhum pó de carvão penetrando pelo nariz para atingir o fundo da garganta, com um gosto. Só respirar já era empolgante (Gyasi, p. 304).

Ela nos faz pensar em Pratt City como um lugar de sonhos enterrados, um lugar que configurava o trauma, sobre o qual ela descreve ser um lugar de respiração e vida difícil. Enquanto no Harlem, para onde mudaram, respirar um novo ar limpo suscitava expectativas e o sentimento de esperança em melhorar de vida. Robert compartilhava do mesmo sentimento. Contudo, a realidade das ruas do Harlem trouxe apenas dor e frustração. Apesar de acharem que estavam no lugar de muitas chances, essas oportunidades pareciam distantes, sobretudo, para uma garota negra. A primeira vez que saiu com Robert no Harlem para procurar emprego, percebeu que não poderiam andar mais juntos. Em uma loja, o dono o questionou como ele poderia estar casado com uma “negra” e negou-lhe o emprego.

Diante dessa conjuntura permeada pelo racismo, percebemos que a narradora apresenta Willie tentando resistir a esse contexto tão opressor. A personagem, apesar de se sentir frustrada com as desigualdades em relação às oportunidades que apareciam para o marido serem sempre melhores, buscava oportunidades para cantar em casas noturnas.

O excerto abaixo trata de uma das situações racistas que a personagem vive na obra; nesse contexto, evocamos as palavras de Almeida (2018), ao discorrer sobre a raça ser usada como desculpa e fundamento para práticas danosas e que provocam desigualdades. Observamos a personagem colocando-se como alguém capacitada a cantar, mesmo assim, o dono da boate nega a oportunidade devido à tonalidade da cor da sua pele:

Ela era escura demais para cantar na Jazzing. Foi o que lhe disseram na noite em que chegou lá, pronta para o teste. Um homem alto e muito esguio segurou um saco de papel junto do rosto dela. — Escura demais — disse ele. Willie fez que não. — Mas eu sei cantar, sabe? — Ela abriu a boca e respirou fundo, enchendo o balão do seu ventre, mas então o homem empurrou dois dedos contra ela, expulsando o ar. — Escura demais — repetiu ele. — A Jazzing é só para as garotas claras. — Eu vi um homem escuro como a meia-noite entrando aqui com um trombone. — Eu disse garotas, querida. Se você fosse um homem, quem sabe? Se ela fosse Robert, pensou Willie (Gyasi, 2017, p. 311).

Um saco de papel marrom claro foi a medida usada para desqualificar o seu tom de pele, sendo mais escura, não adiantava ter a voz bonita, afinação e talento para música. O homem (proprietário) sequer a deixou cantar e mostrar sua voz. Apesar de sua tentativa de replicar e dizer que sabia cantar, voltou apenas para trabalhar limpando os banheiros, o emprego possível para uma “garota negra” na sua tonalidade. Constatamos aqui que Willie

foi confrontada, pelo menos, e de forma mais direta, duas vezes pelo preconceito e segunda por ser mulher.

Assim, o Harlem foi perdendo o seu encanto para Willie, pois a dureza de existir em um lugar de separação entre negros e brancos tornou a vida do casal mais difícil do que pensaram. O Harlem torna-se um lugar que também configura o trauma da discriminação racial claramente ligada à memória da escravidão. Em Pratt City eram conhecidos em toda cidade como casal unido e sempre estavam juntos. Já no Harlem, o preconceito os impedia de andarem nas ruas, de assumirem seu relacionamento, eram uma família, apenas em casa, pois as ruas não aceitavam um branco e uma negra juntos.

O que “ficar aqui” significou para Willie: todos os dias de manhã, ela e Robert acordavam. Ela arrumava Carson para levá-lo ao andar de baixo para uma senhora de idade, chamada Bess, que cuidava de todos os bebês do prédio por um pequeno pagamento. Robert se barbeava, penteava o cabelo, abotoava a camisa. Depois, os dois saíam a andar pelo Harlem em busca de trabalho. Robert, com suas roupas elegantes, e Willie, com as dela, simples. Ficar aqui significava que eles já não andavam juntos na calçada. Robert sempre andava um pouco mais à frente, e eles nunca se tocavam. Ela nunca mais chamou seu nome. Mesmo que estivesse caindo na rua, que um homem a estivesse assaltando ou que um carro estivesse vindo atropelá-la, ela sabia que não devia chamar seu nome. Uma vez ela o chamou, Robert se virou, e todos olharam espantados (Gyasi, 2017, p. 309).

Acima, é descrito como se configura a experiência traumática do Harlem para Willie, bem diferente do que estava sendo diferente para Robert. Enquanto para Willie as portas de emprego eram limitadas diante do seu sonho, Robert estava conseguindo crescer e se encaixar muito bem naquele novo mundo. A relação entre as roupas simples e elegantes retrata a diferença do que era o mundo para ambos; agora ele se vestia elegante e se comportava como os brancos com quem trabalhava. Sua vida alavancou, a dela permanecia na simplicidade de suas roupas e do emprego que julgavam ser ideal para ela. A distância da rua exacerbou-se entre ambos até a sua vivência dentro de casa, constataram, dessa forma, que não se conheciam mais.

A partir desses excertos, observamos a mudança de comportamento de Robert diante do contexto de segregação. Em Pratt City ele era negro, mas chegando ao Harlem, o branco que havia nele encontrou espaço. Ele estava deslumbrado demais com um mundo de possibilidades que se abria para a sua branquidão. Lembramos as palavras de Hall (2003) sobre a concepção de identidades maleáveis capazes de serem transformadas de acordo com as experiências e seus contextos. Além disso, por meio do personagem Robert que era negro em Pratt City e branco no Harlem, a narrativa salienta a preeminência dos privilégios e

direitos de pessoas brancas, as facilidades de sucesso e a possibilidade de realização na sociedade estadunidense.

Willie não teve as mesmas chances, as portas dos melhores empregos e oportunidades se fechavam para uma mulher negra. A segregação e o racismo separaram Willie e Robert. Partindo desse pensamento, observamos que ela começa a enxergar o Harlem como lugar de Robert, e Pratt City seria o lugar ao qual pertencia, como o carvão escondido debaixo da terra. Destacamos que Pratt City está relacionada ao carvão, como o lugar criado para o negro permanecer sempre olhando para baixo, para o subsolo das suas expectativas, enquanto ela começava a ver o Harlem como lugar para os brancos, pois, para eles, não havia limites. Tal conjuntura nos permite pensar como a identidade da mulher negra é impelida a ver sua identidade fragilizada, além de ter suas expectativas enterradas, subalternizadas. Impedidas de se realizarem, são obrigadas a ocupar apenas os lugares sem visibilidade e sem voz perante a sociedade. Ressalte-se que isso sustenta o pensamento de Eyerman (2004), quanto à noção da identidade afro-americana, que ainda aspirava nuances de uma identidade recém-formada na sociedade estadunidense, no contexto em que vivia Willie, uma identidade contestada e segregada.

Percebemos igualmente a perspectiva decolonial de Maldonado-Torres (2018), presente na narrativa, ao lermos as diversas situações de opressão que Willie passou. No entanto, observamos nela uma personagem que reconhece os contextos que a impelem à subalternidade, porém, encontra maneiras de resistir e transcender, quando solta a voz e finalmente canta diante de todos na igreja do Harlem:

As mãos de Willie ainda tremiam e, num instante de silêncio total, ela deixou o hinário cair no tablado com um forte baque. E todos no templo, a congregação e o pastor, as irmãs Dora e Bertha, e o coro inteiro, se voltaram para olhar para ela. Ela avançou, ainda trêmula, e canto. (Gyasi, 2017, p. 329).

Nesse final, configura-se sobretudo em um “voltar”: às suas origens, aos seus sonhos, a olhar para si, um voltar a ouvir sua voz ecoar e atrair os olhares das pessoas, um retorno a seu pai e família em Pratt City. Quando todas as pessoas da congregação a encaram admiradas, ela relembra o tempo das reuniões do sindicato, ganha forças e libera a sua voz por muito tempo sufocada pelo preconceito das ruas do Harlem. Aqui se percebe sua resiliência, na coragem de soltar a sua voz tantas vezes silenciada; na oportunidade criada por ela mesma, ela se coloca e se manifesta; ela se encontra. A partir desse resgate das memórias do que ela costumava ser acontece o seu “avançar”.



Ao observar a trajetória dos descendentes de Esi e Effia, percebemos a travessia pelas décadas e séculos de lutas que desembocaram em transformações políticas, econômicas, sociais e culturais e influenciaram a formação da identidade do povo afro-americano. Não obstante esse progresso, a narrativa reitera a existência de uma colonialidade de pensamento, que ainda hoje causa conflitos nos laços sociais entre raças diferentes. O tópico, a seguir, que trata da obra *Reino transcendente* (2021), também apresenta esse contexto conflituoso atual, em que o racismo e as injustiças sociais contra os negros são sentidos de maneira palpável nos Estados Unidos.

#### **4 A TRAVESSIA DA DEPRESSÃO EM REINO TRANSCENDENTE**

“É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre,  
à margem de nós mesmos.”

Fernando Teixeira de Andrade

Atravessar é um verbo que indica um movimento ascendente de passar, enfrentar, superar por meio do ir, do mover-se para além daquilo que envolve a existência. Assim, travessias são movimentos que experimentamos durante toda a vida com o objetivo de vencer as intempéries que nos confrontam. No romance *Reino Transcendente* (2021) nos tornamos testemunhas da travessia de uma família em meio à diáspora e à depressão. Essa família enfrenta conflitos gerados pela segregação e discriminação racial, que desembocam na desestrutura e adoecimento da família.

Mama sonha em ir para os Estados Unidos procurar melhores condições de vida e oportunidades para se desenvolver e crescer. Consegue convencer seu marido a irem enfrentar esse desafio. Logo quando chegam deparam-se com a dificuldade de conseguir emprego, Mama é a primeira que consegue como cuidadora de idosos. Já seu marido trabalha como vigilante em uma escola. Eles têm dois filhos Nana e Gifty. A família começa a sofrer com as experiências de racismo, o pai não quer sair de casa, não suporta o tratamento inferior e os olhares para ele, tenta convence-la a voltar para Gana, mas, a mãe não aceita. Ele acaba abandonando a família e voltando para sua terra natal sozinho. Isso desestabiliza a família mais ainda, Nana enfrenta sérios problemas com drogas e morre de overdose. Mama é acometida com depressão após a morte de seu filho e Gifty ainda criança precisa lidar com o abandono do pai, a morte do irmão e a doença da mãe, para isso ela usa como escape os estudos e o trabalho na vida adulta.

Essa narrativa apresenta a relação entre diáspora e doenças mentais, mais especificamente a depressão, mostrando como a vida de imigrantes pode estar inserida em um contexto de difícil adaptação, especialmente para pessoas vindas de países africanos que carregam o legado segregacional da escravização. Para a mulher negra a situação configura-se ainda mais complexa diante do parâmetro de gênero. Mama, Gifty, Nana e Chinchin representam um núcleo familiar que é atingido pelos conflitos raciais presentes nos Estados Unidos.

Aqui o trauma é instaurado dentro das relações interpessoais e sociais, refletindo as reminiscências do trauma cultural da escravização dos povos africanos durante a colonização, mostrando como esse legado histórico ainda fundamenta preconceitos e estereótipos que subalternizam os povos africanos, principalmente aqueles que passam pela diáspora. Confirmando Eyerman (2004), quando elucida que a escravização é um trauma coletivo que se evidencia nas raízes da formação identitária e que se fortalece no memorial histórico. Os conceitos de raça e cor ainda prejudicam a convivência do imigrante, um

estranhamento com outro, o diferente, poderia ser entendido como comum se superado ao passo que o convívio social se estabelecesse. Contudo, percebemos o prevalecimento de algo maior que um estranhamento com o diferente, observamos o preconceito enraizado nos discursos, pensamentos e padrões sociais.

Dessa forma, neste capítulo tratamos de como a obra *Reino Transcendente* (2021) apresenta o trauma que acontece na diáspora e como ele afeta a saúde dos povos imigrantes. Ainda, observamos como as relações são prejudicadas pelos conflitos raciais e sociais, provocando desigualdades sociais e problemas para sobrevivência do afrodescendente no processo de transpor a dor, bem como, construir sua própria história em um país com um histórico segregante como os Estados Unidos.

#### **4.1 Do sonho americano ao paraíso perdido: reminiscências de um trauma coletivo**

O romance *Reino Transcendente* (2021) apresenta os enfrentamentos no contexto diaspórico causados pelas distinções culturais e revela como elas influenciam na formação das identidades. Partindo dessa afirmação, entendemos que o ser humano em diáspora tem como referência sua pátria, pois esse sentimento de pertencimento primeiro parte daquilo que constituiu a sua história, como base e alicerce de sua identidade. Conforme Santos (2008, p. 184): “Os africanos da diáspora procediam de um amplo leque de culturas, línguas e religiosidades diferenciadas, que podiam, assim como seus descendentes, olhar para trás e ver um ponto geográfico originário comum e imaginar um paraíso perdido”.

Santos (2008) traz essa ideia de “paraíso perdido”, em que aquele que se afastou de sua terra natal constrói idealizações saudosas de um lugar que parece ideal. Assim, ao deparar-se com suas raízes, traça um caminho para o autoconhecimento e ressignificação identitária. Esse sentimento de pertencimento, todavia, acontece também com o estranhamento, ao deparar-se com o outro; a partir desse confronto, as identidades também emergem. Assim, a imersão em uma nova realidade, aos poucos possibilita uma transformação de identidades plurais, como salienta Hall (2003) e Woodward (2007).

Nesse pensamento, entendemos que o contexto diaspórico possibilita conflitos consequentes dessa intolerância com o outro, como, por exemplo, o preconceito racial. A obra estudada apresenta essa difícil realidade para as pessoas negras nos Estados Unidos. A narrativa se desenvolve traçando um enredo com vários exemplos dessas desigualdades, as quais esboçam contextos diferentes que nos permitem observar como se estabelecem essas

relações conflituosas, nas quais o negro é segregado e impedido de viver em condições de igualdade.

A obra *Reino Transcendente* (2021), de Yaa Gyasi narra a história de imigrantes ganeses que vivem a experiência diaspórica, o sentimento de deslocamento e o preconceito gerado pela herança cultural da escravização. Ela revela como a mulher negra resiste à opressão dentro de realidades repressoras e limitantes; a ideia de viver o sonho americano começa com a mãe de Gifty. Mama, como a chama a protagonista, fica entusiasmada com o fato de um parente sempre mandar presentes e roupas dos Estados Unidos e convence seu marido a ir para esse país maravilhoso e deixá-la ir primeiro. E logo quando consegue recursos, envia-lhe para que vá ao encontro dela e do filho.

Assim, chegaram ao país dos sonhos, os três: Mama, Nana e seu pai - o Cara do Chin Chin. No romance esses três personagens são chamados pelos apelidos que Gifty usa para se referir a cada um. O apelido Mamba-negra é de sua mãe. É uma cobra negra que vive no deserto do Saara. Essa comparação demonstra a difícil relação entre mãe e filha. Do começo ao fim do romance, elas viviam em conflito ou em silêncio. Buzz era Nana, seu irmão mais velho, o qual retinha sua admiração e carinho.

O Cara do Chin Chin é seu pai, seu apelido “Chin Chin” se deu quando conheceu a sua mãe. Nessa época visitava a banca de comida na qual sua sogra trabalhava, sempre pedindo esse lanche crocante e frito, feito à base de farinha, açúcar, leite e manteiga e, então, todos começaram a chamá-lo de Chin Chin, como era chamada essa iguaria pelos nigerianos. Com o passar do tempo, demonstrando o seu afastamento do pai, ela passou a chamá-lo de O Cara do Chin Chin.

Diante desse quadro, identificamos uma família que vive em diáspora, enfrentando as dificuldades de lidar diariamente com o preconceito. Embora o sonho da mãe fosse conseguir mudar de vida, a família cada dia mais se desfazia. O pai é o primeiro a demonstrar a fragilidade diante da discriminação: ele não consegue lidar com os olhares e insultos; não pode entrar pela porta da frente dos lugares; tem a sua honestidade constantemente posta em dúvida, dentre muitas outras situações com as quais as pessoas negras se deparam diariamente, ainda hoje. No trecho a seguir, observamos como ele reflete sobre sua vida na América em comparação com Gana:

Na minha terra, os vizinhos cumprimentam a gente em vez de virar a cara para o outro lado como se não te conhecessem. Na minha terra, come-se o alimento

recém-colhido. O milho duro da espiga, não mole como o espírito dessa gente. Na minha terra, não existe palavra meio irmão, meia irmã, tio ou tia. Só existe irmã, irmão, mãe, pai. Nós não nos dividimos. Na minha terra, as pessoas podem não ter dinheiro, mas tem felicidade em abundância. Ninguém aqui nos Estados Unidos é feliz (Gyasi, 2021, p. 82).

Percebemos que o pai se referia aos EUA de maneira desiludida e frustrada; em contrapartida, ele lembrava-se de Gana como o lugar feliz e adequado para viver. Esse pensamento do pai corrobora as ponderações de Santos (2008), quando discute que o ser em diáspora pensa em sua terra natal como referência, como um “paraíso perdido”, sendo o único lugar em que poderia encontrar as coisas importantes da vida. A seu ver, nenhum dinheiro ou estilo americano de viver, valeria o preço que ele pagava diariamente. Observamos que sua identidade estava sendo agredida, gerando uma ferida. Essa ideia de “paraíso perdido” reflete a sua identidade em Gana, já que ele se descreve como um homem bem conhecido e admirado. Na nova pátria, sua identidade foi retorcida ao estigma de um “crioulo”; apesar disso, a visão de sua mulher e filhos era bem distinta, embora enfrentassem os mesmos preconceitos, resistiram e tinham esperança.

Para Nana e para mim, era difícil ver os Estados Unidos como nosso pai via. Nana não se lembrava de Gana, e eu nunca tinha ido lá. Southeast Huntsville, na região norte do Alabama, era tudo o que conhecíamos, a localização física de nossa vida consciente inteira. Havia lugares no mundo onde os vizinhos nos cumprimentariam em vez de olhar para o outro lado? Lugares onde meus colegas de turma não zombariam do meu nome, não me chamariam de carvão, macaca, alguma coisa pior? Eu não conseguia imaginar, porque, se imaginasse, se visualizasse esse outro mundo, eu teria tido vontade de ir para lá (Gyasi, 2021, p. 83).

Em sua fala, Gifty demonstra sua compreensão a partir do seu lugar epistêmico, pois toda a experiência que tiveram esteve relacionada à experiência de uma identidade afro-americana contestada pelo preconceito, onde quer que estivesse, fosse na vizinhança, nas ruas, nas escolas etc. Isso corrobora com o pensamento de Grada Kilomba (2008) quando apresenta um contexto em que a discriminação racial se aprofundava nas raízes sociais e se naturalizava no cotidiano na forma de tratar as pessoas; dessa forma, podemos compreender que a experiência diaspórica se confirma como traumática. Percebe-se também que há, em sua fala, revolta e medo, mas não o desejo de sair, porque não tiveram como o pai “a outra experiência do paraíso perdido”. Seu pai não conseguia convencer a mulher e os filhos a voltar para Gana, então ele cria a desculpa de visitar o irmão na sua terra natal e nunca mais retorna. Sua partida é o início para a desestrutura e problemas que se seguem na família.

A autora dá um nome bem sugestivo à protagonista na narrativa: Gifty. É um nome de origem africana usado em nações como Gana e Etiópia. Possui alguns significados, em Gana significa uma ‘garota muito bonita’<sup>28</sup>, já na Etiópia ‘rainha’. Também no inglês Gifty vem de *gift* que significa presente, dádiva. Um nome que nos remete à caracterização da personagem como uma dádiva, uma pessoa com dons, a qual possui características de uma mulher que resiste, luta pela vida e para estabelecer seu lugar no mundo.

Durante a infância, Gifty sentia-se deslocada em casa, porque percebia que o pai e a mãe preferiam o irmão. Na escola, era filha de imigrantes, negra e sem recursos. No excerto a seguir, observamos o preconceito racial no tratamento recebido pela professora e colegas. Além disso, reflete sobre esse sentimento de não pertencimento, autenticando o pensamento de Woodward (2007), ao ter sua identidade confrontada. Contudo, coloca-se como alguém que tem consciência do preconceito quando cogita que a professora escolheu seu lugar no final da sala, sentando-se próximo de alguém que também é preterido pela turma.

- Na verdade, eu sou uma princesa - eu disse a Geoffrey, um aluno na minha turma do jardim de infância que estava sempre com o nariz escorrendo. Geoffrey e eu nos sentávamos a uma mesa, sozinhos, bem nos fundos da sala de aula. Sempre desconfiei de que minha professora me pusera ali como uma espécie de castigo, como se tivesse designado aquele lugar para eu ser obrigada a olhar para lesma de ranho no centro do lábio superior de Geoffrey e sentir meu não pertencimento com ainda maior intensidade. Eu me ressentia com tudo isso me esforçava ao máximo para torturar Geoffrey.

-Não é não-disse Geoffrey. -Uma negra não pode ser princesa (Gyasi, 2021, p. 32-34).

Evocamos as palavras de Almeida (2007), quando discorre que a noção de raça ainda é usada como pretexto para realizar injustiças. Não ter o direito de escolher com quem e onde sentar pode parecer uma coisa bastante pequena, mas nos permite elevar e ampliar essa noção para além da escola, e perceber a presença da interseccionalidade, uma vez que essa negação do direito de escolha e oportunidades para a mulher negra e imigrante se estende a outros ramos, como o mercado de trabalho e política. Além de não se sentir acolhida, sua autoestima também é ferida quando sente a desumanização por parte do colega e da professora que agem de acordo com a perspectiva do colonizador.

Na sua infância, portanto, a protagonista buscava forças e maneiras para enfrentar aquela escola diariamente. Mas sua mãe era sempre ocupada demais, trabalhando, seu pai já havia abandonado a família. A mãe não dialogava, sequer respondia às suas curiosidades

---

<sup>28</sup> Fonte do significado do nome retirado do site: <https://www.thenamemeaning.com/gifty/>

sobre Gana, sua origem: “Fui para casa e perguntei à minha mãe se isso era verdade, ela me mandou calar a boca e parar de importuná-la com perguntas. Era o que ela dizia a qualquer hora em que lhe pedisse para contar histórias” (Gyasi, 2021, p. 33). O interesse pelas histórias reflete a necessidade que Gifty sentia de saber mais sobre sua cultura africana, pois a falta dessas histórias distorcia a sua memória e dificultava a construção de sua identidade.

Conforme Eyerman (2004), a memória é um elemento importante para a formação de identidades. Desse modo, Gifty possui, de um lado, a sua identidade de afro-americana constantemente agredida pelo preconceito; e, do outro lado, apesar de ter nascido em solo americano, sua cor e corpo denunciavam sua identidade de origem africana, que permanecia no vácuo, sem memórias que a pudessem alimentar e a consolidar. Nesse contexto, ela demonstra seu desejo de mudança, de autoconhecimento, para isso, ela precisava mudar sua localização geográfica: “Eu tinha vindo para Califórnia porque queria me perder, me encontrar” (Gyasi, 2021, p.13). Ela enxergou nessa oportunidade a possibilidade de se afastar dos seus problemas, das suas dores e da doença da mãe.

Entretanto, percebemos que ao longo do desenvolvimento da narrativa, a personagem é construída de forma que vai se tornando uma mulher que resiste. Ela encontra motivação na neurociência, estudando o comportamento cerebral de ratos, com o objetivo de descobrir a cura para ajudar as pessoas com problemas de dependências, como o irmão. Ela vai se tornando uma mulher que assume a direção da própria vida e luta, mesmo diante da perda do irmão e doença da mãe.

Observamos ainda a protagonista na vida adulta, madura, alcançando reconhecimento profissional. Ela demonstra ter uma visão crítica sobre o que acontece na política e sociedade:

Eu não queria ser considerada uma mulher na ciência, uma mulher preta na ciência. Queria ser considerada uma cientista, ponto final. E me deixava atônita que Katherine, cujo trabalho saía nas melhores publicações científicas, ficasse satisfeita em chamar a atenção para o fato de ser mulher (Gyasi, 2021, p. 98).

Temos, portanto, uma personagem consciente do racismo, que se posiciona como mulher negra. Capaz de problematizar questões de gênero e da colonialidade. Gifty é uma personagem que vai crescendo aos poucos na narrativa, em busca do autoconhecimento. Opõe-se ao olhar que o outro tem sobre ela, construindo uma identidade nova, como discorre Hall (2003), volátil e que flui. Essa, por sua vez, dialoga com a cultura em que está inserida e com a cultura das suas raízes africanas.



Dessa forma, a autora constrói uma personagem feminina diferente daquela mocinha que espera alguém para encontrá-la e salvá-la, ou da vítima de muitas situações ruins, Gifty é aquela mulher negra e imigrante que constrói a própria história através da educação, de muito trabalho e resistência. Ela declara que essa vontade de viver se dá por ver a sua mãe e seu irmão serem acometidos pelo trauma, depressão e vício: “Eu tinha visto um beco. Assisti quando Nana entrou no beco e assisti quando minha mãe o seguiu. Eu tinha tanta raiva deles por não serem fortes o suficiente para permanecer no lugar iluminado. Por isso, escolhi o que era difícil” (Gyasi, 2021, p. 46). Sua percepção sobre os problemas de sua família lhe trazia muitas dores, tristezas, sentimento de abandono e raiva como ela mesmo descreve acima, porque ela precisava deles, porque não queria outras perspectivas para sua história, mas ao mesmo tempo também a fez entender que não queria estar, nem seguir o mesmo caminho que eles, por isso procurou escape nos estudos da neurociência. Era um desafio para uma mulher imigrante negra chegar ao patamar de doutora em uma das áreas mais difíceis da ciência humana. Mas, ela consegue.

O personagem Nana, dentro da perspectiva da *Necropolítica* de Mbembe (2020), em que o sistema decide quem tem o direito de viver e de morrer, é a personagem do romance que está dentro do índice de sentenciados à morte. Constatamos isso a partir do histórico de vida que o leva ao vício e à morte por overdose. Recapitulando os fatos de sua vida: 1) Nana vive a diáspora desde criança quando os pais se mudam para os Estados Unidos; 2) Sua família passa por diversas restrições financeiras, de moradia, alimentação, saúde etc; 3) Vive em um contexto segregante e com o preconceito racial onde acontecem vários traumas; 4) a separação dos pais e o abandono do pai que volta a Gana é o estopim para sua entrada no vício de drogas que o levou à morte; 5) Nana abandona o futebol, esporte preferido do pai, o qual o incentivava, e começa a jogar basquete. Em um jogo ele sofre uma contusão, inicia um tratamento com comprimidos e a partir de então se torna um dependente químico. A seguir, Gifty descreve quando descobriram a condição do irmão ao encontrarem comprimidos escondidos:

Eu tinha quinze anos, a mesma idade de Nana quando nós descobrimos que ele era dependente. Minha mãe estava limpando o quarto dele quando percebeu. Ela trouxe uma escada da garagem para poder tirar o pó do lustre e, quando pôs a mão no globo de vidro, encontrou alguns comprimidos espalhados. Oxidodona. Reunidos ali, pareciam insetos mortos, que um dia tinham sido atraídos para a luz (Gyasi, 2021, p. 39).

Essa é uma história bem comum de se ouvir em nossos dias sobre pessoas que percorrem o mesmo caminho, segundo os índices de uso de droga e morte. A sequência de fatos evidencia essa ideia de que o sistema desemboca mecanismos de opressão e determina uma possível sentença de vida ou morte, uma vez que a população negra está vulnerável ao racismo, à precária qualidade de vida, à violência e a desestruturação da família que é um dos fatores mais críticos na obra, tudo isso aumenta a vulnerabilidade da existência da população negra:

Em última instância, o terror não está ligado exclusivamente à utópica crença no poder irrestrito da razão humana. Também está claramente relacionado a várias narrativas sobre a dominação e a emancipação, apoiadas majoritariamente em concepções sobre a verdade e o erro, o “real” e o simbólico herdados do Iluminismo (Mbembe, 2020, p. 24).

Acima, Mbembe (2020) discorre acerca de que esse legado vem das ideias iluministas que alimentaram o ideal europeu de soberania e dominação durante a colonização territorial e que de alguma forma continua colonizando os padrões e concepções que afetam as relações humanas e sociais atualmente. A fragilidade do estado emocional de Nana, juntando à falta de estrutura familiar e social o fez ter um encontro com aquilo que parecia aliviar a sua dor. O desejo de se livrar da memória do trauma é uma das causas do consumo de drogas e entorpecentes, a busca pelo esquecimento, apagar da memória, a sensação de alívio momentâneo leva a dependência química, por isso podemos entender que o trauma pode ser um fator de risco que leve ao consumo de drogas. Então, existe uma história de opressão que levou ao trauma e em alguns casos a morte pelo uso de drogas.

Realizando um diálogo com o romance *O caminho de casa* (2017), trazendo um olhar paralelo as duas narrativas, encontramos a personagem Carson, filho de Willie e Robert, que também se torna um dependente em drogas. Relembrando a sua história, observamos que: a) Muda-se para a cidade grande do Harlem com a família ainda criança; b) passa pelo conturbado processo de adaptação e dificuldades financeiras; c) convive com o racismo diariamente; d) os pais se separam; e) tem dificuldade de encontrar emprego na vida adulta; f) inicia no uso de drogas. Ao vislumbrarmos seu histórico percebemos que existe uma semelhança e paralelo entre a história de ambos. Os dois sofrem com o trauma do racismo e de uma sociedade segregante, se tornam vulneráveis aos embustes sociais e de alguma maneira chegam ao consumo de drogas. Embora Carson não tenha morrido de

overdose, ele enfrenta muitos desafios para conseguir se manter sóbrio, tornando sua jornada ainda mais difícil.

Conforme Caruth (1995), esse prejuízo que o trauma causa só acontece por que ocorre uma desintegração das concepções culturais no momento do evento traumático que impede uma percepção avaliativa pelo indivíduo dos fatos, é o choque da realidade ocorrida que desintegra e condiciona o indivíduo as representações deixadas na memória traumática. Isso acontece tanto com Carson como com Nana, ambos tentam apagar a memória traumática pelo alívio causado pelo consumo de drogas.

De acordo com essa perspectiva entendemos que o trauma (do racismo), aqui nos referimos especificamente ao gerado na diáspora pode provocar danos à saúde física, mental e emocional, desencadeando problemas como a depressão. Além disso, podemos supor que pode levar a outros problemas sociais como a dependência química. Esse pensamento corrobora com a proposição de Lacan (2002) sobre a continuação e aumento do racismo como algo mais nocivo e que causa grandes problemas sociais.

#### **4. 2 Diáspora, luto e depressão: limiares de uma conjuntura traumática**

Luto e perdas fazem parte da história de todo ser humano como algo inevitável e imprevisível. Dessa maneira, entender como a humanidade lida e vivencia a dor tem sido um campo de interesse de várias áreas das ciências, como psicologia, sociologia, filosofia e estudos literários. Nesta seção, discutiremos sobre como a depressão assume uma importante representação nesse romance, a partir da personagem Mama, mãe de Gifty, que passa anos convivendo com a depressão. A partir de seus onze anos, a protagonista Gifty precisa assumir as responsabilidades da casa, da sua vida e da sua mãe. Para compreendermos como aquela mulher, que chegou aos Estados Unidos cheia de sonhos, veio a se tornar uma mulher deprimida, precisamos conhecer esse ‘tornar-se’ como uma sucessão de acontecimentos que desestruturaram a sua saúde emocional. Gyasi constrói essa personagem através da visão da sua filha, Gifty, narradora da história, e de como ela teve que lidar com o luto e a patologia da mãe.

Chimamanda Adichie escreve em seu livro *Notas sobre Luto* (2021) sobre sua experiência da morte repentina de seu pai e como teve que lidar com o luto, descrevendo a impossibilidade dessa travessia diante de tanta dor. Ela afirma que precisa assimilar diversos sentimentos negativos como a falta de riso e alegria, a abundante vontade de chorar, a raiva

crescente pela não aceitação, inicialmente, de tudo que se está passando: “O LUTO NÃO É ETÉREO; ele é denso, opressivo, uma coisa opaca. O peso é maior de manhã, logo depois de acordar: um coração de chumbo, uma realidade obstinada que se recusa a ir embora” (Adichie, 2020, p. 20). Destarte, para ela o luto foi um momento de opressão e apesar de saber que é preciso falar sobre isso para que se possa ressignificar e atravessar, ela reforça que essa é uma travessia intragável. Do mesmo modo a personagem Mama, em *Reino transcendente* (2021), vive essa opressão pela tristeza do luto, ela se recusa a falar, recolhe-se e aloja-se em sua própria tristeza, tornando-se cativa de sua dor.

Para Freud “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (Freud, 2006, p. 249). Portanto, o luto está vinculado à perda de um objeto, de algo, entendendo que essa perda pode gerar o sentimento de luto em uns e em outros de maneira diferente pode causar a melancolia. Segundo o psicanalista ambos causam um quadro muito semelhante se diferenciando no quesito da autoestima:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Esse quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. A perturbação da autoestima está ausente no luto; afora isso, porém, as características são as mesmas (Freud, 2006, p. 250).

De acordo com a conceituação acima, ambos causam sintomas parecidos, em que se é atingido pela inibição da ação afetando o cotidiano. Todavia, a melancolia se diferencia por ferir a autoestima da pessoa, fazendo com que haja descrença em si mesmo, e, a crença na impossibilidade de sair do círculo vicioso de perda, dor e tristeza. Ou seja, o sentimento de perda do objeto é transferido para si mesmo, onde o seu ‘ego’ recebe agora todo desvalor, e é esse sentimento que leva o indivíduo à autodegradação e comunicar o seu desvalor sem nenhum constrangimento. O ‘eu’ na melancolia, portanto, passa a ser o objeto perdido. Adiante perceberemos que esse é o caso de Mama logo após a perda do filho, o que em princípio parecia apenas luto se revelou como uma enfermidade mental causada não apenas pela morte dele, mas associado a isso o contexto discriminatório e segregante em que vivia.

A primeira grande mudança na vida de Mama foi o deslocamento de seu país para os Estados Unidos. Embora essa viagem se configure em um sonho americano de viver no país das possibilidades, ele se desfaz diante da conjuntura de segregação ali existente. Dessa forma, os primeiros eventos traumáticos são descritos por meio da violência do racismo. A obra apresenta esse contexto, de maneira enfática, na vivência de diversas situações da vida cotidiana. Observamos, por exemplo, a cena em que um de seus patrões a destrata:

“Não posso acreditar que os panacas dos meus filhos me impingiram uma negra”, ele costumava dizer. O sr. Thomas tinha mais de oitenta anos e estava nos estágios iniciais da doença de Parkinson, mas os tremores não o impediam de ser desbocado. Minha mãe limpava seu traseiro, dava-lhe comida, assistia ao Jeopardy! Com ele, sorrindo desdenhosa quando ele errava praticamente todas as respostas. Os panacas dos filhos do senhor Thomas tinham contratado cinco outras cuidadoras antes da minha mãe. Todas tinham largado o serviço. “VOCÊ FALA INGLÊS”, gritava o sr. Thomas todas as vezes que minha mãe lhe trazia as refeições saudáveis para o coração, pelas quais os filhos pagavam, em vez de bacon que ele tinha pedido. O serviço de cuidadoras domésticas tinha sido o único lugar que contratou a minha mãe. Ela deixava Nana com a prima, ou o levava junto para o trabalho, até o sr. Thomas começar a chamá-lo de “macaquinho”. Daí em diante, na maioria das vezes, ela deixava Nana sozinho enquanto cumpria as doze horas do seu turno noturno, rezando para ele dormir até de manhã (Gyasi, 2021, p. 34).

Notamos que, primeiro, reforça-se a noção de senso comum que as pessoas negras são subjugadas a preencher empregos não valorizados e mal remunerados; muitas vezes, funções rejeitadas por pessoas brancas, quando ela diz que “o serviço de cuidadora doméstica foi o único lugar” que a contratou, e quando fala da desistência das outras funcionárias para a função de cuidadora de idosos, especificamente do impertinente senhor Thomas, que deixava o trabalho ainda mais difícil; um segundo ponto é que a autora faz o leitor presenciar a ação injuriosa do patrão, com palavras depreciativas para com Mama e até mesmo para seu filho. Percebemos, também, o teor testemunhal presente na construção da cena traumática, mostrando insultos como experiência frequente na vida real de pessoas negras.

Mas a mãe de Gifty negava que a atitude do patrão se tratasse de racismo. Sua negação assemelha-se mais a uma fuga, para não enfrentar o preconceito ou uma tentativa de desviar-se dele. No entanto, sua decisão de não levar mais o menino para o trabalho evidencia sua consciência do preconceito e com isso protege seu filho. Porém, apesar de ela quase nunca admitir o racismo, a narrativa apresenta sua percepção sobre os olhares para o marido:

- Acho que as pessoas tinham medo dele - minha mãe me disse uma vez, mas se recusou a me dizer por que tinha chegado a essa conclusão. Ela quase nunca admitia a existência do racismo. [...] Mas quando caminhava com meu pai, ela via como o povo americano mudava diante de homens negros altos. Ela o via tentar se encolher de tamanho, com as costas longas e altivas se curvando enquanto ele andava com minha mãe pelo Walmart, onde foi acusado de furto três vezes em quatro meses. A cada vez, eles o levavam para uma salinha perto da saída da loja. Eles o encostavam na parede e apalpavam seu corpo inteiro, com as mãos subindo por uma perna da calça e descendo pela outra (Gyasi, 2021, p. 35).

Como já afirmamos anteriormente, o primeiro a se sentir deslocado foi o pai, que deixou de sair de casa e sentia tristeza e saudades da casa natal. O romance não dá detalhes sobre o seu comportamento se era depressivo ou não, mas o fato é que ela deixa pistas para perceber que a diáspora estava se tornando um lugar do choque traumático. Constatamos isso, quando a própria mãe declara: “Queria fazê-lo sair daquela situação medonha; e para isso precisava ela mesma sair de sua própria” (Gyasi, 2021, p. 35). Aqui compreendemos sua consciência de que ambos estavam em uma situação que trazia transtornos emocionais e sociais. Para o marido, a solução estava clara: voltar para sua terra natal; e assim o fez, além de tentar reconstruir a sua vida. Mas, para Mama, voltar já não era uma opção desejada, ela continuava apegada ao seu sonho de mudar de vida.

Para ela, instauraram-se dois choques ao mesmo tempo, o racismo e o abandono do marido. Além disso, precisava, agora, lidar com o abandono e com suas emoções afetivas rompidas. Retomando novamente as ideias de Freud, de que a depressão pode ser considerada como a “patologia das mudanças”, ele chama a atenção para os fenômenos sociais que de maneira negativa impactam as emoções e a mente das pessoas. Se entendermos que a diáspora por si só já se configura em uma grande mudança de vida ou se pensarmos que além do estranhamento geográfico, também acontecem os conflitos de divergências raciais, podemos concluir que esse é um quadro bastante propício para desenvolvimento da depressão.

Embora apresentasse a ferida causada pelo preconceito, a personagem Mama continuava trabalhando e cuidando da sua casa e filhos. Ela só sucumbiu à depressão depois da morte, por *overdose*, do filho; o que revela que esse pode ter sido o maior evento traumático. Por isso, podemos considerar que o estopim tenha sido a perda do filho ainda jovem, isso é, o luto associado ao contexto de discriminação racial.

Depois que meu irmão morreu, ela se recusava a chamar sua doença de depressão. “Os americanos é que ficam deprimidos na televisão e choram”, dizia ela. Minha mãe raramente chorava. Lutou contra o sentimento por um tempo, mas aí, um dia,

não muito depois do experimento do Ovo Nu, ela subiu na cama, se enfiou debaixo das cobertas e não quis se levantar. Eu tinha onze anos (Gyasi, 2021, p. 45).

Nesse excerto, o leitor se depara com a primeira crise depressiva grave que a personagem vive, quando o cansaço causado não pelo trabalho, mas pela dor do luto e da ferida traumática a abateu em sua cama por toda sua vida. Peres (2010) descreve os sintomas da depressão como: tristeza, dor na alma, a perda do prazer pela vida, falta de apetite, desejo de morte etc. A narrativa retrata como a mãe apresenta os sintomas, como descritos acima, ela começa com um esgotamento físico e mental que causa a incapacidade de trabalhar, fazer atividades cotidianas como cuidar da própria higiene, ou tomar decisões. Esse trecho mostra também a negação do seu sofrimento, o luto não superado. A anedonia é a palavra da psiquiatria que caracteriza esse sintoma da depressão severa de um desgosto pela vida, pelas coisas que lhe dão prazer: “A anedonia era a sensação de nada, o que mantinha minha mãe na cama” (Gyasi, 2021, p. 249).

A personagem-narradora relata a sua luta e a sua própria dor ao sentir-se negligenciada, abandonada pela mãe, que não lutava por si própria; assim, tal situação a fazia sentir-se mais rejeitada e ressentida com a mãe em sua tenra idade. A seguir, outro sintoma é apresentado, a falta de apetite misturada à indisposição. Ela não se levantava sequer para comer, sua filha preparava as refeições e insistia para que a mãe se alimentasse com “qualquer coisa” em seu quarto.

Por favor, levante-se - eu lhe dizia todos os dias antes de sair para a escola, sacudindo com vigor seu braço, seu torso, suas pernas, até ela emitir algum som evasivo para mim, algum gesto que tranquilizasse minha mente, que me permitisse acreditar que, talvez, aquele fosse o dia (Gyasi, 2021, p. 237).

O sentimento de culpa vivido pela pessoa depressiva pode levá-la à tensão, à falta de autocompaixão, ao desequilíbrio de suas emoções e a atitudes extremas de se autocondenar. Muitas vezes, ela vem em forma da memória, que atravessa a cena repetidas vezes, como uma ruminação dos fatos acontecidos. Em determinado momento na narrativa, Mama revela que se sentia culpada pela morte do filho, por não ter deixado o pai levá-lo consigo para Gana e, assim, o teria livrado dos transtornos do vício e da sua morte: “- Me perdoa. Eu devia ter deixado que ele o levasse. - Quê? Quem? - perguntei. - Ele queria levar Nana para Gana, e eu disse que não. Ah, Awurade, por que eu não deixei ele levar Nana?” (Gyasi, 2021, p. 238).

Ao expor as diferenças entre luto e melancolia, Freud (2006) esclarece que no luto acontece a perda do objeto ‘estimado’, como no caso de Adichie que perde o pai e a personagem Mama perde o filho primogênito. Já no caso da melancolia a perda é do ‘Eu’, de si mesmo, a dificuldade de se encontrar, de se perceber fora do contexto da dor e da tristeza: “[...] se partirmos da analogia com o luto, concluiremos que ele sofreu a perda de um objeto; se partirmos do que ele nos diz, afirmarmos que houve uma perda no seu Eu” (Freud, 2006, p. 107). Assim, no luto a pessoa consegue identificar o que perdeu, já na melancolia, ela se expande para uma dimensão maior prejudicando o indivíduo de enxergar um futuro e sair de um círculo transitório de negatividade porque ele próprio não consegue identificar o que foi perdido. Entende-se também que a travessia do luto precisa ser superada, de forma que se isso não acontecer, o luto pode também levar à depressão.

Segundo Scliar (2003) em situação de luto prolongado, quando o enfermo não consegue construir um significado simbólico que o ajude a superar sua dor, a depressão que rebaixa sua capacidade intelectual de buscar soluções, quando essa doença inibe a capacidade de vislumbrar um futuro e até sonhar, dado seu agravamento, é possível que em alguns casos ela cause pensamentos de morte. A autora constrói a tentativa contra própria vida como um ato de desespero da mãe:

Ela já tinha perdido o emprego, mas eu não sabia. A empresa de atendimento domiciliar de saúde ligou cem vezes ou mais, mas fazia muito tempo que eu tinha parado de atender o telefone. Eu mantinha minha rotina como se minha rotina fosse me salvar. E então, numa quinta-feira, depois de uns dez dias, entrei no quarto da minha mãe, e ela não estava na cama. Fiquei encantada. Eu tinha conseguido. Como Jesus, eu tinha feito com que ela saísse. Fui procurá-la na sala de estar, na cozinha. Seu carro ainda estava na garagem, e foi só quando vi aquele Camry bege ali, com os faróis como olhos espiando dentro da minha alma, que eu soube o erro terrível que tinha cometido. Voltei correndo para o quarto da minha mãe, abri a porta do banheiro e a encontrei ali, submersa na banheira com um frasco vazio de Zolpidem na bancada (Gyasi 2003, p. 237).

Esse excerto revela a primeira tentativa de suicídio da mãe. Observa-se que essa narrativa reflete o choque da protagonista, ainda criança, ver sua mãe em estado de quase morte. A cena provoca pavor ao leitor, que acompanha a trajetória da doença da mãe e o sofrimento da filha sozinha. Por causa desse acontecimento, Gifty é mandada para casa da tia em Gana, enquanto sua mãe era tratada no hospital, mesmo a contragosto. Essa experiência no país de seus pais permitiu a ela reviver um reencontro com o pai, mas não possibilitou uma reconciliação. Ela ainda o culpava pelo abandono, ele se tornou só um parente estranho e distante; contudo, conviver com sua tia e imergir um pouco nessa cultura



evocou nela um questionar a vivência na diáspora, um lembrar-se desse “paraíso perdido” que provocava a idealização de uma possível felicidade para família. Observando a mulher alegre, forte que era sua tia, ela se lembrou de sua própria mãe, sentiu falta do que “poderia ter sido” e se perguntou se não teria sido mais feliz ali.

Ela era tão diferente da minha mãe, mas naquele momento, com seus braços me enlaçando, me segurando como era tão raro que minha mãe fizesse, sorrindo animada como minha mãe raramente sorria, eu soube que a mulher que minha mãe poderia ter sido. Minha mãe merecia ser feliz assim, sentir-se assim tão à vontade em seu corpo e no mundo (Gyasi, 2021, p. 258).

A personagem mostra ter ciência da depressão da mãe como decorrência do trauma sofrido na diáspora. E de como esse trauma destruiu a sua saúde e a sua identidade. Gifty percebe o que a sua mãe poderia ter sido, se tivesse permanecido em Gana; provavelmente, seria feliz e à vontade como a sua tia, em seu corpo e no mundo. Vale salientar que esse “à vontade em seu corpo e no mundo” denota o sentimento de pertencimento, de aceitação que ela não teve na América. Da estranheza alheia que invadia seu corpo, revelado na sua cor. Retraindo-se, diminuindo-se, a cada experiência vivida pelo trauma do racismo diariamente, desde os primeiros anos na escola. Essa percepção da personagem corrobora com Alexander (2004) sobre a noção da existência do trauma cultural em vários grupos sociais, aqui especificamente africanos e afro-americanos, a partir do empirismo social conseguem identificar a procedência desses sofrimentos humanos ligados ao legado da escravidão. Retoma-se, portanto, a constatação de Eyerman (2004) de que a escravidão não foi apenas um momento histórico ou uma vivência pessoal das pessoas de determinado período, a escravidão é uma memória coletiva que afeta a identidade de um povo e as relações sociais.

Questões que emergem do sofrimento e do luto podem evocar diferentes formas de lidar com ele e superá-lo, de acordo com cada cultura. Gifty também lidou com o luto, o abandono do pai e o preconceito cotidiano, a seguir ela descreve como se sentia após a morte do irmão: “Naquela época, meu corpo inteiro parecia estar em carne viva o tempo todo, como se caso você me tocasse, a ferida aberta da minha carne latejaria. Agora, criei uma casca, endureci” (Gyasi, 2021, p.40). Aqui é notório sua passagem pela dor e pela ferida do trauma, contudo ela busca vencer esse momento por outra perspectiva, sendo mais forte e buscando escape nos estudos. Dessa forma, evocando Seligmann-Silva (2008) sobre a narrativa de teor testemunhal, a protagonista assume esse papel no romance de testemunha que ao narrar a sua experiência traumática consegue superar e ressignificar o trauma.

Para Mama foi mais difícil passar por essas experiências traumáticas, isso se evidencia até no fato de ela não aceitar o tratamento psiquiátrico, o que aponta para uma compreensão de que essa resistência é influenciada também pela crença de suas origens culturais que lidam de forma diferente com doenças. Abaixo, a narradora reforça por meio da crença de sua mãe esse embate entre os saberes ocidentais e africanos:

Minha mãe tinha detestado terapia. Ela chegou com os braços em carne viva e saiu com os braços em carne viva. Desconfiava dos psiquiatras e não acreditava em doença mental. Era isso mesmo o que dizia. “Não acredito em doença mental.” Afirmava que a doença mental, assim como todas as outras coisas que não aprovava, era uma invenção do ocidente (Gyasi, 2021, p. 44).

É sabido que em quase todos os países africanos, a medicina natural é cultivada, baseada no conhecimento tradicional, para tratamento das doenças, em que o curandeiro ocupa a função de diagnosticar e tratar as doenças a partir da sabedoria passada por seus ancestrais. Nos centros menos desenvolvidos, os medicamentos são, em sua maioria, naturais, feitos com ervas diversas. Além disso, qualquer pessoa que conheça o poder das plantas pode ser vista como um líder espiritual que escuta, dialoga, aconselha também sobre os males da alma e da mente, a exemplo do curandeiro.

Segundo a OMS (2022)<sup>29</sup>, 80% da população do continente africano prefere ser tratada pela medicina tradicional africana. Mama representa essa crença na filosofia de vida africana como uma forma de curar sua enfermidade, a partir de sua maneira de ver o ser humano como físico, biológico, mas também como espiritual. Diante disso, nos Estados Unidos, ela procura a igreja como liderança espiritual para ajudá-la a lidar com sua dor. Ela passa muitos anos por vários tratamentos psiquiátricos, religiosos para lidar com a depressão. Mas, Gifty enxerga que um dos maiores problemas da mãe foi a adaptação no novo país destacando a dificuldade de se acostumar a viver o racismo cotidianamente: “Quando ergueu a cabeça, com o rosto molhado de lágrimas, ela achou que poderia se acostumar a viver nos Estados Unidos” (Gyasi, 2021, p. 36). A sua determinação em viver o sonho americano não a permitiu enxergar como escape a mesma saída que o pai, voltar. Nessa declaração, Gifty nos permite entender que a mãe nunca se acostumou com a nova realidade e era teimosa demais para admitir isso. Então, são muitos conflitos sociais e eventos traumáticos que se

---

<sup>29</sup>African Traditional Medicine Day 2022. WORLD HEALTH ORGANIZATION. 31 ago. 2022. <https://www.afro.who.int/regional-director/speeches-messages/african-traditional-medicine-day-2022>. Acesso em: 21/03/2023

desembocaram a partir da experiência diaspórica, e que interferiram negativamente na mente, no subjetivismo de Mama e causaram a depressão.

As situações traumáticas são construídas bem próximas da realidade e isso traz à narrativa uma verossimilhança que revela ainda mais esse teor testemunhal do trauma presente na obra. Mikić (2022) salienta esse impacto negativo que o legado do trauma racial histórico pode causar aos coletivos e minorias em diásporas, especificamente às pessoas negras, que vivem no contexto migratório, em que perpetua uma sociedade dominada pela supremacia branca:

Embora o trauma que os indivíduos pertencentes a grupos minoritários raciais e étnicos continuem a experimentar em uma sociedade de supremacia branca, possa ser evocado por meio de experiências em primeira mão de violência racial e experiências de trauma vicário em relação à presença esmagadora de discriminação racial contra pessoas de cor, eles também podem ser afetados pelos legados do trauma histórico (Mikić, 2022, p. 102).<sup>30</sup>

Corroboramos a afirmativa de Marijana Mikić de que: “Raça é uma construção social, mas experiências de racismo têm efeitos reais e frequentes na mente e corpo”<sup>31</sup> (Mikić, 2022, p. 101). Tal concepção salienta a diferença entre os conceitos de raça e racismo, ao mesmo tempo em que descreve essa relação conflituosa estabelecida sobre a ideia de uma raça dominante subjugar outra. Além disso, ressalta que esses efeitos por meio dos conflitos podem prejudicar a saúde do corpo e da mente. Através dessa narrativa, a autora consegue criar o contexto que evidencia a doença da depressão como consequência do trauma do racismo. A autora também discute as concepções de senso comum e rótulos sobre doenças mentais e problemas como vícios, através do fluxo de consciência da narradora, que critica e analisa a sua própria história e de sua família que navega pelo sofrimento. A pesquisadora Elizabeth Nzusyo (2021) acredita que a obra *Reino transcendente* (2021) pode contribuir diante de um cenário pós-pandemia, situação na qual muitas famílias passaram pela perda de membros familiares, sua contribuição seria para construção de um discurso global mais amplo sobre como lidar com os diversos tipos de sofrimento humano. Pois, a narrativa apresenta uma família a sofrer vários problemas sociais que acarretam em uma desestrutura

---

<sup>30</sup> *While the trauma that individuals belonging to racial and ethnic minority groups continue to experience in a White supremacist society may be evoked through first-hand experiences of racial violence and experiences of vicarious trauma in relation to the overwhelming presence of racial discrimination against people of color, they may also be impacted by the legacies of historical trauma.* (tradução nossa)

<sup>31</sup> *Race is a social construct, but experiences of racism have real and often traumatic effects on the mind and body.* (tradução nossa)

e acaba adoecendo essas pessoas. Esse é um cenário comum no mundo pós-pandemia, pois cada família passou pela perda de um familiar próximo ou amigo. Conhecer o romance poderia possibilitar as pessoas vislumbrarem como superar o luto e se erguer em uma nova dinâmica familiar.

Ressalta-se que o romance descreve como cada personagem membro da família passa pelas mesmas situações ou similares, lidando diferentemente com o luto e perdas que geram sofrimento familiar. O pai volta para casa natal e se refaz. Nana, o irmão, torna-se um jovem rebelde, tenta focar no esporte, mas devido a um acidente fica dependente de opioides e morre de *overdose*. Mama torna-se uma mulher depressiva, que não aceita tratamento, sofrendo a vida inteira com a doença. Gifty é a personagem que transcende a todo esse quadro de perdas e luto, busca refúgio nos estudos e depois no trabalho, tenta entender e cuidar da mãe. Sua transgressão, na narrativa, se dá em não sucumbir, tentando encontrar a si mesma.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir temas da atualidade é também foco da literatura, uma vez que questões tais como a diáspora surgem com a problemática emergente dos refugiados, por exemplo. Assim, verifica-se a possível associação da patologia depressão com a vivência em diáspora, devido a tantos desafios e problemas sociais enfrentados pelos imigrantes, desde a qualidade de vida precária até a discriminação racial. Compreendemos que os conflitos durante a adaptação social e geográfica do imigrante, sobretudo quando é negro, pode se configurar em um trauma que prejudica a saúde e a identidade coletiva desse povo.

Cathy Caruth (1995) realiza esse entrelaçamento entre psicanálise e literatura quando ela aborda as ideias de Freud e Lacan sobre trauma e constrói uma relação de análise com a literatura, na qual esta é a fonte de observação e pesquisa de como as narrativas de testemunho do trauma contam a história do comportamento humano diante de uma ferida traumática.

Assim, narrativas nos permitem adentrar na problemática racial nos Estados Unidos, já que esse é considerado um país com um histórico de práticas racistas. Dessa forma, as obras contextualizam uma sociedade influenciada pelos moldes do colonialismo, em que os fatos narrados revelam o racismo enraizado nas relações sociais. As personagens, construídas dentro do contexto diaspórico, subsistem em uma situação de opressão, especialmente as mulheres negras, que vivem uma opressão dupla, pelo fato de serem mulheres e negras. Esses contextos de opressão que emergem no texto revelam o teor testemunhal, conforme Seligmann-Silva (2008), que toca o leitor e o torna uma testemunha que sente, conhece e vivencia. Isso faz transbordar as possibilidades de encontros e rompimentos dentro do texto literário.

Contrariando a ideia de um conhecimento universal abstrato, a obra de Gyasi apresenta uma pluralidade cultural e epistêmica, rompendo com os paradigmas que acinzentam a escrita feminina africana. A autora constrói personagens que representam a visão do colonizador, como os padrões que Willie teve, incluindo o dono da boate. Já as personagens, como Gifty, Esi, Ness e Willie, representam a mulher negra que resiste, transgride e transcende a visão limitada da colonialidade. Assim, a narrativa possibilita uma

leitura pelo viés decolonial, visto que a narrativa envolve a perspectiva da colonialidade presente na sociedade como reminiscências do imperialismo europeu.

Dessa forma, o pensamento decolonial vem contribuir para os estudos de escrita literária feminina, uma vez que propõe discussões pertinentes para a pauta de luta pela afirmação da mulher na sociedade global, sobretudo no que se refere à consolidação dessa escrita, buscando romper com paradigmas e abrindo lugar de fala às mulheres. Yaa Gyasi (2017) representa, portanto, a voz da mulher negra em contexto diaspórico, que, ao escrever, transgride e resiste. Dentro do escopo das narrativas pós-modernas de escravização norte-americanas, a autora reescreve essa parte da história dos povos africanos e possibilita ao leitor repensá-la e questioná-la pelo olhar do homem e da mulher negra e ter uma visão dos eventos traumáticos conjecturados dentro de espaços determinados, que marcam a memória do povo afro-americano e africano.

Inferimos nas narrativas a existência da ligação entre diáspora, trauma e depressão, ao considerar que o contexto diaspórico deixa o imigrante mais vulnerável aos eventos traumáticos, pela questão da distância de suas raízes territoriais, o entrecruzamento com uma cultura e realidade diferente, o que pode provocar a discriminação racial e social. Isso é fortalecido pelo legado do trauma cultural da escravização que atenua essa disparidade e olhar de inferioridade, comprometendo a adaptação e inclusão dos povos imigrantes. Dessa forma, o trauma se estabelece tanto de forma individual como coletiva, podendo provocar transtornos mentais, como a depressão.

Os dois romances apresentam essa relação entre diáspora, trauma e depressão. Contudo, percebemos com mais profundidade as discussões sobre depressão em *Reino transcendente* (2021), obviamente por se tratar apenas de um núcleo familiar em diáspora e da experiência dessa família com a depressão, o que permite ao leitor testemunhar uma realidade que acomete muitos imigrantes. Enquanto em *O caminho de casa* (2017) o trauma cultural da escravização e a continuidade de seu legado até os dias atuais são o cerne da trama, que constrói a cena primal do trauma, conforme Eyerman (2004). Essa obra conta como isso maculou a história do povo afro-americano, o que por sua vez acabou fragilizando a construção de uma nova identidade que o incluísse como cidadão(ã) livre e com igualdade de direitos na nação norte-americana.

O romance *Reino Transcendente* (2021) tece essa conjuntura problemática da imigração nos Estados Unidos, onde é possível observar a contínua influência do pensamento e dos padrões colonizadores. Nesse contexto, averiguamos que a obra apresenta

essa relação entre diáspora e trauma, uma vez que o homem e a mulher negra enfrentam diariamente injustiças e discriminações raciais que os levam a viver à margem da sociedade, em condições desiguais e segregantes. Assim, podemos entender que o contexto diaspórico pode causar traumas devido ao racismo, ao desencantamento com a nova pátria que parecia promissora e cheia de oportunidades, as dificuldades sociais e econômicas etc.

A diáspora torna-se um lugar de dor, como é o caso da família de Gifty, que vieram cheios de expectativas em busca do sonho americano de progredir e ter uma qualidade de vida melhor, mas acontece que eles acabam se desestruturando, adoecendo como é o caso de sua mãe que desencadeia um quadro de depressão, o irmão morreu de overdose, seu pai abandona a família e volta para Gana onde acaba se reestruturando e Gifty permanece resistindo a todo o descompasso de sua família, foca em seus estudos, torna-se uma neurocientista e transcende a todo o sofrimento e contexto de impossibilidades a que foi submetida desde a infância.

Desse modo, entendemos que embora Gifty esteja sujeita a toda a trama de dificuldade na narrativa, ela é a personagem que representa a figura feminina que transgride, pois ousa conquistar espaço na ciência, um campo que ela mesmo descreve ser majoritariamente ocupado por brancos quando ela relata ser a única mulher negra no laboratório; e resiste quando não sucumbe diante de toda a carga traumática vivida e reconstrói sua identidade e sua própria história.

Portanto, a autora delinea nesses romances a complexidade existencial de um incessante transcender, de um olhar para as diferenças, em que as personagens com suas particularidades são afastadas e ao mesmo tempo ligadas, em um constante ir e vir, um contínuo “tornar-se”. Assim, ambas as narrativas apontam para um voltar às raízes, como artifício para o autoconhecimento e reconstrução da memória, o que, por sua vez, possibilita reescrever a história dos povos africanos, a fim de reconfigurar a identidade desse povo, maculada pelo trauma cultural da escravização.

A obra *O caminho de casa* (2017) apresenta as características apontadas por Spaulding (2005) para se classificar como parte da narrativa pós-moderna de escravidão, como: tratar do período de colonização e escravização; apresentar uma visão crítica do passado; constrói personagens que fogem aos padrões de ‘bons escravizados’, mas são personagens que lutam pela sua sobrevivência e dignidade diante da subjugação e opressão tanto no período da escravidão como também nos descendentes de Esi e Ness que vivem a herança da colonização; resgata as raízes e memórias africanas contribuindo para a

afirmação da identidade dos povos africanos e afro-americanos que vivem o racismo; como um ato político denuncia as injustiças sofridas pela segregação na sociedade estadunidense.

Gyasi reformula o passado da escravização, recontando como a história dos povos africanos que se cruzaram com os brancos e trouxe o surgimento do povo afro-americano nos Estados Unidos. Contudo, ela não esconde as intempéries e injustiças enfrentadas e reinventadas que configuram hoje como um trauma cultural para essa população. No caso de Ness, ela teve a infância roubada, separada da própria mãe, viu seu marido morrer enforcado, não conseguiu criar o filho, e teve o corpo deformado pelo chicote. Mas, ainda assim, ela se refazia a cada lembrança das histórias da mãe sobre o navio negreiro, ou sobre seus parentes que nunca conheceu, sobre a sua pátria e origem. Sua resiliência era demonstrada porque continuava lutando pela sobrevivência e contra as injustiças. Isso nos remete a relevância da construção da memória dos povos africanos para a reafirmação da sua identidade para além do jugo da escravização.

Embora em *O caminho de casa* (2017) a narrativa trate da história de cada descendente em um capítulo diferente, percebemos que elas estão intrinsecamente ligadas, obviamente pelos laços de sangue, contudo, isso também denota as ligações históricas e factuais que ligam Esi e Effia mesmo nunca tendo se conhecido, ou Esi e Ness, mãe e filhas separadas muito cedo nas *plantations* etc. Separados pela diáspora, pelo trabalho escravo ou pelas injustiças sociais e raciais, as pessoas negras podem enfrentar o problema da falta de propriedade da memória individual, do conhecimento de sua própria origem, isso implica, sobretudo, na construção de uma memória coletiva que reivindique a ressignificação dessa identidade contestada e marginalizada.

Nas duas narrativas também podemos perceber a importância da memória coletiva de um povo para construção de uma identidade coletiva que influencia a individualidade e as crenças sobre si mesmo. Para a população negra a escravização é uma ferida ainda aberta, um trauma cultural consoante Eyerman (2004) que maculou a história e identidade desses povos, sobretudo dos que são descendentes fora dos países africanos. As obras também apontam para um voltar ao resgate das raízes africanas como chave para ressignificar discursos, padrões e pluralizar histórias.

Portanto, aqui a literatura assume esse papel fundamental de reescrever o passado como discute Spaulding (2005), bem como compreender e conhecer as histórias fragmentadas que se ligam e formam um todo. Por isso, a memória é um aspecto importante para a reformulação da história dos povos africanos, resgatando a reafirmação de suas



identidades. Lembrando que a narrativa descreve a escravização como o trauma cultural africano que fragilizou e maculou as identidades desses povos, assim, uma forma de mudar essa história conforme Seligmann-Silva (2008), é justamente tornar o leitor um co-participante, uma testemunha no ato da leitura, o qual por meio da narrativa ele revisita o passado e compreende a história por outro olhar. Enfim, narrar o trauma, além de ser um compartilhamento de dores, torna-se uma ferramenta inclusiva do leitor, e reformadora de ideias, concepções e memória.



## REFERÊNCIAS

- ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. Tradução Marina Vargas. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. New York: 1th ed. Anchor Books, 2013.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. Companhia das Letras, 2021.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Erika Barbosa. EUA: TED, 2009.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- ALEXANDER, Jeffrey C. **Toward a Theory of cultural trauma**. In Cultural trauma and collective identity. University of California Press, 2004.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALVAREZ, A. **O deus selvagem: um estudo do suicídio**. Trad. de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BBC BRASIL. **Depressão será a doença mais comum do mundo em 2030, diz OMS (2009)**. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090902\\_depressao\\_oms\\_cq](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090902_depressao_oms_cq) Acesso em: 23 mai. 2020.
- BBC BRASIL. **'13 Reasons Why' está ligada a aumento de suicídios entre jovens nos EUA, diz estudo do governo americano**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48112247>. Acesso em: 02 set. 2022.
- BELL, Bernard W. **The Afro-American Novel and Its Tradition**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1987.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. 4º ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE DO BRASIL. **Depressão**. 2005. Disponível em: <https://bvsm.saude.gov.br/bvs/dicas/76depressao.html>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. **Légua & meia**: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 4, no 3, 2005, p. 186-202.

BRASIL, Sociedade Bíblica do. **Bíblia de Estudo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **Efua Sutherland**. *Encyclopedia Britannica*, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Efua-Sutherland>. Acesso em 23 jun. 2021.

BRITO, Carina. **Efeito Werther**: como um suicídio pode afetar outras pessoas. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2019/09/efeito-werther-como-um-suicidio-pode-afetar-outras-pessoas.html>. Acesso em: 02 jul. 2022.

BROOKLYN MUSEUM (Brooklyn). **Hrosvitha**. 2020. Disponível em: [https://www.brooklynmuseum.org/eascfa/dinner\\_party/place\\_settings/hrosvitha](https://www.brooklynmuseum.org/eascfa/dinner_party/place_settings/hrosvitha). Acesso em: 02 nov. 2022.

CANDIDO, Antonio. Direito a literatura. **Vários escritos**. 5 ed. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2011.

CARNEIRO, Anna Bárbara de Freitas. Suicídio, religião e cultura: reflexões a partir da obra “Sunset Limited”. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 35, n. 65, p. 15-23, jul. 2013.

CARPENTER, John T. **O conto de genji**: um clássico japonês iluminado. 2019. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/o-conto-de-genji-um-classico-japones-iluminado/>. Acesso em: 02 nov. 2022.

CARUTH, Cathy. **Trauma**: Explorations in memory. The Johns Hopkins University Press: Baltimore/London, 1995.

CARUTH, Cathy. **Unclaimed experience**: Trauma, narrative, and history. JHU Press: Baltimore, 2016.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

COSTA, Marcos R. N. COSTA, R. F. **Mulheres intelectuais na idade média**: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

COSTA, Paula de Sousa. **Americanah**: a literatura africana no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira. Campina Grande, 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Unidade Acadêmica de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino - Universidade Federal de Campina Grande, PB, 2017.

CUNHA, Juliana. **O pulo de Anna Kariênina**. 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-pulo-de-anna-karienina/>. Acesso em: 25 jul. 22.

DE AZEVEDO, A. **Lira dos vinte anos e poesias diversas**. Ateliê Editorial, 1999.

DICIO, Dicionário online de Português. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/depressao/>. Acesso em: 09 dez. 2021.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

EYERMAN, Ron. **Cultural trauma: Slavery and the formation of African American identity**. In *Cultural trauma and collective identity*. University of California Press, 2004.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Serafim Ferreira. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre: Zouk, 2020. 384 p.

FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. Trad. Herculano Villa Boas. São Paulo: Martin Claret, 2020.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Gana; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/gana.htm>. Acesso em 26 jun. 2021.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. (Vol.2, pp. 99-122). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. Neurose e psicose. In **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (Vol. V, pp. 163-171). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O mal estar na civilização. In **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAULTIER, J. **Le Bovarysme, la psychologie dans l'oeuvre de Flaubert**. Paris: Francia, 1892.

GBD, POLICE VIOLENCE US SUBNATIONAL COLLABORATORS. Fatal police violence by race and state in the USA, 1980–2019: a network meta-regression. **The Lancet**, v. 398, n. 10307, p. 1239-1255, out. 2021. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(21\)01609-3](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(21)01609-3).

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GORDON, Lewis R. Prefácio. In FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GROSFOGUEL, R. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. *Sociedade e Estado*, (2016), 25-49. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>. Acesso em: 19 ago. 2022.

GYASI, Yaa. **O caminho de casa**. Trad. Wáldea Barcellos. São Paulo: Rocco, 2017.

GYASI, Yaa. **Reino Transcendente**. Trad. Wáldea Barcellos. São Paulo: Rocco, 2021

GYASI, Yaa. Slavery Is on People's Minds. It Affects Us Still."Interview by Kate Kellaway . **The Guardian**, 8 January 2017 , Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/jan/08/yaa-gyasi-slavery-is-on-peoples-minds-it-affects-us-still-interview-homegoing-observer-new-review>. Acessado em 11/11/2022.

GYASI, Yaa. **Transcedent Kingdom**. New York City: Knopf Publishing Group, 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Aguardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOMERO. **Iliada**. Trad. Manoel Odorico Mendes. Googlebooks: 2009. Disponível em <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>. Acesso em: 01 mar.2022

ILEA-UFRGS. **Ama Ata Aidoo**. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/ama-ata-aidoo-1942/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

ILEA-UFRGS (Rio Grande do Sul). **Amma Darko**. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/amma-darko-1956/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2019. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf), acessado em 10/08/2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2021. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403#resultado>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019. **Atlas da violência 2019**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf). Acesso em: 19 ago. 2022.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2020. **Atlas da violência 2020**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 19 ago. 2022.

INSTITUTO BEM DO ESTAR (org.). **O que "Anna Karenina" me ensinou sobre viver com depressão**. Disponível em: <https://www.bemdoestar.org/artigos/o-que-anna-karenina-me-ensinou-sobre-viver-com-depressao#:~:text=O%20irm%C3%A3o%20e%20a%20cunhada,e%20agora%20ama%20outra%20pessoa..> Acesso em: 25 jul. 2022.

INTERNATIONALES LITERATURFESTIVAL BERLIN (Berlin). **Yaa Gyasi**: [Ghana, US]. 2021. Disponível em: <https://www.literaturfestival.com/autoren-en/autoren-2017-en/yaa.gyasi.ldw-en>. Acesso em: 23 jun. 2021.

JACOBS, Harriet Ann. **Incidentes na vida de uma escrava**. Principis, 2021.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Cobogá: 2008.

KRISTEN, Bialik. 5 facts about black Americans. **Pew Research Center**., 2018, United States. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/02/22/5-facts-about-blacks-in-the-u-s/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

LACAN, J. Televisão [1973]. **Outros Escritos**. Zahar, Rio de Janeiro, 2002.

LACAN, J. Proposição de 9 outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. **Outros Escritos**. Zahar, Rio de Janeiro, 2002.

LAURENT, Éric (2014). **O Racismo 2.0**. Lacan Quotidien, 371. Disponível em: <http://ampblog2006.blogspot.com.br/2014/02/lacan-cotidiano-n-371-portugues.html>. Acesso em: 09 jul. 2022.

LEHRNER, Amy. YEHUDA, Rachel. Cultural Trauma and Epigenetic Inheritance. **Development and Psychopathology**, vol. 30, 2018, pp. 1763–1777.

LIMA, T. C.S. MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis** vol.10 no.spe Florianópolis, 2007. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300004&script=sci_arttext). Acesso em: 19 abr.2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Organizadores Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MARAVILHOSA, A Mente é. **O que é a Síndrome Madame Bovary?** 2017. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/sindrome-de-madame-bovary/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

MARIE de France. **Lais de Maria de França**. Trad. e introd. de Antonio L. Furtado. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARINHO, Fernando. **Segunda geração do Romantismo**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/a-segunda-geracao-romantismo.htm>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Duas honestas cortesãs do renascimento italiano: interseções da cultura humanista, da escrita de mulheres e da sexualidade no século XVI. **Artcultura**, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 185-199, 07 dez. 2012.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Melusina, 2020.

MENDES, Elzilaine Domingues; VIANA, Terezinha de Camargo; BARA, Olivier. Melancolia e Depressão: Um Estudo Psicanalítico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 423-431, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/SZNKctRm7tcwQrPw37DZD4n/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MIANO, Léonora. **Contornos do dia que vem vindo**. Trad. Graziela Marcolin. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MIKIĆ, Marijana. Race, Trauma, and the Emotional Legacies of Slavery in Yaa Gyasi's Homegoing. In: **Ethnic American Literatures and Critical Race Narratology**. Taylor & Francis, 2022.

MONTEIRO, Lúcia. **História da depressão: no canto da vida**. 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/historia-da-depressao-no-canto-da-vida/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

MORENO, Maria Manuela Assunção; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Trauma: o avesso da memória. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 47-61, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982012000100004>.

MORRISON, Toni. **Amada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MUNANGA, Kabengele. A importância da história da África e do negro na escola brasileira. **Diversidade e Educação**: o desafio para a construção de uma escola democrática. São Paulo: Núcleo Interdisciplinar sobre o Negro Brasileiro (NEINB), 2004.

NAMEMEANING. **Gifty name meaning**. 2013. Disponível em: <https://www.thenamemeaning.com/gifty/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

NORTHUP, Solomon. **Doze anos de escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.



NZUSYO, Elizabeth. **Strategies of Navigating Loss, Grief and Despair in Transcendent Kingdom by Yaa Gyasi**. 2021. Tese de Doutorado. University of Nairobi.

OLIVEIRA, Jurema. “As marcas da ancestralidade na escrita de autores contemporâneos das literaturas africanas de língua portuguesa”. (2014) **Revista Signótica** 26 (1). Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/in-dex.php/sig/issue/view/1534/showToc>. Acesso em: 20 mai. 2020.

Organização Pan-Americana da Saúde. **Depressão**. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em: 24 fev. 2022.

PERES, Urania Tourinho. **Depressão e melancolia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

PINHEIRO-MARIZ, Josilene. Maryse Condé e Yanick Lahens como vozes femininas antilhanas: resistência, construção e transgressão. **Caligrama: Revista de estudos românticos**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 37-56, 2020. Disponível em: 2021. <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/17142/1125613837>. Acesso em: 30 jun 2021.

PINHEIRO-MARIZ, J. **O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)**. São Paulo, 2007, 284 f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa – da Universidade de São Paulo, SP - 2007.

PINTO, P.S. **Os Dias da História - Início do Genocídio Armênio**. 2017. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-genocidio-armenio/>. Acesso em: 10 out. 2022.

PLATH, Sylvia. **A redoma de vidro**. Trad. Chico Mattoso. São Paulo: Biblioteca Azul, 2019.

PORTELA, Girlene Lima. **Abordagens teórico-metodológicas**. Projeto de Pesquisa no ensino de Letras para o Curso de Formação de Professores da UEFS, 2004.

QUEIROZ, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RAMOS, Francine. **Ansiedade e depressão no conto O Vestido Novo, de Virginia Woolf**. 2022. Disponível em: <https://livrocafe.com/2020/01/03/ansiedade-e-depressao-no-conto-o-vestido-novo/>. Acesso em: 02 ago. 2022.

RAMOS, Maria Beatriz Jacques. Narcisismo e depressão: um ensaio sobre a desilusão. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia: Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 34, n. 34, p. 71-78, dez. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372010000200010#2](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200010#2). Acesso em: 26 fev. 2022.

RIO GRANDE DO SUL. ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (APERS). **Pesquisando no Arquivo: Louco de Tulipa**. 2017. Disponível em: <https://arquivopublicors.wordpress.com/tag/pedra-da-loucura/>. Acesso em: 26 fev. 2022.

RODRIGUES, A. L. **A língua inglesa na África: Opressão, negociação, resistência.** Campina- SP: Editora da Unicamp. São Paulo: Fap- Unifesp, 2011.

ROSSETTI, Victor. **Cientistas, filósofos e livres pensadores que a inquisição matou (e/ou oprimiu) em nome de Deus.** 2016. Disponível em: <https://netnature.wordpress.com/2016/07/11/cientistas-filosofos-e-livres-pensadores-que-a-inquisicao-matou-em-nome-de-deus/>. Acesso em: 25 out. 2022.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de Psicanálise/**Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUSHDY, Ashraf H. A. **Neo-slave Narrative.** In *The Oxford Companion to African American Literature*. Edited by William L. Andrews, Trudier Harris, and Frances Smith Foster, 533–535. New York: Oxford University Press, 1997.

RUSHDY, Ashraf H. A. **Neo-slave Narratives: Studies in the Social Logic of a Literary Form.** New York: Oxford University Press, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Epistemologias do Sul.** 2009. Organizadores: Boaventura de Sousa Santos; Maria Paula Meneses. Coimbra: Almedina.

SANTOS, José Antônio dos. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. **Desvendando a história da África.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Disponível: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/epub/macedo-9788538603832.epub>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil.** Companhia das Letras, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma. **Pro-Posições**, v. 13, n. 3, p. 135-153, 2002.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet.** São Paulo: Projecto Adamastor, 2015.

SILVA, Daniel Neves. **Genocídio cambojano.** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/genocidio-cambojano.htm>. Acesso em 07 out. 2022.

SLAVE VOYAGES (United States). **Trans-Atlantic Database.** 2020. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso em: 09 jan. 2022.

SOUZA, Thaís Rabanea de; LACERDA, Acioly Luiz Tavares de. **Depressão ao longo da história.** 2018. Disponível em: [https://www.larpsi.com.br/media/mconnect\\_uploadfiles/c/a/cap\\_01\\_72\\_.pdf](https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_72_.pdf). Acesso em: 26 fev. 2022.

SPAULDING, A. Timothy. **Re-forming the past: history, the fantastic, and the postmodern slave narrative.** Columbus: Ohio State University Press, 2005.

TAMIR, Christine *et al.* **Facts About the U.S. Black Population.** 2021. Pew Research Center. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/fact-sheet/facts-about-the-us-black-population/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

TOLSTÓI, L. **Anna Kariênina.** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

UNITED STATES. UNITED STATES CENSUS BUREAU. **Quick facts census.** 2021. Disponível em: <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/US/RHI225221?>. Acesso em: 09 jan. 2022.

UNITED STATES. CENSUS BUREAU. **Income and Poverty in the United States.** 2021. Disponível em: <https://www.census.gov/content/dam/Census/library/publications/2019/demo/p60-266.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

UNITED STATES. UNITED STATES CENSUS BUREAU. **For immediate release.** 2021. Disponível em: [https://www.census.gov/newsroom/releases/archives/2010\\_census/cb11-cn185.html](https://www.census.gov/newsroom/releases/archives/2010_census/cb11-cn185.html). Acesso em: 09 jan. 2022.

UNITED STATES. SUBSTANCE ABUSE AND MENTAL HEALTH SERVICES ADMINISTRATION (SAMHSA). **National Survey on Drug Use and Health (NSDUH): methodological summary and definitions.** Methodological Summary and Definitions. 2019. Disponível em: [https://www.samhsa.gov/data/sites/default/files/reports/rpt23247/2\\_AfricanAmerican\\_2020\\_01\\_14\\_508.pdf](https://www.samhsa.gov/data/sites/default/files/reports/rpt23247/2_AfricanAmerican_2020_01_14_508.pdf). Acesso em: 09 jan. 2022.

WINNICOTT, Donald W. O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família. Trad. bras. José Octavio de Aguiar Abreu. **Explorações psicanalíticas.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

WHITEHEAD, Colson. **The underground railroad: os caminhos para a liberdade.** São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **African Traditional Medicine Day.** 2022. Disponível em: <https://www.afro.who.int/regional-director/speeches-messages/african-traditional-medicine-day-2022> . Acesso em: 17 abr. 2023.

WOOLF, V. **Uma casa mal-assombrada e outros contos.** São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2019.

YOUNG, Allan. **The harmony of illusions**: Inventing post-traumatic stress disorder. Princeton University Press, 1997.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Org. Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. Acesso em 19 abr. 2015